

3.000

1935 - 05 e 06

19

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1935 – ANO: III - Nº 5-6

Anno III — Janeiro a Dezembro de 1935 — Nº V e VI

SUMMARIO

ELEVAÇÃO DA MULHER—*Discurso parangolado*—
D. Agnello Corrêa

Sonetos—José de Mesquita

Deus te abençoe—Nosso Lar—*Poesias*—D. Maria de A. Miller

Coaso—*Poesia*—Ulysses Guibano

Alleluia dos passaros—A Sombra—*Scratos*—Gervasio Fialho

A' memoria de Antonio João—*Poesia*—A. Tolentino de A. M. M.

Meu pae, meu filho—O passarinho—Minha alma a
Deus—*Sonnetos*—José B. de Albuquerque

Considerações sobre o estudo da lingua—*Scrato* de
Caciroz

A pulseira de N. S. da Conceição — Francisco Mendes

Proezas do Batinga — Philogonio Corria

Carinhos maternos—A. Luiza Bastos

A tia de Alice—Franklin Cassiano

INTERCAMBIO CULTURAL:

Um parnaside de Rondonia—Ari Martins

Cruzes no caminho—José de Mesquita

Da leitura da Escripura Santa—Luiz Carlos

A greve no Pretorio — Aurélio Novis

PAGINAS DOS MESTRES

Um trecho d' "A Conquista"—Cecílio Nêto

O "Vareiro"—Eustachio de Campos

PAGINAS CONTEMPORANEAS

A Paz do Chaco—Gervasio Fialho

A Marca da terra—E. Carlos Reis

3 de Abril—Vera Lúcia

Trovozes—A. Luiz de Barros

PAGINAS HISTORICAS

Soneto—Luiz Luz

Palmeira—Luiz Luz

PAGINAS DE NOTAS

Destino do poeta desconhecido—Luiz Luz

Soneto—Luiz Luz

Relatório

Bibliographia

Notas das reuniões

D. AQUINO CORRÊA


Elevação da mulher

CHRISTIANISMO
E
FEMINISMO



DISCURSO DE PARANMYPHO ÀS PROFESSO-
RAS DIPLOMADAS PELA ESCOLA
NORMAL D. BOSCO DE CAM-
PO GRANDE (MAT-
TO GROSSO)
9-12-1934.

*Exmas. Senhoras e Senhores,
Jovens Professoras;*

 NÃO se me faz mister muita arte retórica para encarecer a satisfação, com que venho paranympfar esta linda festa de luz, em que as alumnas formadas na Escola Normal D. Bosco desta cidade, professam hoje, nas aras brancas do magisterio, o formoso ideal de cultivar as almas em flôr das creanças.

Bastaria dizer-vos que vim voando, e nada melhor que as azas celeres do avião, poderia symbolizar a força de attracção, que em mim exerceu o amavel convite das noveis professoras.

E' sempre bello falar á mocidade, porque a palavra é uma semente, diz o Evangelho, e o coração moço é terra virgem e fecunda, onde germina, florece e fructifi-

ca, cento por um, a sementeira luminosa das idéas e das virtudes. O que tanto mais verdade é, em se tratando, como aqui, de almas femininas, almas naturalmente educadoras, isto é, destinadas pela propria natureza a formarem outras almas, pois vemos que é tão natural ás mães nutrirem o corpo como a alma dos seus filhinhos, aquelle com seu leite, e esta com seu amor e seus conselhos. Por isso dizia o grande arcebispo Fénelon que a educação da mulher é mais importante que a dos homens, porquanto ha sempre nesta um suave influxo daquella.

Aqui, porém, se me depara ainda mais, e vejo um auditorio gentilissimo de jovens patricias, que a essa vocação nativa, quizeram juntar a solenne profissão publica de mestras e educadoras. Assim, deixae que vo-lo confesse, prezo em mais tel-as por ouvintes, do que se aqui estivesse a ouvir-me uma assembléa augusta de estadistas ou legisladores. E a razão vol-a darei na conhecida sentença do escriptor francez, que disse: "Os homens fazem as leis, mas as mulheres fazem os costumes". *Les hommes font les lois, les femmes font les moeurs*. Donde se conclue que mais vale instruil-as a ellas, do que a lycurgos e politicos, por isso que, conforme o está insinuando a propria etymologia, não são as leis, senão os costumes, *mores*, que formam e elevam a moral dos povos.

O nosso thema

Um momento houve, entretanto, em que me senti perplexo, e foi no escolher o thema a tratar neste ambiente florido de tantos mimos de "engenho e arte", especie de jogos floraes, em que se corôa de mysticas flôres a intellectualidade feminina. O embaraço,

está claro, não provinha da escassez, mas ao contrario, da vastidão da materia que, desde logo, se me offereceu opulenta, viva, palpitante, tão cheia dessa actualidade sempre flórida, que bem se lhe poderia applicar a mysteriosa expressão de Goethe no segundo Fausto, quando, emfim, por entre as nebulosas dum novo céu empyreo, salva e glorifica o seu famigerado heróe: “o eterno feminino”. Quanto mais amplos e attrahentes os assumptos, tanto mais se impunha e difficultava a selecção para adaptal-os ao logar e ao tempo.

Que fazer? A viagem pelos ares inspirou-me, e o vôo altaneiro da aeronave orientou-me na escolha. Desde quando decollou ella as possantes rémiges de sobre as poeticas aguas do Cuiabá, onde afluviára, até que as pousou nestes planaltos em flôr de Maracajú, donde a terra mattogrossense atalaia os pantanaes e o chaco, foi sempre a mesma impressão que dominou em meu espirito, a sensação de afastar-me da terra para approximar-me do céu, uma ascensão para o azul, uma perenne elevação. D'aqui o thema do meu discurso: a elevação da mulher. Thema é este, como sabeis, que anda no trinque, á maneira de figurino chibante de ultima moda, não porque seja elle novo, sendo antes velho e revelho, mas porque novos e não poucos são os exageros, que sobre elle hoje proliferam e correm mundo.

Perguntareis, porém: como é possível exagerar na elevação da mulher? Não será tanto melhor para ella, quanto mais se eleve? — Sim! Mas ha uma verdadeira e uma falsa elevação, e se pisar em falso é, ás vezes, tão perigoso, muito mais o é subir em falso. E um lepidio poeta italiano, para exprimir o perigo dessas alturas, forjou um vocabulo, que por si só, é já um verso decasyllabo e nos dá, no despenhar precipite das suas syllabas, a harmonia imitativa dum tombo fragoroso:

*Chi troppo in alto va, cade sovente
Precipitevolissimamente!*

Aliás, a sabedoria divina já nos previne das exaltações, que precedem a humilhação e a queda. A sabedoria popular nos aponta as azas fatídicas da formiga. E as proprias fabulas pagãs nos transmittiram dois mythos, que talvez não descaibam aqui, não só pelo que têm elles de instructivo, senão tambem porque podem considerar-se uns como preludios mythicos destas maravilhosas viagens aereas, mais proprias de deuses ou anjos que de homens. E como taes, me vieram elles cantando na memoria, através dos hexametros fluentes e crystallinos de Ovidio, nas suas *Metamorphoses*, que são bem a legenda aurea da mythologia. Reporto-me ás conhecidas e poeticas ficções referentes a Icaro, filho de Dédalo, e a Phaetonte, filho de Phebo, ou seja do Sol, os quaes se elevaram aos ares, aquelle em pennas grudadas com cera, e este no carro paterno do sol, mas afinal, arrasados pela imprudencia propria da idade, vieram a perecer ambos tragicamente. O mais interessante, porém, num e noutro desses episodios, é a coincidencia das recommendações, que, no dizer de Ovidio, fez cada um dos paes ao proprio filho. “Não elevés nem abaixes muito o carro, para não incendiáes o céu nem a terra”, disse Phebo ao filho: o caminho seguro é pelo meio: *medio tutissimus ibis*. (1) O mesmo conselho deu o pae de Icaro: “Se voares muito baixo, o vapor das aguas tornará pezadas as tuas azas; se muito alto, o calor do sol fundir-lhes-á a cêra: aconselho-te que mantenas o meio termo: *medioque ut limite curras*. (2)

Ahi tendes, minhas jovens professoras, o criterio que tambem a nós ha de guiar-nos. A virtude está no meio: é pensamento que vem já do velho Aristoteles: *in medio stat virtus*. Bem se póde dizer o mesmo da verdade. E se é este um principio universal, que sempre nos ha de nortear, muito mais delle precisamos, como de agulha magnetica, ao cruzar estes mares verdes e bravios das reivindicações femininas, onde se navega continuamente por entre as scyllas e as charybdes de

extremadas doutrinas.

Nem pareça menos a proposito, venha eu tratar aqui esta these, porquanto falo a professoras, que são representantes natas e lidimas da cultura feminina; falo em Campo Grande, que é já hoje um vasto centro, onde sopram, de todos os quadrantes, os ventos, que agitam a moderna sociedade; falo, sobretudo, numa hora historica, em que a nova Constituição do Brasil, conferindo direitos politicos á mulher, veio dar ansa a um repullular de exoticas e bizarras ideologias, que sob color de elevar o espirito feminil, pretendem emancipal-os dos mais sagrados deveres, quaes são os que o prendem a Deus, ao lar e ao decoro do proprio sexo.

Venho, pois, dizer-vos que urge, sim, elevar sempre mais a mulher, mas outra elevação não reconheço, maior do que essa, que lhe descortina e aponta o christianismo, elevação insuperavel, que nos lembra essas regiões altissimas e serenas, onde, por entre a brancura das neves e o azul dos céus, desabotôa a flôr dos pin-caros alpestres, cimos olympicos e luminosos, onde ful-gura, obra prima de belleza, que nem a Grecia sonhára, suprema flôr da perfeição humana, o ideal christão da mulher sem mancha: Maria Virgem, mãe de Jesus!

A ereação da mulher

O altissimo conceito que da mulher nos inculca o christianismo, pode-se entrever desde os primeiros capitulos da Biblia, nesse estupendo livro do Genesis, assim chamado, como sabeis, porque nelle se contém a genesis ou origem do mundo e de todos os sêres.

Pasmosa é a superficialidade satisfeita, com que olham para esses e outros livros santos, alguns espiritos contagiados pela escola de Voltaire; onde o canone fun-

damental da exegese consistia em lançar sobre tão sagradas 'cartas, o descredito e o ridiculo. Não lêem, não estudam, não meditam, e por isso desprezam e blasphemam. Os maiores sabios, ao contrario, ahi se lhes depararam as mais supremas e castas delicias. Nesses estudos consumiram a flôr da juventude e nelles se lhes cobriram de cãs as fronte venerandas. Já não podiam viver sem essas lucubrações profundas, por onde sentiam reverberarem clarões da eternidade e do infinito. E devéras, se depois de folhear algum dos primores das letras profanas, abrimos essas paginas veneraveis, experimentamos a mesma impressão que nos empolga, quando, depois de contemplar um monumento da arte humana, por grandioso que seja, repousamos a vista e o pensamento na majestade dos montes ou na immensidade dos mares.

Pois nesse livro divino, e com a simplicidade adoravel dum Deus falando a linguagem dos homens, é que se nos revela a historia da criação do primeiro homem e da primeira mulher, com a tremenda catastrophe da queda original e do paraíso perdido. Bem conheceis tudo isso, e quero apenas pedir a vossa attenção para algumas circumstancias que, em geral, por minusculas e rapidas, passam despercebidas, e nas quaes, entretanto, vejo prefigurada, de alguma fórma, a grandeza primitiva da mulher e dos seus destinos.

Ahi se nos diz que a mulher foi a ultima obra, que sahiu das mãos de Deus. Diz-se-nos mais que o homem foi formado do limo da terra, mas a mulher não: Eva foi tirada do corpo de Adão, adormecido num como profundo extase. Assim é que tambem ella, por certo, vem do pó, mas indirectamente, através dos ossos e da carne do homem, mais do que este, portanto, distanciada e desapegada da terra. Não vêdes nisso, não sei que predestinação da mulher a sêr menos terrena e menos material do que o homem? Não descobris ahi, desde logo, a sua vocação a uma espiritualidade maior,

que ha de sêr todo o segredo da sua belleza e da sua gloria?

Ouvi agora o que nos ensinam os Santos Doutores, commentando lindamente tão singelos versiculos. A primeira mulher, dizem elles, foi extrahida do corpo de Adão, mas não dos pés, nem da cabeça, senão de junto ao coração. E porque? Para indicar-nos que a mulher não é uma escrava do homem, posta a seus pés, nem tão pouco sua senhora pela autoridade da razão, que reside no cerebro, mas só pela autoridade do amor, que tem por séde ou symbolo o coração. Tão grande, porém, é esta força e ascendencia do coração, que o mais astuto dos animaes, a infernal serpente, della se valeu, como sabeis, recorrendo, desde logo, á mediação de Eva, para abater a santidade do character de Adão, o qual desobedece a Deus para satisfazer á sua esposa. Experiencia foi essa tristissima e fatal, mas bem prova que a mulher não precisa de outros poderes, para firmar no mundo o imperio da sua fraqueza.

Onde, porém, o futuro da mulher através dos seculos; refulge com os esplendores dum iris avassalando os céus, é na sentença que, ahí mesmo, fulmina o Eterno contra o principe do mal, transfigurado na serpe: "Porei inimizades entre ti e a mulher... ella ha de esmagar-te a cabeça!" (1).

Não sei de pagina literaria, em que a apparição da mulher sobre a terra, se nos entremostre em tanta belleza, como nesses versetos de ouro, cuja simplicidade escandaliza as vaidades da critica. As filhas de Eva não precisam buscar fóra da Biblia, os pergaminhos da sua nobreza, nem o poema das suas glorias. A propria phantasia grega não se lhe avantajaja, nem mesmo com a creação das suas deusas florindo dentre a espuma dos mares, ou surdindo, armadas de ponto em branco, do craneo de Jupiter Olympio. São poeticas fabulas, que não vencem aqui a poesia da verdade. Esta tem a grandiosidade simples do sublime. Vêde: Deus prepara to-

das as maravilhas do universo para receber a mulher, a ultima das suas obras-primas. E ella nasce dum somno do primeiro homem, como um sonho, uma visão, uma flôr sagrada do céu, brotando-lhe das mãos de Deus. Não surge como Minerva, armada em guerreira, mas em pacifica dominadora. Deus a corôa, desde logo, com a aureola do soffrimento e da paciencia: *multiplicabo aerumnas tuas*, (1) da submissão e da doçura: *sub viri potestate eris*. (2). Mas ao mesmo tempo, transformando essa corôa de espinhos em rosas de triumpho, traça-lhe o mais luminoso dos fadarios: ella ha de ser a inimiga irreconciliavel da serpente do mal, cuja cabeça esmagará: *inimicitias ponam... ipsa conteret!* (3) Não importa que ahi se refira propriamente á maior das mulheres: todas devem imita-la. Resumamos, pois: combater a serpente, eis a missão da mulher; esmagar-lhe a cabeça, eis a sua victoria! Aflora ella assim no mundo, feita alliada natural de Deus para o bem contra o mal: que grandeza! que elevação! e que gloria!

Paganismo e Christianismo

Expulsa do paraiso terreal, sahiu a humanidade a cumprir a sentença, que lhe decretára a justiça divina. Dir-se-ia, porém, que as consequencias do peccado original tenham gravado mais duramente sobre a metade feminina do genero humano. Nos dias paradisiacos, diz um autor, só havia uma serpente no mundo; mas depois, foi num mundo de serpentes, que se viu mettida a pobre Eva. Assim aquella que, a imitação da Virgem Immaculada, devia esmagar-lhes a cabeça, cahiu victima das suas insidias.

E muito para notar é que a misera situação da mulher, tanto mais se agrava, quanto mais florece e re-

quinta a civilização antiga. E os povos que representam a antiguidade o esplendor da cultura pagã, gregos e romanos, são exactamente os que nos offerecem o mais escandaloso espectáculo da depressão moral do elemento feminino. A mulher decae da sua dignidade, e aos pés do homem, nada mais lhe sorri, senão a triste honra de ser uma bella escrava. A polygamia e o divorcio solapam-lhe o throno de rainha do lar domestico. Não sómente nas satyras, nos epodos ou nos dithyrambos dos poetas, mas até nas paginas mais serenas de pensadores, como Solon e Platão, se reflecte essa mentalidade injuriosa aos brios da mulher. A gloria das matronas foi rara e ephemera, servindo apenas para illuminar as tintas sombrias do quadro que vamos esboçando.

Não cabe aqui, por certo, citar exemplos: pode-se, porém, realçar o sombrio dessas côres, frisando o modo leviano e comico, se não fôra tragico, com que se tratavam as esposas, até pelos optimates da epoca. Ahi está Cicero, o grande orador e philosopho, que não acha meio mais simples de pagar as dividas, do que repudiando a sua Terencia, para casar-se com a rica Publia. Scipião, o primeiro africano, famoso em todo o mundo, despede a sua mulher, porque se assoava com muita frequencia, e outro general, não menos celebre que elle, Paulo Emilio, que teve as honras do triumpho romano, gaba-se de ter feito com a sua Papiria, como quem descalça um sapato que aperta. Não foi sem razão que alguém percebeu todo o soluço da alma feminina, atreita ás miserias do paganismo, através deste grito de Medéa, na tragedia grega: "Dentre todas as creaturas, somos nós, as mulheres, a raça mais abjecta!" Quem livrará a mulher de tamanha abjecção? "A graça de Deus, por Nosso Senhor Jesus Christo!" (1)

O christianismo foi o toque de alvorada para as reconquistas femininas. Reivindicando toda a grandeza da mulher, que se vislumbra, como vimos, desde os exor-

dios da Biblia, os Evangelhos puzeram em luz meridiana, a egualdade da sua natureza com a do homem, a sua origem e destinos communs, a sua elevação sobrenatural á sublime condição de filhas de Deus e herdeiras do reino celeste. A mulher voltou assim a sêr a companheira do homem, esse "adjutorio semelhante a elle" de que fala o Genesis. O amor, que se derrancára em amores, ao influxo pagão e brutal do erotismo, Jesus fez mais do que humanizal-o: divinizou-o. E o lar da familia, erecto em santuario, tornou-se inviolavel pela benção do sacramento. Fôra mais que sufficiente esta santificação do matrimonio monogamico e indissoluvél, operada por Christo, para que a mulher reconhecesse no christianismo a maior das suas glórias. Além disto, porém, o espiritalismo proprio e ingenito da mulher, encontrou na religião christã um campo immenso e fertilissimo, onde produziu essa florescencia luminosa de virgens e matronas, que faziam exclamar aos gentios: — "Caspite! que mulheres estupendas são as christãs!" *Papae! quales mulieres apud christianos sunt!*

Só a ignorancia ou a má fé podem acoimar o catholicismo de menosprezo á mulher: não basta citar uma ou outra expressão dos Santos Padres, sem perceber que ellas se referem apenas á mulher perversa. Porquanto, para estigmatizar esta perversão, peor que a dos homens, não sómente os Padres da Igreja, que também as Escripturas, parecem exgotar toda a vehemencia da linguagem biblica.

A mulher em si mesma, porém, nunca foi tão exaltada como no christianismo. Dir-se-ia até que o foi mais do que o homem, não só porque Jesus a encontrára mais aviltada, e a tomou de mais baixo, como também porque, pela apotheose incomparavel de Maria Santissima, collocou uma simples mulher em culminancias inatingiveis a nenhuma outra creatura humana.

E ahi, de tão divinas alturas, a visão dessa mulher, que se ergue com os pés sobre a lua, vestida de sol e

coroada de estrellas, tem sido a inspiradora dos maiores heroismos, de que se possa ufanar o seu fragil sexo. Ella é que inspira as admiraveis mães catholicas, essas, cuja belleza moral irradiou na historia, e essoutras, cujos sacrificios tanto mais heroicos, quanto mais obscuros, enlevam os olhos, senão do mundo, certamente de Deus e dos seus anjos. Ella é que inspira, sobretudo, esses córos angelicos de virgens christãs, que ávidas de mais pura luz, como as cotovias da primavera, elevam-se acima de tudo que é terreno, e extasiadas na contemplação da maternidade virginal de Maria, consagram-se ao Senhor, para lhe dar, como filhos espirituaes, o maior numero de almas, seja pela oração no ermo e entre os cilicios do claustro, seja pela actividade apostolica, nas cidades e nas selvas, nos hospitaes e nas escolas, nos bulcios das obras sociaes ou no estrondo dos campos de batalha, encarnações vivas da Virgem-Mãe, verdadeiras vestaes dos novos templos, onde ve-lam o fogo sagrado dos mais puros ideaes, que embalsamam a terra!

Christianismo e feminismo

Bem se pode dizer, em summa, que o christianismo reconduziu a mulher a um novo paraíso terrestre. Mas assim como no antigo Eden, não lhe faltára a tentação, assim tambem neste. A velha serpente não deixou de sêr a mais astuta das alimarias. Insinuou-se outróra no paraíso, e disse a Eva: "sereis como deuses!" *Eritis sicut dii!* Insinua-se agora nest'outro jardim de delicias, e diz á mulher christã: "sereis como homens!" Daquella primeira seducção nasceu o peccado, desta segunda nasceu o feminismo.

E', de facto, o feminismo uma doutrina, que preten-

de elevar a mulher, mais do que o fez o christianismo, e tornal-a, de todo em todo, egual, se não superior ao homem. Verdade é que poucos são os que o defendem em toda essa crua integridade; aqui, entretanto, o consideramos exactamente, no que pretende elle realizar a favor da mulher, fóra e além dos principios do christianismo. Trata-se, portanto, do feminismo, que pleiteia, na ordem domestica, a extincção do poder marital e a legalização do divorcio; na ordem social, o livre acesso da mulher a todas as profissões, e na ordem politica, o seu direito de votar e exercer todo e qualquer cargo politico.

Não precisamos, nem é o caso de rebater por menor todos esses pontos. Não desceremos tão pouco a provas, que resabem ao materialismo dos laboratorios, e se baseiam no peso dos cerebros e no estudo comparado da physiologia de um e outro sexo. Falo a uma assistencia catholica, e basta aqui o bom senso illuminado pela fé. O divorcio nem se discute: pulveriza-se de encontro á rocha do dogma catholico; aliás, só a loucura das paixões pode levar a mulher ao divorcio, que exactamente para ella, longe de sêr uma taboa de salvação, seria o abysmo e o suicidio. Emquanto ao poder marital, lembremo-nos de que a familia é uma sociedade, e como tal, não póde existir sem autoridade. Se tiramos esta do marido, a quem a daremos? A' mulher? Nem os feministas se atrevem a dizel-o. Aos dois? Mas duas autoridades eguaes geram confusão. A verdade está, pois, na palavra de Deus, que disse á primeira mulher: "estarás sob o poder do teu marido". *Sub viri potestate eris.* (1). Mas este poder marital, como nol-o explica São Paulo, se exerce todo pelo amor: "Maridos, diz o Apostolo, amae as vossas esposas". *Viri, diligite uxores vestras.* (2) O marido é o cerebro, a mulher é o coração da familia; assim se estabelece entre as duas autoridades domesticas essa admiravel e doce gerarchia, que é o encanto dos lares. Accresce a-

qui o senso commum do povo, para quem sómente a-
 quelle que exerce o poder supremo da casa, merece o
 nobre titulo de varão, sendo que para os demais, a propria
 gíria popular cunhou appellidos pejorativos e burlescos,
 que peço venia para citar-vos, condensados neste co-
 nhecido anexim: "Se é varão, só manda elle, e ella não;
 se é varella, ora manda elle, ora ella; se é varunca,
 manda ella, e elle nunca".

Passando do recinto familiar para o mundo social
 e politico, a moral catholica põe dois limites á liberda-
 de feminima: para as casadas o cuidado da familia, e
 para todas a honestidade do sexo. Emancipar a mulher
 destes deveres e destas conveniencias, ao invés de a ele-
 var, seria degradal-a. Mas dentro destas sabias normas,
 que immenso campo para a vossa actividade! E aqui se
 nos antolha, desde logo, o voto feminino, sobre o qual,
 entretanto, nada vos derei, senão isto: não foram os ca-
 tholicos que o pleitearam, nem podiam pleiteal-o, por
 isso mesmo que o catholicismo é intenso a tudo quan-
 to possa afastar a mulher das occupações proprias da
 sua natureza, não só por causa das santas obrigações
 que a isso a ligam, mas tambem porque a sua delicade-
 za não foi feita para certos ambientes, da mesma fór-
 ma que não medram boninas no asphalto das avenidas.
 Uma vez, porém, que a Carta Magna da nova Repu-
 blica vos admittiu ao suffragio politico, já não se trata
 apenas dum direito, se não tambem dum dever da vos-
 sa consciencia christã e patriotica. E a razão é clara:
 se as mulheres catholicas não se alistarem, ou se abs-
 tiverem de votar, irão ás urnas sómente as não catholi-
 cas, e ninguem ha que não veja os corollarios desas-
 trosos, que dahi adviriam para a Religião e para a Patria.

Deixando, pois, á margem o terreno politico, apraz-
 me chamar a vossa attenção para uma reles calumnia,
 que soem os feministas assacar ao christianismo, accu-
 sando-o de se oppor á cultura intellectual feminima. Mon-
 senhor Landriot, arcebispo que foi de Reims, e escreveu

tão formosos volumes destinados á formação espiritual da mulher, transcreve a este respeito uns topicos de antiquissimo escriptor ecclesiastico, Clemente de Alexandria, nos quaes insiste elle sobre o dever que tem a mulher christã de se applicar ao estudo, tanto da philosophia como de outras sciencias. E para melhor persuadir esta verdade, adduz Clemente o exemplo de algumas pagãs, dizendo: "As filhas de Diodoro eram admiraveis na dialectica; varias mulheres frequentavam os cursos de Platão; as lições de Aspasia não foram inuteis a Socrates, sem contar as que brilharam na poesia e na pintura".

Lembra em seguida o illustre prelado francez os nomes de Santa Catharina e Santa Monica: aquella, a nobre virgem e martyr alexandrina, que de si mesma affirmava têr-se exercitado na retorica, na philosophia, na geometria e outras disciplinas; e esta, a inclita mãe de S. Agostinho, a qual costumava discorrer com o filho pelas mais alcandoradas questões philosophicas, inspirando-lhe paginas dum mavioso e immarcescivel encanto. A estas poderiamos juntar uma S. Theresa de Jesus, a seraphica doutora, uma S. Theresinha, a meiga poetisa do Carmelo, e tantas outras, mesmo dentre as almas, que floresceram nas mais elevadas esphas mysticas da ascese catholica.

Factos são estes, que por si já contestam o aleive, de que vamos tratando. Melhor contestação, porém, nos offerecem tantas publicações catholicas, editadas no mundo inteiro, com o fim de illustrar a mentalidade feminina, dentre as quaes me é grato destacar, pela sua novidade e mimo, uma pequenina revista mensal, lançada, ha pouco, no Rio de Janeiro, sob o titulo de "*Luzes Femininas*", e onde, com muita simplicidade e orthodoxia, são estudados assumptos da mais palpitante actualidade para senhoras e moças. Mais do que tudo, emfim, protestam contra essa falsidade, as ordens e congregações religiosas, consagrando innumeraveis obras á educação da juventude do vosso sexo, taes como este mesmo collegio,

que hoje aqui nos acolhe, e cujas pedras, ao passo que clamam contra a mentira, proclamam bem alto as benemerencias do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que nelle estão erigindo, em nossa terra, um verdadeiro monumento á cultura da mulher mattogrossense.

Concluamos, pois, que a Egreja Catholica, longe de contrariar, promove, por todos os meios, o aperfeiçoamento intellectual da alma feminina. O que, porém, deverás ella não admitte, é o baralhamento das leis naturaes, respeito á collaboração dos sexos na organização da familia e da sociedade. O que ella reprova, é que a mulher adopte esses ares e essas liberdades masculinas, que tanto destôam da sua condição, transformando o feminismo num verdadeiro masculinismo, e creando não sei que typo intermediario entre o homem e a mulher, ou como já disse alguém, um terceiro sexo desnecessario e risivel. O que ella condemna, finalmente, é a confusão das attribuições proprias de cada sexo, confusão esta muito peor que a das linguas, porquanto della irromperia sobre a sociedade, a babel dos principios moraes e a babilonia dos mais nefandos costumes.

A mulher forte

O verdadeiro feminismo, se é licito assim exprimir-nos, já o esboçam as Sagradas Escripturas, naquelle ultimo capitulo do livro dos Proverbios, em que se nos traça o magnifico perfil da "mulher forte". E note-se que a versão grega, em vez de "mulher forte", diz precisamente "mulher varonil", o que representa, mais ou menos, o sonho dourado do feminismo.

A mulher, porém, que ahi se equipára ao homem, não é a que abdica os deveres da sua condição e do seu sexo, mas sim, a que sabe cumpril-os com mascula

energia e firmeza. Nella confia o coração do marido, que não precisa de outras riquezas: basta-lhe uma tal esposa. O seu distinctivo é o trabalho: nem de noite, se lhe apaga a vigilante candeia. As suas mãos não desdenham a roca e o fuso; sabem tecer a lã e o linho. No seu lar não faltam as melhores roupas. Vigia e sustenta a casa. Vende os productos do seu trabalho, compra terrenos, planta vinhas, e provê ao futuro da familia.

Mas nem por isso lhe esquecem as obras de misericordia: abre a mão para o necessitado, e estende os braços ao pobre. Cultiva o espirito, para falar com sabedoria e doçura. Não teme as intemperies do tempo nem da fortuna, porque á semelhança dos seus vestidos de purpura e bysso, resplandecem nella, assim a formosura como a fortaleza.

Tal é a mulher forte, que no dizer do livro santo, vale mais que as perolas, e quantas preciosidades vêm das mais longes terras.

Quereis, porém, a synthese de tudo isso? Eil-a, e é o Espirito Santo que nol-a dá ahi mesmo: "a mulher que teme ao Senhor, essa é que faz jus a todos esses louvores": *mulier timens Dominum ipsa laudabitur* (1). Não podia sêr mais clara a conclusão: mulher forte é, pois, a que teme a Deus. Só Deus pode infundir na debilidade innata da mulher, esse animo viril, que a Escripura louva na mãe dos Machabeus: *femineae cogitationi masculinum animum inserens*. (2). Só em Deus vae ella encontrar todas as forças para desempenhar, não só a sua missão natural, mas tambem essoutras extraordinarias, que por vezes lhe confia a Providencia, e que pareceriam mais proprias de varões e gigantes.

Vêde a prophetiza Debora, que á sombra duma palmeira, no monte de Ephraim, governa o povo de Israel, em meio ás maiores calamidades do captiveiro e da guerra. Vêde a bella Judith, que ao sêr sitiada a sua cidade de Bethulia, pelas tropas de Holophernes, desce ao acampamento inimigo, decepa a cabeça do general:

e salva a patria, "desbaratando os assyrios com a formosura do seu rosto". Vede, sobretudo, essa figura incomparavel de Joanna d'Arc, em cuja historia se entrelaçam o idyllio e a epopéa, a candida donzella de Orléans, que á frente dum exercito, liberta a França, põe-lhe no throno Carlos VII, e triumpho hoje nos altares catholicos, verdadeira e gloriosa amazona christã, pastora que se fez cabo de guerra, para attestar a todos os seculos, o que pode a mulher inspirada por Deus.

Escutae agora esta pequenina historia. "Havia em certa cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava os homens. Havia tambem na mesma cidade uma viuva, que costumava ir tẽr com elle, dizendo: "Faça-me justiça contra o meu adversario". E elle, durante muito tempo, não quiz attendel-a. Mas depois disse consigo: "Ainda que eu não temo a Deus, nem respeito os homens, todavia, como esta viuva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que, por fim, não me venha a quebrar a cara". Que vos parece? Não tendes a impressão de estar ouvindo alguma façanha daquellas celeberrimas suffragistas inglezas, capazes de quebrar caras, como quebravam outróra vidraças nas ruas de Londres? Longe disso. Quando se passou esse facto, não se cogitava ainda de suffragismo nem feminismo. Basta dizer que foi o proprio Divino Mestre quem nol-o contou: lá está elle no capitulo XVIII do Evangelho de S. Lucas. Verdade é que os traductores, em geral, mitigam ahi a expressão, como, por exemplo, o nosso classico Padre Figueiredo, que em vez de "quebrar a cara" diz "carregar de affrontas." Mas a força do original grego, conforme observam os entendidos, quer dizer propriamente quebrar, ou pelo menos, amassar a cara.

Vede, pois, como Jesus exalta ahi o valor do sexo debil: aquelle juiz não temia a Deus, nem respeitava os homens, mas teve medo da mulher. O evangelista não diz que ella o tivésse ameaçado de quebrar-lhe a cara, nem é de crẽr que o fizesse, por isso mesmo que não

qual naturalmente só confiava em Deus, que o magistrado recebeu alguma desgraça comparavel a essa de ter a cara partida.

Convençamo-nos, pois, de que a mulher não precisa sahir fóra do sexo, o que equivale a sahir fóra do sério, para sêr forte, egualar-se ao homem, e mesmo excedel-o. Basta-lhe Deus. E' o que lhe ensina a Igreja Catholica, desde o simples adjectivo, com que usa de qualifical-a. Notae. Para o paganismo a mulher era um sexo inferior: *sexus sequior*. O cavalheirismo a lisonjeou com o titulo de bello sexo. Todos, em geral, reconhecem nella o sexo fraco. A Igreja, porém, prefere designal-a por um epitheto, que lhe recorde o principio de toda a sua grandeza, elevação e força, e manda-nos orar pelo devoto sexo feminino: *pro devoto femineo sexu*. Eis ahi: o sexo devoto, isto é, o sexo que ha de sêr mais devotado a Deus, porque de Deus mais precisa. Só Deus é o Todo-Poderoso e o Altissimo; a mulher, que d'elle se afasta, degrada-se na sua fraqueza; mas a que d'elle se aproxima, participa da sua omnipotencia e sublimidade, faz-se forte e eleva-se.

PERORAÇÃO

Só me resta, Senhoras Professóras, recapitular as idéas, que ahi ficam esparsas, e das quaes, como se fossem outras tantas pedras preciosas, bem quizera eu formar o anel symbolico do vosso professorado, ou melhor ainda, um rutilo diadema para coroar, neste dia triumphal, as vossas frentes tão ricas de moçidade, quanto de idéaes e esperanças. Não repareis na arte escassa do lapidario que as poliu, mas tão sómente na pureza das suas aguas, extrahidas como foram, dos vi-

eiros sagrados da divina e eterna sabedoria. E para que tudo ahí seja ouro de lei e gemmas sem jaça, vamos engastal-as ainda numa pagina da Biblia, umas das mais interessantes do Velho Testamento, que tantas vezes te-reis lido e relido.

Foi no valle do Terebintho, entre Jerusalem e o mar, nas predestinadas terras da Palestina. Dois exercitos, um contra outro, alli se achavam acampados. Era o povo de Deus contra um povo de idolatras. E eis que dos arraiaes gentios surge e avança um gigante "de disforme e grandissima estatura", amaldiçoando os inimigos, e desafiando a todos para um combate singular e decisivo. Ouvindo isto, el-rei Saul, que commandava as hostes do Deus de Israel, e todos os seus guerreiros extremeceram.

Nesse momento solenne, chega ao campo dos hebreus, um jovem pastor das montanhas de Belem. Chega, e ouvindo tambem elle as blasphemias de Golias, pergunta: "Quem é este philisteu incircumciso e pagão, para insultar assim o exercito do Deus vivo?" Em seguida vae tær com Saul, e se lhe oferece para lutar com o gigante. El-rei sorriu e lhe disse: "Tu não podes combater com esse philisteu: és uma creança e elle é guerreiro desde a sua mocidade". David, porém, respondeu com tanta inspiração e enthusiasmo, que o rei, admirando-lhe a precoce coragem, consentiu afinal, e lhe disse: "Vae e o Senhor seja comtigo!"

Vestiu então Saul a David com as proprias armas reaes, pondo-lhe o capacete de bronze, a couraça e a espada. Mas o pastor, debaixo de toda aquella armadura, não ponde mais dar passo. Largou-a, pois, de si, retomou o cajado, que sempre trazia na mão, escolheu no alveo da torrente cinco pedras limpidissimas, met-teu-as no surrão, pegou da funda, e sahiu a campo contra Golias.

Quando o gigante viu deante de si, aquelle moço louro e bello, desarmado e imbelle, zombou d'elle e o

desprezou. Mas David lhe respondeu: "Tu vens a mim com espada, lança e escudo; eu, porém, venho a ti em nome do Senhor Deus dos exercitos". E tomando da funda, arrojou-lhe com ella uma das pedras, que se lhe cravou na testa, e o prostrou com o rosto em terra.

Senhoras Professoras! O Valle do Terebinto é bem a miniatura do mundo, onde referve a batalha permanente do mal, contra as milicias do Deus tres vezes santo. E muitas vezes, quando os fortes de Israel se acobardam, ou não sabem como agir, é na fraqueza da mulher, bem como na adolescencia inerme de David, que o bem vae recrutar as suas heroínas.

Engana-se, porém, a mulher que pensa augmentar a sua força e o seu prestigio, valendo-se dessas armas, dessas pretensões e desses habitos masculinos, com que lhe acena o feminismo. Varrei, portanto, longe de vós, todo esse arnez feminista, que tão mal assenta aos mimos da mulher, tornando-a mais desageitada, mais grotesca e mais ridicula do que o jovem David, ao peso da armadura bronzea de Saul.

Fazei, em summa, como esse moço pastor, vós, que tambem sois moças, e sois pastoras dos rebanhos candidos da infancia. Ide como elle, em toda a simplicidade pastoril das suas vestes, com os cabellos louros ondulando aos ventos, nessa fascinação irresistivel da mocidade e da belleza. Ide assim, e tanto mais vos ha de sorrir a victoria, quanto maiores são as graças naturaes e ingenuas do vosso sexo. Lembrae-vos, porém, de levar sempre comvosco o vosso cajado, isto é, as insignias e o character do vosso magisterio, que vos inculquem por toda a parte, a dignidade da vossa profissão, e o dever, que vos ella impõe, da maior elegancia e nobreza de modos.

Se assim fizerdes, não temereis os Golias de todos os seculos, que só confiam nas suas armas, porque vós, como David, só confiareis no nome do Senhor. A fé e a moral; eis a força da mulher, como aquellas duas a-

zas, de que fala o Apocalypse que lhe foram dadas, para voar e altear-se á maneira das grandes aguias. (1) A fé e a moral: eis os dois braços da mulher, eis as armas dignas della, eis a sua funda invencivel! Mas para isto, não vos esqueçaes de trazerdes sempre, no vosso lindo surrão de pastoras, as cinco pedras de David, essas pedras, que colhestes aqui na torrente limpidissima da escola salesiana de Dom Bosco, pedras preciosissimas, que são a amethysta roxa da modestia, o diamante do candor virginal das vossas almas, a saphira azul da prece, a esmeralda verde da esperança e o rubim vermelho do amor a Deus e á Patria!

-
- (1) Metam. Liv. II, 137.
(2) Metam. Liv. VIII, 203.

- (1) Gen. III, 15.
(2) Gen. III, 16.
(3) Ibid.
(4) Ibid. 15

Rom. VII, 25.

- (1) Gen. III, 19.
(2) Eph. V, 25.

- (1) Prov. XXXI, 30
(2) Marc. VII, 21.

(1) Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae, ut volaret. (*Apoc. XII. 14*).

Sonetos de José de Mesquita

Flôr de cera

*Quantos annos já faz — lembras-te, certamente? —
que, de alheio jardim á sombra mysteriosa,
me deste, num sorriso, aquella flôr mimosa,
nubil flôr, tão gentil quão modesta e innocente!*

*Nossa flôr de noivado, a asclepiadacea airosa,
de artistico androcêo e de lãste lactecente,
mixto de alma infantil e corpo adolescente,
bem mereceu da sciencia o nome "hoya carnosa".*

*E ai! como não me apraz rever-te aquelle dia,
flôr-de-cera tambem, de extranha formosura,
que, entre tantas, o meu desejo preferia,*

*flôr de carne e de sonho, estranha flôr amada,
que ainda hoje a minha vida encanta e transfigura,
na mesma exaltação daquella hora sagrada!*

26 Janeiro MCMXXXIV

Rumo a Vega

Entre Vega e a Corôa nota-se um certo numero de estrellas de 3a. e 4a. grandeza: é para esse ponto do céu que somos arrebatados no destino universal dos mundos.

Si esse transporte continuar em linha recta, aportaremos dentro de alguns milhões de seculos ás plagas iluminadas por esses longinquos sóes. (C. Flammarion—ASTRONOMIA POPULAR)

*Pequeno grão de argilla, esta Terra que habito,
vai na rota do seu systema planetario.
Este, por sua vez, toma o rumo prescripto
pela lei eternal que traça o seu fadario.*

*Onde isto tudo irá? Qual o supremo fito
que essas constellações, no seu itinerario,
buscam nos sideracs desertos do Infinito
— caravana de luz no espaço millenario?*

*Rumo a Vega, talvez... Mas Vega segue, ansiosa,
outro astro que a attrae e a orbita, longe ou perto,
e essoutro a outro tambem, na ellipse luminosa ...*

*E por mais longe e além que a idéa conjectura,
ha de sempre encontrar um outro aiém, por certo,
até chegar a DEUS, Suprema e Ultima Altura!*

27 Janeiro MCMXXXV

Soneto para Quarta-Feira de Cinzas

*Olha em roda de ti, como tudo se espuma,
glória, beleza, amor, em poeira, lodo e nada.
Vinte, trinta annos só bastam para que de uma
rosa linda e sensual fique uma flôr fanada.*

*De tudo quanto a Vida, aureo pômo, reçuma,
do gozo mais subtil á dôr mais acerada,
pouco resta afinal... quasi como essa bruma
que se esfaz ao fulgor mais leve da alvorada.*

*Aprende a amar sómente o que a tudo subsiste,
aquillo que jamais em cinzas se transfôrma,
quando o cadaver desce ao hypogeu negro e triste.*

*Ama sómente o Amor, que é o sentido superno,
e o Espirito, que é essencia e não caduca fôrma,
e o Bem, que nunca morre, e DEUS, que é o sêr eterno.*

3 Março MCMXXXV

Soneto de Aniversario

*Mais um anno . . . Talvez o ultimo anno de vida.
Quem me diz quantos mais empós deste virão?
Depois da primavera esplendida e florida,
vi, num halo de fogo, inflammar-se o verão;*

*veio o outono, em que estou, quadra doce e querida;
não tardará do inverno a frigida estação.
Anno após anno vou, nesta afanosa lida,
vendo tantos chegar, emquanto outros se vão.*

*Mau grado a humana insania, a injustiça, a torpeza,
bemdigo a mão de DEUS que me tem permittido
amar o Sonho, o Bem, a Poesia e a Belleza.*

*Bemdigo a sua mão de pai que me conduz,
para que eu viva sempre assim como hei vivido,
e morra, como o sol, ainda irradiando luz!*

10 Março MCMXXXV

Soneto da Antevelhice

A Antevelhice é uma Pomona,
Que se esmerando na final colheita
Dos fructos aureos a paixão sazona.
(Bilac-Messidoro)

A Amarillo Novis

*Gloria de envelhecer, sem pressa nem receio,
bemdizendo da vida as messes vesperaes,
sentindo ainda vibrar o amor dentro do seio
e a fé, no intimo d'alma, a crescer sempre mais.*

*Gloria de envelhecer, como o rio que veio
no seu curso, a rolar, entre lama e cristaes,
ora gaio e formoso, ora tristonho e feio,
entre o azul do infinito e a areia dos praias.*

*Gloria de envelhecer e, de alma sossegada,
aceitar todo o Bem ou Mal que vier, contente,
ainda beijando a mão que ora fere e ora agrada,*

*e sereno e feliz, como um dia de outono,
que acaba sem sentir, mansa e suavemente,
esperar pela noite e pelo grande somno!*

15 Março MCMXXXV

O Colhereiro

(Voltando da Poconé)

*Sob o céu rosicler, na manhan côr de rosa,
passa, ruflando no ar suas alas rosadas,
o roseo colhereiro, a vôar sobre a barrosa
e placida extensão das immensas aguadas.*

*Chovera toda a noite e a viagem deliciosa
!em o crema e o frescor das lindas madrugada.
E enquanto sinto dôer-me a alma inquieta e saudosa,
o auto vai devorando as rectas das estradas.*

*No pateo da Cotia, um colhereiro, vôando,
adeja em nossa frente e já se distancia
na estria rosea e azul do céu sereno e brando ...*

*Colhereiro gentil, de asas que são dois remos,
és como essa illusão que nos acaricia,
e passa, e vai-se, rosea ... e nunca mais a vemos!*

18 Março MCMXXXV

Deus te abençõe

Ao meu Augusto ao completar 12 annos

Queres ver, filho querido,
Quando te fallo severa,
Porque, parece ferido,
Teu coraçãozinho? Impera

Em meu carinho este aviso:
Quando os teus anjos te negam
O doce favo de um riso,
E' que de lagrimas regam

Flores que murcham e caem,
Em vez de instilar perfumes
A' vida de tua mãe...
O que isto é, nem presumes!

Mas si os meus olhos revelam,
Caricias, vejo que os teus,
Quais finos dardos anhelam
Transfixar claros os meus.

Tudo vejo nesse brilho.
Como em meus, vês, elle diz
Deus te abençõe, caro filho,
Deus te faça bem feliz

Maria de A. Müller

20 de Outubro de 1934

Nosso lar

Necessitamos do lar,
 Como do ar!
Na sua doce missão
Elle é berço, é coração.
 Em criança,
Mamãezinha não descança
Té ver-nos fortes crescer...
 Nalma nascer.
Faz, affectos e virtudes
Que nos gravam attitudes
 Indestructiveis.

E a velhice ao chegar,
 Vem apagar
Nossas caras illusões.
Mas, restam, nos corações,
 Bonanças,
Como vagas esperanças...
 Desejos de adormecer,
 Esvanecer,
Numa euthanasia bôa,
 Vendo a cinza que vôa
Da lareira...:

Maria de A. Müller

Occaso

Um sino plange tristonho
No corucheu da capella.
O firmamento é risonho,
E a vida parece um sonho
Que se esvae com a tarde bella.

Delira o sol, na agonia,
Entre nuvens côr de rosa.
Canta o sino a ave-Maria.
E a luz, o encanto do dia,
Morre, em deliquios, saudosa.

Que nostalgica tristeza
Perpassa por sobre a terra!
De angustia parece presa
Toda a pulchra natureza:
O valle, a planicie, a Serra.

E a noite cae silenciosa,
Envolvendo em negro veu
Toda a amplidão mysteriosa;
Ha pranto na terra anciosa
E ha lagrimas pelo ceu.

Céssa do sino a voz triste...
Aos poucos desaparece
A luz, que a tudo que existe,
Diz um adeus, que consiste
Numa extranha e muda prece.

Depois só fica o negror
Da noite mystica e fria
Cheia de sombra e de horror,
De incertezas, de pavor,
E de atroz melancolia.

A vida é o sol fulgurante
De um dia primaveril
Que resplandece um instante,
Depois, no occaso, expirante,
Mergulha, soberbo e heril.

E a morte — a noite medonha,
Vem após, inexoravel,
Pesada, negra, tristonha,
E envolve a vida risonha,
Em seu mysterio insondavel.

Allysses Cuiabano

Alleluia dos passaros

A minha collega da Academia Maria Müller — o mais bello talento poetico feminino de Matto-grosso.

«São innocentes a soffrer sosinhos»
Abro as portas de uns carceres, e espreito...
E vão-se, de um a um, meus passarinhos
Batendo as azas, rumo aos céos, direito.

Irão amar! Construir tépidos niaes,
Que não destroe um temporal desfeito...
Bebi, parece, capitosos vinhos
Tanta é a alegria que me invade o peito.

Livres! Já não são meus. Busquem a seára.
Dei-lhes arvores, sól, montanhas, tudo...
Mas fiquei preso a dor que lhes causara.

— Não mais terei commigo um prisioneiro...
— Não há no mundo outro mister mais rudo
Do que ser n'esta vida um carcereiro! —

12 — 1934

Octavio Canha

A sombra

Começou a viver commigo, quando
Distingui-a em criança e estive a olhal-a...
Quanto eu fizesse, tudo, ia imitando...
Só nunca ouvi-lhe arremedar-me a falla!

Cresci ... com ella fui me acostumando...
Era eu quasi — era alguém que a mim se iguala..
Não sei se a quem amei, estive amando,
Se se pergunta á sombra, ella se cala!

Um dia fiquei só — era me:is dia! —
Sem seu amor! (o sól, a pino, encerra
o mundo e o espaço em luminoso banho).

Onde estás, minha sombra? E ella cicia:
"Só eu não te abandono. Estou na terra,
Sob os teus pés — medindo o teu tamanho!"

12—1934

Octavio Cunha

EM MEMORIA DO HERÓICO TEBENTE ANTONIO JULLI
MORREDO MARTO SACRIFICAMENTE EM BOUTALDOS

Do tigrino Urbietta, si na historia
O feito e nome tolerados são,
Não têm a ella jús, pois a illusoria
Fama não perpetúa odienta acção.

O numero, a surpresa com que a lucta
(=i lucta foi...) no dia immorredouro,
Fizeram vir à tona essa alma bruta,
Digna de apodos, maldições, desdouro,

O selvagismo hediondo, tão contrario
A's leis da humanidade, a mais remóta,
Envolveu o seu nome num sudario
Que filtra lama que jamais se esgota.

Foi um dos salteadores, mascarado
A covardia em fórmula de combate;
Ao lembrar aquelle crime infando
Se envergonha a bandeira... e ao chão se abate.

Quinze bravos sómente, não temeram
Tres centenas de vandalos sem alma;
Pela Patria querida pereceram,
Conquistando de martires a palma.

Morreu, mas protestando contra a rude
E brutal invasão do sólo amado,
O heroico Antonio João, cuja virtude
De patriota é um nobre postulado.

Sempre foi meu desejo pôr-me, um dia,
De joelhos em sua sepultura;
Fitar aquelle céu que inda irradia
Com a mesma luz resplandescente e pura.

Collar ao sólo o meu ouvido attento
A escutar sua voz dentro da terra:
Talvez que, por encanto, num momento,
Ella me falle relembrando a guerra...

Talvez me conte que seu sangue vive
Em atomos subtis no patrio ambiente,
Evitando esta Patria de um declive,
Impellindo-a a marchar, grande, na frente...

Deve a Patria erigir altar immenso,
Em Dourados, — arena do heroismo, —
Onde possa ao Heróe queimar incenso
Em lembrança do seu patriotismo.

18 de Fevereiro de 1935

Antonio Tolentino de Almeida

Meu Pai! Meu Filho!

Meu Pai! Meu filho! Vós que estaes gozando
Do Bom Deus a presença magestosa,
Nessa Mansão onde só paz se gosa,
E que tudo neste Orbe estaes notando;

Velaes meus passos, na senda escabrosa,
Desta vida onde vou peregrinando
A esmo daqui, dalli, sempre tacteando,
Em busca duma paz tão desejosa..

Mandae um pensamento de concordia
Aos entes mais queridos, que me prendem
Mas me torturam, nesta vil discordia!

Si eu succumbir de tal revez um dia,
Ao peso desses golpes que me offendem
Levae-me áquella Augusta Moradia!

Miranda 1932

José Bonifacio de Albuquerque

O passarinho



*Ao vêr um dia preso na gaiola,
Um passarinho que cantava triste,
Num triçar em que só a dôr consiste,
Qual prece humilde que ao amplo céu se evola,*

*Inquiri:" Quem te faz pedir a esmola
Da liberdade, que melhor te assiste?.
A esta scena minh'alma não resiste,
Porque teu thrêno só me desconçola!...*

*E meu filho confessa esta verdade:
"Sou eu quem prende a pobre creatura;
Mas não foi com intuito de maldade!"*

*E comprovando a mera travessura,
Abre a gaiola e diz com ingenuidade:
"Busca teus lares, onde tens ventura!"*

Retiro, 1927

José Bonifacio de Albuquerque



Minh'alma a Deus

Talvez minh'alma que se vê fendida
Por fundos golpes de um atroz destino,
Do ingrato lar, deste orbe sae banida
Então se evola para um lar divino.

Na celestial Mansão será acolhida,
Carpindo dôres, soluçando um hymno!
Em risos troca o pranto.. A eterna vida,
Fal-a brilhar, qual lago crystalino.

Si os agros goles ella amargamente
Na taça experimentou da desventura
Da arêna do martyrio, eternamente.

Ergue-se exhausta, mas serena, e pura
Olvida os prantos que jorrara ardente,
A paz com Deus vai ter na immensa altura!

Retiro 1932

José Bonifacio de Albuquerque

VIDA RUSTICA

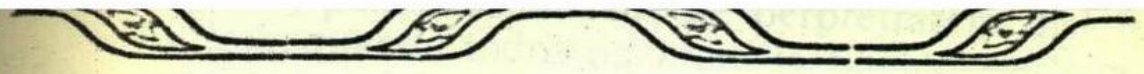
(Numa volta do Coxipó)

Paizagem amena e galante
bem perto, ali, se retrata
quasi na orla da mata,
nesta manhã de cristal:

num rancho feito de palha,
junto florida lagôa
de côres que a ninfa esmalha
e a Natureza abençôa,
deve viver invejado,
neste recanto isolado,
na cruz do Amor cruciado,
algum ditoso mortal!

Cuiabá, Maio-1-935.

Arnaldo Serra.



Considerações sobre o estudo da lingua

V

Estamos a observar tristemente que vamos atravessando época de atabalhoamento, de irreflexão!

E se não reagirmos depressa, seremos empolgados pela dissolução total, pavorosa e irremediavel.

Prevalece já o desamor a toda especie de exame — trabalho que os homens acham enfadonho e desnecessário. Nessa linha entra o estudo, que implica reflexão, trabalho mental. E' isso que se nota nos administradores, salvantes, felizmente, raras exceções.

Ora, o mau exemplo contamina, é logo assimilado, seguido com maestria de espantar.

Disso, o facto de a maioria dos moços seguirem as pegadas dos velhos ruíns. Podem ser contados os adolescentes pensadores, os moços estudiosos, os amigos da reflexão e os amantes do exame acurado e concienzoso. Por tudo isso e para nosso mal, são os técnicos, em muitos casos, repelidos e vencidos nas discussões das suas especialidades por individuos audazes, que se metem nas discussões, sem demonstrar resquicio de

vexame, pela possibilidade de perpetrarem dislates, que outrora, quando todos os homens tinham perfeita noção de responsabilidade, os faziam corar.

Agora, quasi sempre a razão é dada ao leigo na matéria em discussão, ao que ás mais das vezes está errado. E tudo porque os homens não se atiram ao trabalho honroso da reflexão e do exame; não analisam nada; não raciocinam.

E' isso da época atual, da eletricidade, do pneumático e do avião, mas, também, época das inversões, da troca do bom pelo ruím, do adequado pelo inadequado, da competência pela incompetência!...

—

· Ocorrem-me essas considerações, sempre que me lembro da guerra absurda, movida no seio da Constituinte brasileira de 1934, contra a ortografia luso-brasileira, por homens alheios ao movimento de simplificação grafica das palavras do nosso idioma, e que sempre vi-nham andando á margem dos estudos linguísticos.

Os técnicos, os professores, os homens de cultura vernácula, partidários ou não da simplificação, os que ainda trabalham com a lógica, aqueles de cujos cérebros ainda não fugiu o bom senso, todos protestaram, clamaram contra o esbulho da obra dos sábios no assunto referido, faznedo ver, com justeza de argumentos, o ridículo a que se tencionava levar o Brasil com a exdrúxula inclusão, na Constituição, de matéria de programa de colégio primário e secundário.

Até a imprensa bradou, referindo-se a miúdo à deshumanidade de serem as crianças das escolas obrigadas a voltar ás tortuosidades e incoêrências da chamada ortografia mixta, após quatro annos de prática do sistema simplificado, racional e lógico, imposto á nação por decreto governamental. Alguns órgãos da imprensa

carioca argumentaram, com razão, que voltar a gente de um sistema facil para outro complicado e disparatado é obra de carangueijo... Relembro que a imprensa fôra inimiga da grafia luso-brasileira, excetuando alguns jornais e revistas, (200 órgãos mais ou menos).

Os professores paulistas fizeram ver que seria perturbadora a aprovação da célebre emenda do sr. deputado Paulo Filho, inimigo acérrimo da grafia oficial.

Não havia argumentos que bastassem, porque os que nunca trataram do ensino da língua, os avessos à nova maneira de grafar tiveram a irrisória maioria de três. Estes, como os demais a quem apoiaram, aprenderam a escrever *cavalo*, com dois eles.

Para êles *cavalo*, com um ele só, está errado, é *cacografia*, porque não foi assim que os mestre-escola lhe ensinou... Encasquetou-se-lhes nas cabeças que tudo aquilo era coisa dos portugueses da Academia das Ciências de Lisboa. Os lusos queriam vender livros com a ortografia dêles. Daí a imposição do acôrdo á nossa Academia, que aceitara sem tugar nem mugir.

No entanto, está escrito que a Academia Brasileira é que fizera a proposta de aceitar a ortografia portuguesa, com as alterações constantes do primitivo formulário. Lisboa aceitou, propondo, porém, emendas tão cabíveis, que foram aceitas. De tudo isso resultou o decreto da oficialização. Venceram os que não queriam aprender certas regrinhas novas? Julgam êles ter vencido os gramaticos. Enganam-se, porque enguliram a redação final do artigo 15 das Disposições Transitórias, redação dos gramáticos da Comissão de Redação.

Tomaram-na como coisa certa e condizente com a sêde que tinham de destruir o que tanto trabalho dera...

Leram e releram o tal artigo, mas felizmente não o analisaram. Se o tivessem feito, teriam concluido a conjunção *e*, ocorrente antes da cláusula — "que será adotada no país". Mas tal não fizeram, e com isso salvaram o Brasil do ridículo.

De fato, se aquela coordenativa ali não estivesse a ligar a citada cláusula ao sujeito da oração principal — *Esta Constituição* — a cacografia *mixta* estaria adotada no país! Mas está lá a milagrosa coordenativa, para dizer a quantos entendem da lógica, aos que conhecem a sintaxe portuguesa que a Constituição é que está adotada no vasto Brasil — queiram ou não os sofistas — e não a celeberrima ortografia *mixta* ou a da Constituição de 1891. Sabido é que — *e que vale o qual, a qual, os quais, as quais*. Ora ocorrendo antes de *a qual, a qual* dois substantivos, os ditos adjetivos conjuntivos se referem ao mais distante, ao passo que o pronome relativo — *que* tem por antecedente o mais próximo. Logo é como se disséssemos: — *Esta Constituição, escrita na mesma ortografia da de 1891, a qual (Constituição, já se vê) fica adotada no país, entrará em vigor, etc...* Mas, se disséssemos: — *Esta Constituição, escrita na ortografia da de 1891, que fica adotada no país, entrará em vigor, etc.*, sem o *e*, estaria adotada a *mixta*, moxinifada da Pacto Político de 1891, que, por isso, não deixa de ser monumento de saber jurídico e vernáculo, cristalizado pelo espírito rutilante de Rui Barbosa e outros de primeira grandeza. Mário Masagão, Teixeira de Freitas, Sampaio Dória falaram e escreveram, expondo, com absoluta clareza, assim pelo prisma gramatical, como pela face jurídica, seus luminosos pareceres.

Também trataram do assunto vários jornalistas do Rio, São Paulo, Recife, Bahia, Porto Alegre, Matto-Grosso e de quasi todos os Estados da União, além dos professores paulistas, que se constituíram em Congresso.

Todos lavraram seus protestos. Todos foram acordes em afirmar que a Constituição, tal como está redigido o art. 15 das Disposições Transitorias, não determina a adoção da *mixta*. Apenas manda seja a Lei Magna "escrita na mesma ortografia da de 1891" — a *mixta*.

Além disso, a Carta Política aprovou, como é sabido, *todos os atos do governo discricionário* — sem exce-

tuar o que oficializara a ortografia luso-brasileira.

Mas, apesar desses pareceres dos técnicos, o governo determinou o uso da *mixta* nas repartições públicas! Não houve exame sereno. Consequentemente, ao primeiro mal, praticado pela Assembléia, seguiu-se o segundo, nascido de erronea interpretação.

Esses males estão pompeando; crearam a anarquia ortográfica, a confusão dos principiantes; mataram o estímulo dos estudiosos; sonegaram o valor das afirmações dos professores; reduziram a zero o cansativo trabalho de duas associações culturaes; mandáram as urtigas a flor da intelectualidade de dois países civilizados!

Quem vinha adotando a simplificada (não fonética ou sônica) não *virou*, por não ter parentesco com os carangueijos. Há, pois, no Brasil duas ortografias: uma complicada, anárquica, posta de lado, por atentar contra a etimologia e contra o evolver científico dos numerosos vocábulos, grupos e sons e, portanto, imprestável, arcaica; outra racionalmente simplificada, por não admitir velharias gráficas tornadas absurdas e por atender á etimologia conhecida e ao evolver histórico dos sons latinos. Aquela usada pelos velhos ranzinzas, alguns bachareis em direito, poucos deputados e jornalistas, amantes dos *pha* igual a *fa*, *the* igual a *te* e de outras belezas da Idade-Média, aprendidas ha 50 anos nas cartilhas e dos méstres do *b a - bá*; e a última usada pelos grandes méstrés da língua, professores de vernáculo e pelos moços das escolas, os quais não poderão regredir! Um país, cuja Constituição trata de ortografia após quatro anos de aprendizagem e de prática num sistema fácil e oriundo de acôrdo solene, celebrado entre sua Academia de Letras e a congênere de outro país; um país de dois sistemas de grafia não pode deixar de sofrer censuras deprimentes das associações culturais, porque é um país onde quem menos vale é o técnico, o estudioso, o mestre!...

Os estudiosos da língua, excetuando pouquíssimas exceções, não podem concordar que perdure a ortografia *mixta* - verdadeiramente cacográfica.

E' ortografia que faz cansar o cérebro, obrigado a dar grande poder de retenção, pois hão de ser gravadas na memória todas as formas, visto que não são conhecidos os cânones do sistema.

As velhas gramáticas trazem umas poucas regrinhas.

O resto tem que ir sendo gravado com a lentidão das tartarugas. O sistema mixto, diz Eduardo C. Pereira, é a combinação do sistema etimológico com o fonético ou sônico. E' abrandado o rigor etimológico.

Por isso, ora manda grafar os vocábulos com os símbolos reveladores do étimo, ora despreza tais símbolos.

Tendência simplificadora, razão por que dentro do sistema se admitem as grafias *aprender*, *aparelhar*, *falar*, *dithongo* (sem *ph* etimológico) *tísica* (sem o *p* inicial) *curo*, *carta*, (em que se verificou ha muito a queda do *h*, constitutivo do grupo *ch* duro).

Até aqui muito bem. Mas, e as absurdezas que admite? Pela *mixta* temos *etymologia* e *ethymologia* (com *h* intruzo), *categoria* e *cathegoria* (*h* indevido), *mez* e *mês*, *portuguez* e *português*, *francez* e *francês* (*z* no lugar de *s* etimológico). Temos o *ph*, *th*, *ch* (êste último com dois valores prosódicos, de *qu* antes de *e*, *i* e de *c* forte nos demais casos, e de *x* chiente. O século não admite o absurdo de *ph* e *th* por *f* e *t*, nem *chímica*, que alunos, por chacota, pronunciam- *xímica*.

Vamos, então, meter em cérebros infantís essa complicação toda, tão risívelerudição, após estarem meninos e moços preparados num sistema racional e simples? Não é possível!

Bem fez a Associação de Professores de S. Paulo

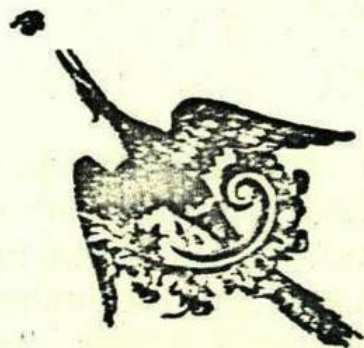
em representar perante a Câmara dos Deputados e o futuro Senado contra a interpretação errônea que se deu ao art. 15 das Disposições Transitórias da Constituição de 1934 e em favor da continuação da simplificada nos colégios primários e secundários, cujos alunos não conhecem a *mixta*.

Se continuar o descalabro da adoção da *mixta*, não sei o que será das gerações que ora recebem instrução!

Ainda é tempo de consertar o mal ou os males.

Campo Grande, 1935, Março.

Severina de Queiroz





A PULSEIRA DE N. SENHORA DA CONCEIÇÃO

LENDA DIAMANTINENSE

A querida memória de meus pais, Des. Joaquim P. F. Mendes e D. Maria Marques F. Mendes, que pela fé e pelo trabalho, tanto dignificaram a terra diamantinense.

Serpeando somnolento, ao sopé da collina, o ribeirão Diamantino desliza crystalino por entre lages, soando doce murmúrio, até confundir-se de todo com as aguas revolteantes e encachoeiradas do caudaloso «Paraguay». Por entre a verdura profusa da grande selva, amarellejam os tectos das casas dos rudes garimpeiros, e, bem ao alto, fronteiro á collina, a igreja, toda branca e airosa, domina ao longe através das aberturas, o céu azul e a terra toda verde de sonhos e risonha de esperanças.

Desde o amanhecer, ao canto alacre da passarada ligeira, até o entardecer melancólico, quando o pio mencioreo da jaó vibrava na tristeza do sertão, era um bulício alegre no «monchão»: vózes, cantigas, pancadas asperas e pesadas das alavancas ferindo o sólo, e, no leito do rio á cantilena dos mineiros, giravam as batêas, na lavagem do cascalho.

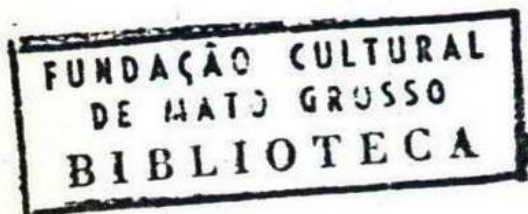
Á hora vespertina, quando o céu todo marchetado, esbatia-se pallido para receber a luz indecisa das primeiras estrellas, lenta, a sineta da torre soava a Ave-Maria. Logo, pelos montes, pela matta, ziantes, as cigarras, num perenne zumbido chiavam iterativas e os noitibós entoavam a melopéa tétrica anunciando a noite.

A capella vetusta, de Nossa Senhora da Conceição, toda illuminada, com o altar enfeitado de flores e folhagens agrestes, atupia-se de gente, e logo um rumor estridente, uma plangencia agôniada de vózes rolava soturnamente, acompanhando a oração vespéral do acolyto.

Ao terminar o terço, o gazophylacio, ao pé do altar, entre duas columnas de madeira enchia-se das offerendas: grammas de ouro, pepitas valiosas e raras, pedras extraordinarias, tributos com que a gratidão dos trabalhadores recompensava as graças e bençãos concedidas pela Virgem Padroeira da maravilhosa terra.

E aquella longinqua paragem prosperava a olhos, engrandecendo-se pelo trabalho, fortificando-se pela fé.

Entre os numerosos garimpeiros que labutavam diariamente, afreimados sob a canicula abrasadora, tiritantes ao friul das rajadas causticantes do sul impenitente, à todas as intempéries das quadras inconstantes do clima tropical, Manoel Quintiliano, era o menos favorecido pela sôrte, posto que, dos mais fevorosos e dos mais tementes ao culto da Conceição. Póbre, duma pobreza extrema, porem, rico de crença, com inaudita difficuldade conseguia o sustento quotidiano da próle nu-



merósa, não necessitando, entretanto, estender a mão á humanidade, á espera do mendrugo com que a caridade filantropica, mais para ostentação que humilha, que pela verdadeira fé cristã, sóe aplacar as dores dos desprotegidos da fortuna.

Diariamente, após o primeiro repasto dirigia-se Quintiliano ao «monchão», em busca das grupiaras ambicionados. Antes, porem, de passagem, penetrava na igreja e genuflexo, fitos os ólhos na imagem da Conceição, como em ascése, após a Ave-Maria costumeira, permanecia alguns momentos naquella meditação commovente que tão alto traduz os sentimentos puros que povoam a alma dos justos.

Depois, passava o dia todo na lavra, na luta incessante das escavações, no labor insano da conquista das jazidas auríferas, raramente conseguindo retirar do fundo atunilhado da batêa, um insignificante «chibio» ou raras faiscas de ouro que mal recompensavam o esforço herculeo d'algumas horas de trabalho.

Entretanto, a terra dadivosa retribuía a outros, quiçá escolhidos da fortuna, com verdadeira prodigalidade pois, constantemente, estrugiam salvas de arcabuz, annunciando pelas quebradas da serra enorme, a descoberta das pedras cobiçadas.

Mas, Quintiliano, sempre esperançado, não esmorecia e a sua alma humilde, não se deixava empolgar pela inveja.

Ao recolher-se, exausto pela fadiga, á noite, pousava os joelhos nos degrãos do templo, e, em vez dum queixume, os seus labios descorados murmuravam uma prece de agradecimento.

Ao outro dia, erguia-se sem suspeitar de sua desdita, sentindo no peito apenas a sensasão da frieza rigida do abandono em que vivia.

Confiante no futuro, esperava transformar as horas amargas da sua vida de pobreza, em momentos mais doces e suaves.

E enquanto ao fogo, ardia a derradeira acha, ao redor acariciando os filhos com a pequenita chorominguando sobre o joelho, contava-lhe as historias sertanejas, dos tibanarês horripilantes, invadindo-lhes a alma tenra, de grande terror supersticioso, á espera da ceia que sua dedicada companheira ultimava ás pressas.

.

Em dezembro, por occasião das festividades da Padroeira das lavras, resolveram os garimpeiros transformar o ouro das offertas em joias de valor artistico, que realçassem mais os encantos mysticos da imagem veneranda, attestando aos ólhos de todos a grandeza da fé, a immensidade do amor e o reconhecimento infinito daquella bôa gente ao culto sublime da Conceição.

E duas pulseiras cravejadas de preciosas pedras artisticamente confeccionadas, foram com grande pompa collocadas nos pulsos alabastrinos da Virgem immaculada. A' luz amarellejada dos cirios, tremeluziam em chispas fulgurantes, as mimosas pedras realçando a candura immaculada da Santa, no seu nicho doirado de estrellas, rodeada da phalange ridente dos seraphins.

E a fama daquellas riquezas, espalhando-se de bocca em bocca, despertava a cubiça dos aventureiros vindos de todos os pontos, augmentando os trabalhos das lavras, povoando aquellas terras incultas, desbravadas dia a dia pela sede cúpida dos garimpeiros tenazes.

E para a metropole, mensalmente, sobre lombos das azemolas que cruzavam em tropas os meandros obscuros dos longinquos sertões, eram conduzidas as riquezas do sub-sólo diamantinense, que directamente concorriam para o esplendor do fausto lusitano.

Escasseavam o ouro e os diamantes das jazidas e os aventureiros, atrahidos pela sede e levados pela cubiça, internavam-se pelo sertão, descobrindo as novas mi-

nas de «S. Pedro» e de «Buritysal» distantes das lavras do Diamantino.

E os aduares se multiplicavam pelas varzeas sertanejas, á sombra dos buritysaes, em cujas umbellas charravam as araraúnas, povoando os ermos e integrando na communhão dos póvos, novos pedaços promissores da grande patria!

Para Quintiliano os dias corriam mais difficeis.

Quando a sua alma começava dominar-se pela descrença, uma manhã, ainda quando o diluculo annunciava nas colorações incertas da luz, sobre o cimo das collinas de esmeraldas, o dia magnifico e deslumbrador, conduzindo o material do trabalho quotidiano, ante o altar da Virgem que resplandecia á luz desmaiada dos candelabros de prata, com os braços cruzados sobre o peito numa infinita meditação, dobrou os joelhos e pela primeira vez, com os olhos marejados de lagrimas, murmurou entre supplicas apprehensivas, em queixumes.

«Não por mim Virgem Santissima, mas pelos filhos que me destes, dignai-vos volver para mim os vossos olhos de misericordia».

E enquanto murmurava uma Ave Maria, extactico, tremulo, viu a imagem da Santa sorrir, e mansa e delicadamente, desafivelar uma das pulseiras e atirar-lh'a aos pés!

Pasmo, boquiaberto, permaneceu em duvidas alguns instantes.

A igreja estava deserta.

Receioso, hesitante, como um criminoso, apanhou a joia e saiu tibubeando.

Desceu apreensivo, com passos vacillantes o adro e foi direito á casa do Chefe das Minas, relatando o facto e offerecendo, na ingenua simplicidade do seu grande coração, aquelle mimo de arte em troca de insignificante quantia.

Suspeito de furto immediatamente foi detido e conduzido á presença das autoridades.

Sem testemunha e sem defesa, resolveram remettel-o preso para a cidade, á presença do Capitão General, para ser julgado pelo duplo crime d'um furto vil e desrespeito a imagem da veneranda Padroeira do Arraial diamantinense.

.

Surgia esplendoroso o dia 8 de dezembro.

Por sobre a collina toda verde, o sol d'um brilho intenso, irrompia rasgando a névoa que pairava por sobre a relva esmeraldina, esgarçando-a, solvendo-a no ar.

A brisa soprava docemente ás lufadas frigidias.

Das grimpas soavam em chalrada hilare o granizo dos papagaios e, soturno, de longe em longe, o pio saudoso das inhambús repercutia pelos verdes serros.

A sinêta da torre, vibrando o toque matinal, plangia n'uma alegria desconcertante e no recesso d'um turgurio honesto, peitos afflictos de innocentes pulsavam n'uma saudade infinita.

Alvoroçada a capella regorgitava em festa.

De todos os cantos ornamentados de flores, exalavam-se perfumes, embalsamando o ar todo de encanto e mysticismo.

No seu nicho de ouro, entre palmas de lyrio agreste, a imagem da Santa nunca resplandecera tanto á luz froixa dos cirios!...

Escoltado entre dois guardas, afastando a custo a multidão curiosa, consegue Quintiliano aproximar-se do altar, e deante da ara santa, vergando os joêlhos, entre soluços, com os braços estendidos em impetos de desespero, com a voz entrecortada e afflante, humildemente murmura, supplice — Misericordia, Mãe querida, não por mim, mas pelos filhos que me destes. —

Assustada a multidão maravilhada, viu a imagem veneranda, volver os olhos para o prisioneiro, sorrir toda doçura, desafivelar a outra pulseira e atirar-lh'a aos pés, enquanto longe, em rythmo, chegava aos ouvidos dos circunstantes os accordes em surdina de maravilhosos hymnos!...

E ante o pasmo daquella turba, ante a inacção dos guardas humilhados, apanhou Quintiliano a outra pulseira que lhe offertara a Santa, e orgulhoso sahiu descendo a correr em direcção á casa, onde os filhos, a familia o esperavam com lagrymas ardentes de satisfação.

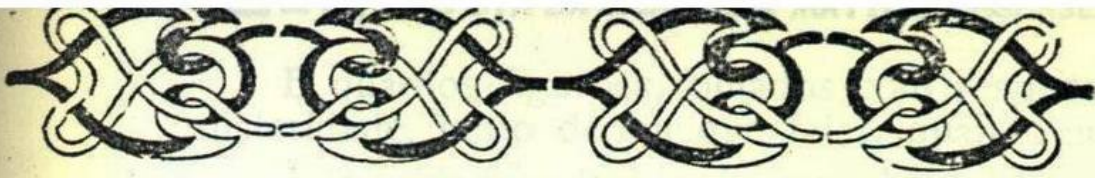
Na igreja, a multidão estupefacta contemplava a imagem da Padroeira, com os seus olhos volvidos para o céu n'uma infinita candura, realçando nas dobras do manto azul, a bondade infinda da sua grande misericordia.

Fóra, o céu formoso se arqueava na immensidade azul, e o sól brilhava os seus raios vivificadores sobre a terra toda verde.

A' beira do riacho que cantarolava sobre as pedras, num eterno rolar, banhando a encosta da collina matizada de flôres, os passaros embriagados pela luz profusa da manhã ridente, entoavam, trilando, a harmonia festiva da natureza, enchendo o ar d'uma alegria communicativa, que se apoderava de todas as almas, enquanto as ultimas nôtas graves dos sinos, morriam distantes nas quebradas da serra.

Francisco Mendes





PROEZAS DO BATINGA

QUEM hoje vê o cidadão circunspécto, o exemplar pai de família, e escrupuloso no trato dos negocios que lhe são confiados, o cavalheiro delicado e attencioso, que é o Sr. João Baptista de Oliveira Filho, não póde acreditar que a sua mocidade tenha sido uma das mais agitadas, irrequiétas e trocistas que se póde imaginar, sempre fertilissimas em planear e a executar estupendas passagens de que, até hoje, os seus contemporaneos se recordam com saudades.

Verdade é que as suas troças e loucuras da primeira idade, nunca foram de mólde a por em cheque a sua aprimorada educação e o seu character de escól, e quando d'ellas resultava alguma consequencia desagradavel, era elle o primeiro a arrepender-se, repetindo sempre: — Eu preciso deixar de brincar.

Mas a promessa era logo esquecida e o genio folgazão e espirituoso tornava a manifestar-se, logo depois, numa nova criação.

E quantos figurões, olhados com respeito pela sua austeridade, tanto deram que falar, quando moços!

A mocidade ardorosa é a geradora das grandes dedicações e das grandes loucuras e só ella sábe preparar não só o altruismo do martyr, mas até os excessos dos grandes deslises.

O amor, como o odio, nella se manifestam com virilidade e calor nada propensos a recuos e ponderações.

E' por isso que eu não levo a serio as capitulações e as conversões dos occasos de vida, quando o medo e as conveniencias falam mais alto do que o sacrificio pelo ideal.

O francês, fino e arguto, soube bem dizer: — se a mocidade soubesse e se a velhice pudesse...

E como uma não sabe e a outra não póde, ambas se condemnam por aquillo que desejariam fazer.

E assim passamos a vida a condemnar nos outros aquillo mesmo que desejariamos para nós, ou a desejar para nós o que condemnamos nos outros.

E com criterio vario, se classificam pecados e virtudes.

Além do critério individual influe nos julgamentos, o critério da época para a condemnação actual d'aquillo que foi louvado, e o conceito da moral, feito nos diversos momentos da vida da humanidade.

A evolução não admitte escolas philosophicas, politicas ou religiosas, com programmas immutaveis.

Amanhã o capitalista passará para as chronicas do passado, ao lado do nobre de nascimento; e o conceito sobre a divindade estará tão modificado, ou ninguem mais terá medo d'elle.

Então os proverbios e os mandamentos das leis divinas e humanas que surgem sempre á feição do meio e do tempo, estarão de tal modo modificados, que será curioso comparal-os com os actuaes.

O primeiro mandamento da lei de Deus, por exemplo, quem nos diz que não ha de ser escripto assim: — Amarás a ti mesm sobre todas as cousas e a Deus como a teu proximo?

Não furtarás, será talves: — Quem furta pouco é ladrão quem furta muito é barão.

Ao—não matarás—póde estar augmentado:—salvo se fôres médico.

Ao em vez de—não desejarás a mulher do proximo, ha de estar escripto: procura a mulher, desde a mais proxima.

Não levantarás falso testemunho, ha de se lêr—não levantarás falso perto de testemunhas.

Não cubiçarás as cousas alheias, será modernizado para—não cubiçarás as cousas a meia.

Ao mandamento da Igreja que diz:—assistir missa inteira aos domingos e dias santos de guarda, acrescenta-se: á porta do templo.

Quanto aos proverbios já Machado de Assis dizia, em Esaú e Jacob,” que a occasião faz o ladrão, está errado, devendo-se dizer: — a occasião faz o furto, o ladrão já nasce feito.

Esse proverbio modernizado será talvez consequencia da doutrina de Lombroso.

No passado ouvia-se dizer:—por cobiça de florim não te cases com mulher ruim; agora sente-se que o dóte metallico realça a belleza da alma.

Contra médico e pharmacias entrará novamente em vigor o—tempo cura o enfermo que não o unguento.

Sobre fidelidade feminina o bello proverbio epitaphio —Esta é viuva honrada que está morta e sepultada.

Como elogio a parentes affins, virá ainda —Aquelle é bem casado que não tem sogra nem cunhada.

Ao amante de raridades será applicado: —Quem ao longe vai casar ou se engana ou quer se enganar.

Le com lé, cre com cré: está errado; hoje todo o mundo sabe que—duro com duro não faz bom muro.

—Não suba o sapateiro além dos chinellos, será amanhã:—Suba o sapateiro até sem chinellos.

Ha males que vêm para bem, será, talvez, no futuro—Ha bens que vêm pelos males.

Hontem era costume dizer-se:—dize-me com quem andas e dir-te-hei as manhas que tens; amanhã estará na moda:—Dize-me com quem tens e dir-te-hei com que manhas andas.

E nesse andar a cousa vai longe e nós também, que de divagação em divagação, já andamos longe das proezas do Batinga. Vamos pois a ellas.

Nos tempos em que a gazolina e os autos não nos haviam ainda visitado, a rapaziada da elite cuiabana tratava, em estrebarias, escolhidos cavallos, e os banhos domingueiros, no Coxipó, faziam, na certa, parte do programma dos constantes passeios, junto á ponte metallica da freguezia que tira o seu nome do rio, e reuniam-se os excursionistas para os banhos costumeiros, a Adão.

Era dos habitos, embóra fosse já costume censurado, por causa do crescido transito de familias, na ponte.

Num certo dia entendeu um arrogante ajudante de ordens do então Presidente do Estado, de profligar o desembaraço dos banhistas, entre os quaes se achava o Batinga.

Desceu até onde estavam os excursionistas e, em termos grosseiros, reluzente de alamares e bordados, fardado de ponto em branco, passou uma desandeira nos rapazes, que se desculparam delicadamente, escudados nos radicados costumes.

A delicadeza foi levada a conta de covardia e os doéstos augmentaram.

Esgotada a paciencia, o Batinga segura o official pelos quadris e atira com elle á agua.

Foi agua na fervura. O nosso heróe, como um pin-

to, retirou-se quiéto e sem calor.

De outra vez ia, entre os cavalheiros, um rapaz pouco mestre em equitação, montando em animal disparador e pouco certo de rédeas.

Batinga chicoteou-lhe a cavalgada, na mesma ocasião em que retirava d'ella a cabeçada e o freio.

A disparada foi medonha atravez do emmaranhado dos galhos das arvores e o fustigador, assustado e arrependido, foi soccorrer o rapaz que ia já todo desgovernado e arranhado.

João Cunha, o typo de pacatez e a negação do cavalleiro, apesar de poconeano, deu, um dia, para ir a um dos taes passeio a cavallo.

O Batinga foi todo cuidados, principiando por ajudal-o a arrear o animal.

Collocando a cabeçada desabotoou as rédeas no ponto em que ellas se ligam ao freio, e esperou o resultado.

Emquanto o tróte era moderado, a propria rigidez do couro permittia a direcção do quadrupede, mas como a caminhada continuasse a galope, o Cunha, ao esbarrar o animal, sentiu que as rédeas se desprendiam, e com ellas nas mãos, sahiu pelas ancas do queimado, assentando-se ao chão.

Dario Rocha, numa deligencia do fôro, viajou cerca de 4 leguas sentindo um máo estar horrivel no assento.

Chegando ao ponto terminal da viagem, verificou que lhe haviam posto, em baixo do cochonillo, uma pedra aspera, que muito o magoára.

O Batinga era seu companheiro de viagem.

O velho Augusto Moreira, politico infuente da Chapada, acompanhou a comitiva do Presidente Pedro Celestino, quando foi da inauguração da estrada para aquella freguezia.

Remontaram no ponto do concerto primeiro, na bocaina da serra, e no dia seguinte, muito cedo, prepararam-se para o regresso.

Cada um tratava de arrear o seu animal e o velho Augusto nada de encontrar o seu.

Era um cavallo russo, de rabo e crinas bem compridas, difficil de ser confundido com os outros quadrupedes presentes.

Pela manhã estava, entretanto, outro.

Tosquearam-lhe as crinas e o rabo e completaram o serviço com umas pinceladas de agua com carvão.

O Batinga fazia parte da comitiva.

Realisavam-se no Coxipó os festejos de Nossa Senhora da Guia, padroeira da povoação.

As solemnidades deviam ser ultimadas com procissão iniciada na egreja do logar.

Honor de Moura, que então morava ao lado do templo, reunia em sua casa muitas familias e grande numero de amigos de Cuiabá.

Estavam todos assentados á porta para presenciar o cortejo religioso.

Formaram as irmandades, os anjinhos e o andor da santa, assomava já á porta principal da Capella, quando a attenção do Batinga voltou-se para um preto velho que estava com uma pequena alavanca, occupado em fazer um buraco.

Ao seu lado estava uma girandola de foguetes.

— Para que é esse buraco? perguntou ao preto.

— Para fincar esta girandola que deve ser queimada á sahida do pallio.

Não ha necessidade desse trabalho eu seguro a girandola.

O preto concordou.

Communicado o fogo ao estopim, e iniciado o espoucar dos rojões, o Batinga por malicia ou porque as fagulhas o queimassem, inclinou a girandola para o lado e espalhou os foguetes pelo meio do povo.

Foi uma debandada desordenada, seguida, já se sabe, do arrependimento do responsavel por ella.

Num outro dia realizou-se uma excursão em canôa para matanças de peixes com bombas de dynamite.

Os excursionistas estavam já em trajes proprios para apanhar as victimas da bomba.

Só o Dario de Moura estava vestido, pilotando a piróga. Tinha tomado um purgante na vespera e não podia molhar-se.

Batinga aboletara-se á prôa da embarcação com o embrulho de bombas, estopins e espoletas.

Elle, que não fuma, pediu logo um cigarro e accendeu-o. Quando já se achava bem no meio do rio e no lugar da sua maior profundidade, finge o nosso heróe um grande susto, gritando que o fogo do cigarro havia se communicado ao estupim, e atira o embrulho fumegante para traz, dentro da canôa.

Os circunstantes, com medo da explosão foram á agua; o Dario tambem, esquecido da roupa e do purgante.

As bombas, entretanto, tinham sido previamente retiradas do embrulho.

O passeio desfez-se porque o Dario virou féra com medo da recahida.

E o peralta a repetir: — eu não devo brincar. Casava-se o Sinjão Curvo e nós fomos todos á festa.

Para depois do acto tinha-se combinado um avanço a um cabrito assado, na cervejaria.

O Dr. Alberto Novis, então proprietario da fabrica, preparava sempre, em noites enluaradas, provocantes assados para dar extração aos chopps.

Fizemos uma pequena estação no porto geral, na-então residencia de Amarilio Calháo, afim de livrar-nos do excesso das roupas de rigor.

Batinga vestiu um pijama de Amarilio, mas conservando o chapéo cartola.

Vendo-lhe a disposição que se annunciava, o Desdor-Trigo Loreiro austéro e protocollar, apresentou ao Batinga o seu genro, o Dr. Marinho Rego, que tambem fazia parte do grupo, segredando depois:

—Olha, Batinga, você poupe o Marinho nas suas troças, porque elle é muito retrahido.

Antes não o fizesse.

Aboletados todos no bondinho que nos devia transportar á cervejaria, o Batinga abancou-se logo ao lado do Dr. Marinho e, em dado momento, afundou-lhe a Cartola até ás orelhas, dizendo que era para que elle se não resfriasse com o sereno.

A caça aos cabritos soltos pelas ruas da cidade era um fato.

O grupo era o melhor auxiliar da municipalidade.

O Major João Augusto de Oliveira tinha uma bella cabrita, muito bem tratada e muito vigiada por ser de raça.

O Batinga, visinho, andava de espreita.

Numa noite, agarra a cabrita na rua, mas o dono deu pela cousa.

Corre em perseguição ao raptor que fóge com a presa aos hombro até que, passando pela residencia do Nhônô de Manduca, atira com o bichinho pela janella.

O Nhônô, que conversava na sala, já acostumado áquellas aventuras, agarra a cabrita e deposita-a no quintal.

Quando o perseguidor alcançou o fugitivo, já este estava sem o precioso fardo, e garantiu que elle não havia pegado cabrita alguma.

A noite favorecera a incerteza e o cabrito foi comido.

No local onde, actualmente, está o predio de propriedade do Senhor José Orlando, á rua Barão de Melgaço, realizavam-se os espectaculos da sociedade theatral "Amantes da Arte,"

Os ensaios eram concorridos e attrahentes, porque os actores eram moças e rapazes da nossa melhor sociedade.

Batinga era assiduo.

Realizava-se uma noite um dos ensaios, quando entra um italiano e previne ao seu patricio Petrocelli:— terminando o ensaio vamos á padaria do Sogari, onde está no forno um gordo cabrito que conseguimos roubar.

O Batinga, que se achava perto, ouviu tudo e mesmo antes do epilogo do commovente drama, reúne os da sua roda e a frente d'elles, dirige-se para a padaria referida.

Lá chegados, diz imperturbavel:—o Petrocelli mandou buscar o cabrito.

O Sogari, acostumado áquellas aventuras, julgou que se tratava de pessôas da mesma roda d'aquellas que lhe encommendaram o assado, e entregou até o pão quente que devia completar a ceia.

O grupo rodou e foi devorar o producto da requisição, em logar bem escuso.

Meia hora depois, chega o outro grupo.

—Já está pronto o cabrito?

—Pois se você já mandou buscal-o pelo Batinga...

E mais uma vez ficou justificado o brocardo: — Quem rouba de ladrão tem 100 annos de perdão.

Durante a marcha das forças revolucionarias formadas para a revolução de 1906 contra o Presidente Paes de Barros, o passadio, como se póde avaliar, era máo.

Assim, os extraordinarios conseguidos, eram preciosos e necessitavam de especial vigilancia para não serem escamoteados.

O Quartel General do Coronel Pedro Celestino, commandante em chefe da Divisão do Norte, era numerosissimo.

A elle se achavam encostados todos os que, não podendo, pela sua posição de adversarios, conservar-se em Cuiabá, transformada em reducto fortificado do governo combatido, procuraram para sua garantia, o acampamento dos revolucionarios.

Formou-se, assim, uma formidavel reserva de inactivos.

N'ella se achava o respeitavel Major honorario João Augusto de Oliveira.

Este adquiriu um dia, occultamente, um tentador queijo que devia ser devorado em segredo.

Em dado momento, quando se acreditava a sós com o Coronel Pedro Celestino, convidou-o para merendar o precioso guardado.

Acceitado o offerecimento dirigiu-se o offertante ao seu sapicuá de matulas, pendurado num galho ali perto e d'elle retirou o embrulho que devia conter o queijo.

Desfeito o envolvero appareceu, aos olhos dos que antegozavam o sabor do guardado, uma plasta secca de estrume de vacca, de tamanho e formato iguaes aos do objecto roubado.

O queijo, esse estava sendo comido pelo Batinga e pelo Nhônhô de Manduca.

Pedro Celestino sorriu e conformou-se.

N'esse mesmo quartel general, eram numerosos os viciados no guaraná, mas muito poucos os que o conduziam.

Quando alguém se ensaiava para preparar a deliciosa bebida, retirando dos alforjes cópo, colher e frasco, via-se logo cercado por uma multidão de pretendentes.

O trabalho de reduzir a pó a saberosa rubiacea era estafante, e o Batinga, victima preferida dos filantes, jurou vingar-se d'elles.

Encheu, nas alvacentas praias do ribeirão Machado, o vidro que antes continha guaraná, de fina areia bem lavada, e guardou-o no alforge.

Logo ao toque da alvorada, veio-lhe á rede um respeitavel ancião que alertou-o dizendo: — Já é dia, dorminhôco, que é do nosso guaranasinho?

Fazia frio e cahia uma chuva meúda e incommodativa.

O Batinga pediu desculpas por se conservar deitado e disse: o cópo e o vidro estão ahi no alforge.

Collocar o assucar no cópo, mistural-o com o supposto guaraná e dissolver tudo em agua, foi obra de um momen'to.

O velho levou á bocca o cópo cuspiendo em seguida o liquido fóra, com esta ameaça:

— Eu vou levar isto ao conhecimento de seu pai, que é meu amigo.

— Lave o cópo e deixe ahi, que outro vem — foi a resposta. E de facto, varias foram as victimas e o guaraná foi mais poupado.

Eu não quero contar aqui, por ser peccado, a historia do enterro do carnaval, com Batinga paramentado de bispo, João Barbosa bancando o Nascimento, e numeroso cortejo do religiosos, de ambos os sexos, percorrendo a cidade em macabra procissão.

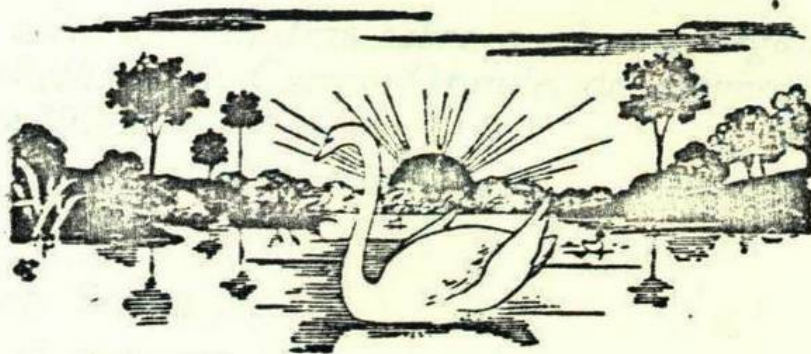
Isso até lhe valeu uma excommunhãozinha, para cujo perdão eu não sei se elle já se penitenciou.

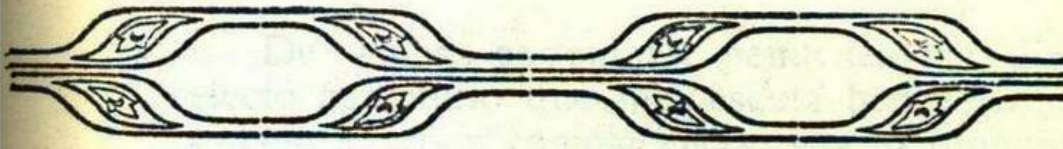
Não devo tambem referir-me ás suas aventuras amorosas, muitas d'ellas de tirar chapéo, em attenção á sua austeridade actual.

O que está dito é suficiente para que bem se ajuize do grande folgazão que o tempo impiedoso tanto modificou.

Se eu quizesse, encheria um volume.

Philogonio Corrêa





Carinhos Maternos

(Da serie de palestras sobre a criança, organizada pela Bibliotheca de Campo-Grande, de outubro a dezembro de 1934.)

Exmos. Senhores
Minhas senhoras
Gentis senhoritas

O thema da nossa palestra de hoje: — Carinhos maternos — não foi por mim escolhido, bem o podeis imaginar, para entreter a vossa attenção, durante quinze ou vinte minutos no maximo, prazo diminuto, prefixado para o desenvolvimento de um assumpto tão vasto, complexo e delicado, como as manifestações, desse sentimento sublime donde elle dimana: o amôr materno.

Peço, portanto, a vossa benevolencia para as falhas e senões que nella encontrardes que, estou certa, serão innumerous pela importancia do assumpto e carencia de requisitos da palestrante.

De ambas as culpas, penitencio-me diante deste selecto auditorio que me escuta benevolente, pedindo tambem a vossa complacencia para o organisador desta serie de palestras sobre a criança, o Dr. Pery Alves Campos que, por deferencia ao elemento feminino, collaborador do desenvolvimento intellectual da infancia matto-grossense, elemento esse representado pela classe professional desta cidade, houve por bem distingui-la, convidando-me a compartilhar destas palestras, entre os illustre discipulos de Hypocrates que aqui me precederam.

Entretanto, alenta-me o espirito, conforta-me o coração, a idéa de que, se me faltam predicados, para bem desempenhar essa tarefa, sendo talvez aos vossos olhos o principal, senão o imprescindivel — ser mãe — sobeja-me a felicidade que experimento agóra, qual a revelação publica do que me vai na alma: a recordação saudosa de carinhos verdadeiramente maternas recebidos.

E é, guiada por esta doce reminiscencia da minha infancia distante, que me encontro neste salão, repleto pela natural curiosidade, não só do elemento feminino, ao qual injustamente attribue esse defeito, como tambem do elemento varonil, avidos ambos da critica, de como me desenvencilharei deste emmaranhado cipóal, em que me envolve o promotor destas palestras.

A todos vós, os meus agradecimentos pela presença e as minhas escusas pela antecipação do juizo.



Carinhos maternos! revelação sublime do amôr de mãe! desse amôr immensuravel, desse amôr indizivel, desse amôr inquebrantavel que nasce com as primeiras manifestações vitaes do ser; cresce, aos primeiros vagi-

dos da creança, fortalece e se aprofunda com o succeder dos dias, sejam elles bonançosos, de céu azul e mar de rosas, ou procellosos, de vagas encapelladas, toldadas de chumbo, desse amôr que sobrevive mesmo á mudez marmórea do sepulchro, impotente na sua obra destruidora, para só desaparecer com o cessar do bater rythmico, do coração donde surdiu!

Carinhos maternas! effusão perene do coração de mãe, dessa fonte inexaurível de bondade e ternura, de paciencia e abnegação, de amôr e de perdão!

Amôr materno! sentimento divino concedido, prodigamente, pelo Creador á especie animal e tanto mais forte, profundo e intenso, quanto mais perfectos são os seres por elle ligados!

Este amôr, se por um lado differe muito daquelle outro que todos nós conhecemos, representado, symbolicamente, por um menino alado de olhos vendados, por outro, tem varios pontos de connexão com elle, e é, sobre o mais importante de todos que quero entreter a vossa attenção, por ser tambem o mais interessante e quiçá o menos percebido: — a cegueira produzida pelo amôr. — Moliére expressou com arguta penetração de espirito esse *morbus* terrível, traduzido em versos celebres no seu livro: "O Mysantropo". Permitti-me a transcripção de um trecho do Acto IV, scena V em que o poeta assignala as illusões creadas na imaginação dos homens na crise aguda de sua affeição pela mulher amada: —

Veem seus defeitos mil como mil perfeições
 E sabem dar-lhes sempre altas designações:
 A Pallida, é um jasmim, na alvura incomparavel;
 A Preta, é uma trigueira, ou morena adoravel;
 A Magra, é uma elegante, accusa agilidade;
 A Gorda, na presença, é toda magestade;

A Desleixada, sem encantos, é julgada
Belleza singular, e desenxovalhada;
A Giganta, parece uma mulher divina;
A Rachitica, um mimo ou silfide ou ondina;
A orgulhosa, rainha a merecer corôa...
A velhaca, um talento, a Imbecil, muito bôa...
A Palrante é um thesouro um modelo de humor;
A Acanhada, é uma joia, o extremo pudor;
E assim que qualquer que com o amôr se inflamma
Ama até os senões da beldade que ama.

Ora, se o amor tem esse poder magico de transformar em altas qualidades os defeitos e senões do objecto amado, como poderá o amor materno que é o mais poderoso, o mais forte, o mais sincero, o mais sublime de todos os amores, fugir a essa lei geral da psychologia humana? E' por isso bem explicavel a incurabilidade deste mal hereditario que assola a humanidade desde que o mundo é mundo.

E para poupar-vos o enfado de escutar exemplos innumerados de cegueira materna, basta relembrar-vos a conhecida e velha fabula da Aguia e da Coruja, de La Fontaine, esse psychologo invejavel do seculo XVII.

Ora, se a coruja vê nos seus filhotes de olhos desmesuradamente grandes, redondos e immoveis, como pharóes de automovel; de bicos aduncos e garras recurvadas, bellezas e encantos mil, capazes de distinguil-os das outras aves, preservando-os assim do perigo imminente de serem devorados pela rainha dos ares, que mundo infindo de seductoras perfeições, não vereis vós mães carinhosas que me escutaes, ao contemplardes, pela primeira vez, em vossos braços, essa miniatura vossa, essa cabecinha innocente e pura onde nem sequer per-

passa a sombra da maldade humana; esses olhinhos inexpressivos ainda que nada veem porque tudo ignoram; essa boquinha rosada e fresca qual petala de rosa, entreaberta apenas para sugar e haurir de vós, a força vital que a anima; esses labios que não sabem sorrir e se contraíram primeiramente num choro significativo como advertencia divina, de que a Dôr abriu-lhe as portas á vida e acompanha-la-á na sua peregrinação por este valle de lagrimas, até transpor os humbraes inevitaveis da Eternidade, emquanto o riso, manifestação imperfeita da alegria e do praser, sómente depois ingressa-la-á no palco immenso da vida ?

Mas, os olhos maternos só padecem deste terrivel mal quando contemplam o desdobramento do seu ser.

Não é verdade que todos vós sois presbytas, enxergando mui bem ao longe, as imperfeições phisicas e moraes nos garotinhos da vossa visinha ?

E não é tambem verosimil que se encontraes nos vossos anjinhos, alguns senões, parcimonia ou mesmo mesquinhez da mãe Natura, para com elles, vos rebellaes contra a sinceridade de quem ousar vos desvendar taes falhas ? A proposito, accode-me á mente um facto interessante de que fui testemunha não ha muito.

Confessava-me uma amiga a desillusão que tivera ao contemplar a sua primogenita tão pouco favorecida pelo Omnipotente: ella que a sonhara, nos seus devaneios de jovem mãe, linda e perfeita como a Venus de Milo.

Para consola-la, persuadi-a de que, com tão poucos dias, cinco apenas contava o bêbê, não se poderia aquilatar com previsão, a fealdade de que se lastimava e os defeitos notados, seriam melhorados ou mesmo sanados, com correctivos ao alcance das nossas mãos.

Assim, aquella cabeça grande e pontuda, como um pão de assucar, com o uso constante de uma carapuça de meia, bem justa, perderia o formato desgracioso e o narizinho, com uma leve compressão diaria, em breve

se ergueria e assim a convenci de que, a pecurrucha estaria bella dentro em pouco, era questão apenas de tempo e paciencia, ademais, não havia por onde sair feia, lisonjei-a eu, com esta mentira amavel da sociedade.

Qual não foi porem o meu espanto, quando dias depois, voltando a ve-la, já sustendo vaidosa nos braços o doce fardo dos seus amores, narrou-me entre revoltada e offendida no seu orgulho materno, a grosseria de uma amiga de infancia e ex-collega do internato, que encontrava a sua Therezinha parecida com um desses bêbês de *vitrine*, macrocephalos pellados, de nariz achata-do e chupeta á bocca!

Que perversidade para um coração de mãe. a sinceridade amiga! Ella que já enxergava a sua filhinha em tudo semelhante á Santinha de Lisieux!

Quanta indelicadeza não encontrareis nas minhas palavras, ao desvendar aos vossos olhos, para discernir carinhos verdadeiramente maternas, tendo em vista o futuro dos filhos, a quem desejaes toda felicidade possível e carinhos maternos mal comprehendidos, proporcionados apenas para alegria, satisfação e felicidade passageira do momento?

Já o grande Napoleão I dizia que o futuro de um filho é sempre obra de sua mãe, attribuindo á sua os bons principios que della recebera, toda fortuna, gloria e honrarias que possuia. E talvez no declinio de sua vida, naquelle rochedo inhospito de Santa Helena, tumulo de seu esplendor e de seus ideaes, quando, á tardinha, errando pelas penedias abruptas da ilha, olhos immensos na azulada immensidão do Atlantico e a alma envolta numa saudade pungente da França e das particulas do seu coração que lá deixara, não seria menos justo, attribuindo tambem á ella, á sua carinhosa Leticia, o triste fim de sua existencia gloriosa, por não lhe haver ensinado a unica sciencia capaz de vencer e dominar o mundo — a bondade!

A historia da humanidade é toda cheia de exemplos que comprovam a veracidade da asserção do grande conquistador. Socrates, intitulado-se parteiro dos espiritos, com allusão á profissão de sua mãe, dá á luz sua elevada doutrina, syntetizada na simplicidade do seu axioma: «Conhece-te a ti mesmo».

Os Grachos, confirmaram o prognostico de sua mãe Cornelia que os chamava «*as minhas joias*».

Santo Agostinho e S. Luiz lembram-nos a piedade de Santa Monica e Branca de Castella; nos tempos hodiernos, temos o exemplo edificante de Margarida Occhiena dando-nos S. João Bosco, o grande educador da infancia desvalida.

Está, portanto, em vossas mãos, a felicidade de vossos filhos! Deixando de parte os carinhos maternos, expressos nas obrigações materiaes de mães carinhosas que todas são e poucas ignoram, desde a amamentação, a que mãe alguma deve-se furtar a pratica desse dever, como funcção essencial dos principios da maternidade, até aos mais simples e indispensaveis cuidados do vestuario e hygiene individual, tendo em vista o equilibrio e bom funcionamento do machinismo animal, assumpto esse profusamente ventilado pelos illustres esculapios que já se fizeram ouvir neste ambiente, quero occupar a vossa attenção sobre os verdadeiros carinhos maternas, traduzidos nas obrigações intellectuaes e moraes, tendo por escopo a formação do character individual.

Não basta, portanto, fazer de vossos filhos um bom animal; o essencial é torna-lo um animal bondoso. O bom animal, isto é, o animal bem constituido, forte e sadio, perfeitamente educado, publicamente fallando, está prompto apenas para lutar na vida, emquanto o animal bondoso estará sempre apto para vencer e triumphar nella.

Não sou dos adeptos do dogma de lord Palmerston que affirmou «as creanças nascem boas» ao que

Pauchet acrescenta «somos nós que as fazemos ruins». Seria negar, com isto, as leis da hereditariedade, e si o velho proverbio: — Tal pae tal filho, tal mãe tal filha, não é de uma verdade absoluta, também não se afasta muito della para ir buscar nos ancestraes da creança, o mealheiro que a fez legataria das virtudes ou taras reveladas.

A mãe verdadeiramente carinhosa, deve estar sempre atenta ás primeiras manifestações do mau legado e ir arrancando dos corações de seus filhinhos, as plantas danninhas do orgulho e da inveja; da hypocrisia e da mentira; do egoismo e da deslealdade, sementes trazidas, mysteriosamente, nesse principio intimo da vida, para germinar ás solicitações do mundo exterior.

— Não esperar para educar — deve ser o lemma de todas as mães. Não escutar o coração que lhe dirá: «É' tão pequenino ainda o teu filho; beija-o; beija-o; muito; acarinha-o quanto puderes que é o que te basta fazer agora.» Mas, escuta a razão, ella aconselhar-te-á: «A vida é uma luta continua; prepara pois essa bonequinha animada que com tanto amor apertas contra teu peito, prepara-a para vencer e triumphar na peleja».

O lar, é a antesala dessa vasta escola que é o mundo e a mãe o primeiro mestre que nella deve pontificar pelo ensino intuitivo do exemplo.

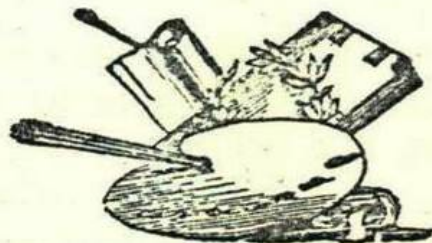
Como o bom jardineiro vigia attentamente os seus canteiros, expurgando-os das hervas danninhas que do amago da terra surgem com as boas sementes por elle lançadas, assim também vós, mães carinhosas que me escutaes, não descuideis na vigilancia que deveis exercer, nesse canteiro florido, confiado por Deus á vossa guarda, para que nelle cresçam somente as bellas e preciosas plantas: da justiça que protege os fracos; da sinceridade que fraternisa grandes e pequenos, ricos e pobres, felizes e desgraçados; da fé sublime que a todos conforta, da esperança; da esperança fagueira, no

dizer do poeta — a divina mentira que dá ao homem o dom de supportar o mundo; — da caridade suprema que a todos perdôa; da bondade, emfim, que desarma os máus.

A vós, portanto, jardineiras de Deus, está entregue o destino do mundo; em vossas mãos, a paz ambicionada. A creança de hoje, será o homem de amanhã. O alumno obediente, recto e fiél ao cumprimento do dever, será o mestre consciencioso do porvir; o condiscipulo briguento nos bancos escolares, srá o concidadão indisciplinado nas sociedades vindouras.

De vós depende o triumpho do bem, suprema aspiração dos corações bem formados, e para encerrar esta despretenciosa palestra, quero offertar-vos duas chaves preciosissimas: uma, do mais util metal, que é o ferro, para fechar os vossos corações, aos carinhos maternas mal comprehendidos; outra, do mais valioso e mais ambicionado, por antonomasia, — o vil metal que rege o mundo — o ouro, para abri-los á luz da razão, para que delles jorem os effluvios dos carinhos verdadeiramente maternos, que vos sagrem á veneração de vossos filhos, á admiração dos pósteros, á immortalidade dos heroés.

Anna Luiza Prado Bastos





A tia de Alice

“E’ o amor coração — o amor sentimento...

Ai como sabe amar a gente portuguesa”...

— Bravo, estás a récitar aili como se estivesses de solidéo e capa vermelha de um cardeal. Julio Dantas é portugûês e não conhece o amôr brasileiro — o amor sensação, — o amor absintho — mistura deliciosa do sensualismo iberico com as caricias nervosas do sangue africano-

— Quem ama aqui á portuguesa?! bradou o Leonidas.

— O Philó, retrucou o Athayde...

— Namôro de janella abaixo e guitarra a tiracolo! Não, o Philó adora a flirt americano que não compromette o coração, o maldito flirt que veio matar a sinceridade do amor brasileiro...

Uma gargalhada geral acolheu a ultima phrase do Leonidas.

— Não riem! E' serio!... Eu sou sincero! Durante os quinze ou trinta minutos em que converso com uma garçone, nem Othelo, nem Romeu, nem mesmo Fausto, nos momentos em que pensava em Margarida, seria mais sincero que eu.

— Mas has de convir comnosco que é relativamente curto o tempo da tua sinceridade.

— Que fazer, meu amigo. Hoje é tudo rapido. No tempo da gazolina e telephone sem fio, jazzband e cabelle á la garçone, a sinceridade no amor deve andar de baratinha, dividindo-se aqui e ali, sem deixar de, por isso, ser sinceridade.

— Não crês então na sinceridade no amor?

— No homem, sim; na mulher, não.

— Desconheces a psicologia da alma feminina...

— Aliás todos nós desconhecemos.

Quem poderá entender um entesinho que vive a transpirar incoherencia por todos os póros!

Quantas vezes, como diz o poeta, tem ella "os olhos em mim, mas o desejo noutro..."

Arrimada em um bordão, passos tropegos, passava, nesse momento uma velhinha, indiferente aos rumores do meio ambiente, como se vivesse, em sonho, uma vida passada.

— Conheces essa velha, perguntei ao Leonidas?

Sim. Uma mulher, como outra qualquer. Um paradoxo vivo que amou um homem uma hora e aborrecu-o duas para amar novamente outras duas horas ao mesmo que amara antes e aborrecera depois...

Conta-nos sua historia...

— Sabes que vive ella, hoje, em companhia de sua sobrinha, a Alice — uma garçone endiabrada que lê romances realistas, sabe de cór os nomes dos astros de cinema e toca horivelmente uns cinco ou seis tangos ao piano.

Embora ame loucamente a sobrinha, a velha não tolera essa liberdade concedida ás mulheres pela sociedade. Alice compreendendo bem o papel, representa-o admiravelmente junto da velha — Nunca se viu santa mais santinha, em casa, que essa menina. E' um gosto ir-se lá ás noites. Invariavelmente encontrar-se-á recostada a antiga *chaise longue* a velha tia, olhos semicerrados a ouvir a Alice que lê um romance piegas ou toca uma dessas abominaveis peças modernas.

Gostando immensamente dessa paz, desse aconchego familiar, comecei a frequentar assiduamente a casa. Todas as noites saboreava um delicioso café e comentava, em meio a agradável companhia, os factos principais occorridos na cidade. Ora um escandalo social, ora a carestia da vida. Tornei-me pois um *habitué* nesses serões que me captivavam e faziam bem a minha alma de solteirão inveterado.

Um dia porem a calma que alli se gosava fôra perturbada.

Achei a casa cheia de gente e Alice e como uma louca a chorar.

A sua tia estava mal.

Indaguei. Que foi, Alice?

— Não sei, disse-me ella, a titia estava na sala a ler e de repente cahiu sem sentidos. —

Corri ao telephone, chamei o medico e só elle nos poderá dizer.

Fomos ao quarto da doente, que continuava ainda em estado desesperador. O medico lá estava applicando-lhe umas injeccões de oleo camphorado. Ao ver-nos voltou-se e perguntou:

— Sua tia recebeu alguma noticia?

— Que eu saiba, não doutor.

— E' extranho, dir-se-ia que uma commoção violenta provocada por uma noticia imprevista fôra a causa da doença.

A noite passamos juntos da velha, que só muito tarde voltou a si. Causava pena ouvirem-se os soluços que se escapavam do seu peito, entrecortados de palavras imperceptíveis.

Intrigado, voltei á sala a procura do livro que a tia de Alice estivera a ler. Lá junto á cadeira encontrei um jornal. Apanhei-o. Chamou-me logo a attenção uma pequena noticia telegraphica que me pareceu amarrotada por uns dedos nervosos. Li — Rio — 15. — Falleceu repentinamente victima de uma angina pectoris o conceituado cavalheiro Leoncio de Aguiar.

.

Sabes quem era esse cavalheiro? O antigo prometido da velha, que a opposição da familia impedira que fosse seu esposo. A velha guardara aquelle amor que trinta annos de ausencia não puderam suffocar.

Não fui mais lá. A tia de Alice não falla com ninguém, só vive daquelle amor que a torna feliz dentro da sua infelicidade...

— Que dizes a isso?

— A fidelidade servindo de norma á volubildade.

Quantos noivos teve ella depois do Leoncio?

— Nenhum, porque a nenhum aceitou.

— Ora a velha... Oh Nicola, mais um sorvete.

Franklin Cassiano.



Intercambio cultural

Um notavel parnáside da Rondonia

Apezar de isolado, pela posição geographica, das demais unidades da Federação Brasileira e de distanciado, pela propria deficiencia de meios de comunicação dos grandes centros tidos como focos principaes da cultura literaria em nossa terra, o Matto-Grosso apresenta, actualmente, uma pleiade de valores intellectuaes que pôde servir de vivo exemplo para quantos desejam attestar como tambem se trabalha pelas letras nas provincias mais ignoradas e longinquas do paiz.

José de Mesquita, atravez de quem passei a ter contacto com os nomes mais em evidencia do intellectualismo mattogrossense contemporâneo, pois teve a gentileza de enviar-nos livros e revistas em profusão daquellas plagas, é, sem dúvida, pelo que delle e sobre elle li, o vanguardeiro dos que fazem letras na Rondonia. E das muitas obras que escreveu nenhuma a meu ver, mais consagrativa do que seu livro de estréia. «Poesias», apparecido em cuidadosa edição, em 1919, em Cuyabá.

O volume, que encerra, na propria confissão do auctor,, «as primicias de um espirito que se formou na visão do passado tradicional de Matto-Grosso e no sonho do seu futuro luminoso», se divide em quatro partes distinctas e igualmente bellas: «Do Amor», «Da Natureza», «Do Sonho» e «Da Arte». Esbocemos, posto que em linhas rapidas, a impressão que da leitura de cada uma nos ficou.

A primeira dellas revela o lyrico, cuja característica principal é a simplicidade que não chega ao banal, ao prosaismo, tão commum áquelles que refogem aos engalanamentos estylisticos. O poeta diz os seus sentimentos em linguagem limpida, desornada de termos raros, sem contorsões de phraseado, nem malabarismo de rima. Mas, e nisto está á sua arte, não se lhe póde negar um encanto inexprimivel em versos simples como estes:

« Pelo aclave do morro as alvas casas
como que dormem... Passam
pombos brancos pelo ar ruflando as azas
que incertos vôos traçam.

Um cheiro agreste e forte de baunilha
no ambiente se derrama.
Ao largo, longa e tortuosa trilha;
longe, vergeis de gramma ...

Uma arvore frondosa ergue-se ao lado,
qual coloso de Rhodes.
Imagino Virgílio ali deitado
compondo as suas odes.

E enquanto tudo é paz e doce calma
e solidão aqui,
porque não ha de haver paz na minha alma
que sempre pensa em ti? »

«Da Natureza» são impressões rimadas de um comovido que se extasia, — alma de estheta que é — ante a belleza que a mão de Deus semeou pelo universo.

O poeta apreheude, como raros, a unção que evolva de certos aspectos pinturescos da Natura, sendo o espirito que adormeceu nas coisas inanimadas e estereoty- pa no papel a idéa do magico encanto que lhe gravam no sensorio panoramas como este da «Beira-Mar» carioca:

«Tardinha. A' debil luz do sol que já declina
e se esconde por trás das montanhas distantes,
toda a linda avenida estende se illumina
de estranhos, orientaes, imprevistos cambiantes

E é desde Botafogo, a indolente e divina,
e o Russel e o Flamengo, em luzes scintilantes
até onde a Avenida esplendida termina,
toço um grande fulgor de apotheoses flammantes.

Pelos lindos jardins abrem-se as azaléas.
Começa a despontar a luz do luar medrosa
e ao crepusculo triste, um som de piano evoca,
tenues, meigas, subteis, ineffaveis idéas.
como que, a me prender, feminina e amorosa,
a seducção sem fim desta terra carioca...»

E assim Mesquita canta o seu extase de artista ante as bellezas naturaes de Guanabara, das Laranjeiras, de Tijuca, de Copacabana, da Gavea, de Montevideo, do Tieté, e ainda revive, na memoria, as paisagens maravilhosas da Idade Média, entoando, sob todos os pretextos, o seu hymno de admiração á Natureza, «musa consolatrix» a quem assim se dirige:

«Natureza! Só tu sabes lenir as dôres
e fazer vicejar todo um moital de flôres
nos sombrios jardins dos coraçoes desertos...»

«Do Sonho» reúne tambem um punhado de expressivos sonetos, de fundo lyrico igualmente, como os da primeira parte do livro, mas de inspiração mais ampla, calcados em motivos vagos, imprecisos, indefiniveis, verdadeiras visões que o cerebro illuminado do poeta divisa no sub consciente e procura kodaquizar no alvor do papel. Uma philosophia dulcida impregna essas pe-

queninas joias, por vezes, dando-lhes aspectos delicados como é o deste «A um Relógio Antigo»:

«Pobre e velho relógio desprezado
que, a olhar humano esconso, ora dormitas
num velho cofre de madeira ao lado
de flôres murchas, desbotadas fitas,

assim mudo, assim triste, assim parado,
evocas mil saudades infinitas
das bellas horas dum feliz passado
que tu marcaste em pulsações bemditas...

O passado morreu... E tu pensaste
que fôra uma ironia inda marcares
novas horas depois das que marcaste.

Então, paraste... O' meu relógio amigo,
porque quando pensaste em te aquietares
não se aquietou o coração contigo?

Encerra o volume a parte denominada «Da Arte» onde collige o inspirado parnaside da Rondonia alguns bem trabalhados poemas de thema objectivo, dos quais, a esmo, destaco este trecho de um dos mais característicos «Musica»:

Musica... Som que accordas
o silencio da dor,
no rythmo dos arcos e das cordas,
suave e evocador.

Dialecto da saudade
enternecido, mysterioso e triste,
tu fazes entender a vaga afinidade
de tudo quanto existe.

E's tu que nos infundes, doce e calma,
o prazer de ser triste, a gloria de ser bom...
O som é a linguagem da alma.
A alma foi feita p'ra entender o som».

José de Mesquita é, sem favor algum, por este livro, uma das figuras mais salientes da hodierna poesia brasileira.

(Porto Alegre 1934)

ARY MARTINS

CRUZES NO CAMINHO

I

BRENNO SILVEIRA

Deve ter chegado ahi, de qualquer sorte, a fama brilhante e o nome sympathico de Brenno Silveira.

Da mesma forma, supponho que chegasse ahi tambem a nova dolorosa da sua morte inesperada.

S. Paulo accordou, a 28 do mez passado, sob a impressão dessa noticia inacreditavelmente cruel.

E custou a todos convencer-se da realidade terrivel: os seus amigos, como eu o era, e não pouco, mesmo depois de o terem visto sobre a mezu, hirto na immobildade inconsciente do cadaver, custava-lhes crer que o Brenno, ha pouco tão cheio de espirito, de alegria e de vida, estivesse alli morto, para todo o sempre, para o nunca mais...

Tão dolorosa, tão rapida, tão de surpresa foi essa morte que muitos, amigos intimos d'elle, só vieram a ter della sciencia dias após.

Brenno era, incontestavelmente, um cerebro pujante e um coração immenso...

Não sei mesmo qual a maior, si a sua intelligencia fecunda e vasta, si a sua bondade limpida e aberta...

Convivemos os ultimos tres mezes, em que viveu a nossa amizade.

Conhecia-o de ha muito tempo, mas apresentação rapida e de cerimonia.

Via-lhe sempre o nome pelos jornaes; vi-o depois pelas praças, demosthenicamente inflammado pelo ardor da convicção, a pregar a Bôa Nova do civilismo, com a força do verbo com que, nas velhas idades, os oradores, fallavam do agorá de Athenas; vi-o na Academia, onde, si o seu talento não teve o tempo preciso para se expandir, elle mostrou, de sobejo, a sua bondade nessa campanha nobilitante que emprehendeu contra o "trote" e no seu intenso labor pela solidariedade sonhada entre os academicos.

Mas até ahí eu o admirava apenas...

Em fim de fevereiro conhecemo-nos mais de perto na "Pensão", e circumstancias de momento aproximaram-nos calhi por diante.

A convivencia de tres mezes, convivencia que não me é possivel esquecer, fez m'ó conhecer qual elle era.

Já não o admirava, estimava-o e amava-o como um grande amigo.

Morando juntos, numa republica de estudantes que, por uma sublime velleidade politica, chamamos — Republica civil — eu tive ensejo de ver abrir-se-me, dia a dia, o seu character franco, em todos os seus aspectos.

Brenno era uma dessas pessoas que, raras no mundo, sabem inspirar e retribuir a amizade.

Simple nos modos e no falar, expansivo e alegre, como um bom que foi, era um causeur chistoso e incomparavel. Jornalista, trouxera da imprensa a actividade intellectual e a grande pratica da vida social...

Era engraçado e enlevava mesmo vet-o fallar de seus sonhos.

De seus sonhos vi-o fallar, uma vez, cerca de tres quartos d'hora que passeamos de bonde...

Tinha profunda a esperança no futuro, que assim o trahiou ironicamente e indignamente...

Tambem ninguem como elle para entrar na alma dos outros, auscultal-a e comprehender-lhe os sonhos que nella dormissem!

Poeta, tinha a intuição divina e rara do lyrismo ao lado da fértil veia satyrica; o seu espirito universalista saltava com facilidade da narração de uma anecdota hilarante para a descripção de um arrazoado forense em que vivia trabalhando ... A sua morte, após quatro dias de molestia, foi um choque terrivel para mim, que o vira sahir daqui tres dias antes: com uma doença insignificante, um espinho no rosto. De resto eu já me convenci que aquelle espinho foi apenas o pretexto muito mal arranjado com que a morte quiz desculpar esse crime inqualificavel.

Maio 1910.



II

RICARDO GONÇALVES

O poeta Ricardo Mendes Gonçalves que, arrastado por um tragico destino, acaba de pôr termo á sua existencia em São Paulo, era indiscutivelmente uma figura de valor, uma personalidade representativa da intellectualidade paulista.

Uma dessas triviaes e nem por isso menos dolorosas tragedias sentimentaes, em que por vezes vêm a sossobrar a vida dos individuos de temperamento arrebatado e nervoso, pôs um inesperado desfêcho á brillante evolução desse talento, em que, dia a dia, se accentuavam as tendencias estheticas e os ideaes superiores que caracterizam os verdadeiros eleitos da Arte.

Quem quer que, como o auctor destas linhas, tivesse conhecido o fiel interpretador do parnasiano Lecomte de Lisle, quando, alguns annos atraz, nas rodas academicas da Paulicea, o sympathico vulto do Ricardo era como que um centro de attração, um expoente vivo da época e do meio, deve comprehender o vacuo que o seu subito desaparecimento vem estabelecer no coração, e na idéa dos que o conheceram e estimaram.

Estamos d'aqui a vel-o, a evocar a sua pessoa, o seu todo de bonhomia e modestia, a sua palestra cheia de verve e reveladora de um espirito de escól e o seu modo peculiar de ver, analysar e commentar os factos e as pessoas.

Parece-nos estar a ver o desditoso poeta, no seu negligé romantico, longo sobretudo atirado aos ombros, na sua roda habitual de amigos, palestrando no "Guarany" ou perambulando pelos bairros silenciosos da capital paulista, naquellas noites frias de garôa e de bruma, que dão á cidade legendaria de Alvares de Azevedo aquelle aspecto melancolico de romantismo e de sonho, tornando-a saudosa, e inesquecivel a todos os que algum dia a viram, fosse de passagem...

Ricardo Gonçalves era um poeta profundamente emotivo e delicado.

Na mais ligeira descripção, no desenvolver dos themas mais frivolos, elle punha todo o ardor do seu temperamento apaixonado.

Quem não conhece aquelle primor de naturalidade que é a "Scisma do Caboclo", aquelle bellissimo "Primeiro Amor" e outras delicadas producções do poeta paulista, desconhece, por certo, as mais suggestivas paginas da nossa literatura contemporanea...

A essas qualidades de emoção, reunia o mallogrado poeta outras não menos apreciaveis de artista, que lhe sagraram um renome de parnasiano perfeito, mestre da forma e do rythmo, como elle se revelou, por exemplo, naquella magistral traducção dos "Ele phantes" de Leconte de Lisle.

E esse o fino literato e o dedicado artista que um incidente sentimental precipitou ao obysmo do suicidio, desaparecendo assim, em plena eclosão, uma das mais robustas intelligencias da nova geração e um caracter de elite como poucos.

Quiz a ironia inconsciente do Destino que fosse causa indirecta da sua morte essa mesma creatura a quem elle dedicou em vida todos os carinhos, na sua idyllica e pittoresca vivenda de S. José dos Campos.

O poeta sentimental e apaixonado, não pode sobreviver á ruina da sua felicidade...

Sobre a sua sepultura ainda recente, o sentimento dos seus amigos e admiradores ha de desabrochar exuberantemente num rosal viçoso e immarcessivel de saudades...

26 Novembro 1916.



III

BUY BARBOSA

Falar de Ruy Barbosa não é facil e mais difficil se nos antolha dizer desse campeão do Direito agora que sobre o seu tumulo recém-fechado se desfolham em pranto e em saudade os corações de trinta milhões de brasileiros. A sua morte, aliás, não abala apenas a nossa Patria: ella repercute em todo o mundo como um desses irreparaveis desastres com que, de tempos em tempos, apraz ao Senhor das Nações experimental-as.

Esse que volve á terra mãe, desaparecido entre os sete palmos de uma cova, foi, durante meio século, o guia do Brasil nas horas do perigo, a palavra avisada da prudencia e o assomo revoltado da justiça, a verdade que se não entibia diante dos poderosos e a bondade que desce até os mais humildes, numa doce orvalhada de carinhos.

Já nos habituaramos a vêr nelle o Nume nacional, o imperterritito defensor do renome brasileiro fóra do Paiz e o constante propugnador da cultura latina dentro da Patria, que, menos que um homem, Ruy era um symbolo, o symbolo glorioso da nossa grandeza e da nossa potencialidade intellectual.

Desde os dias gloriosos da propaganda abolicionista, em que elle, ao lado de Nabuco, Patrocínio e Castro Alves, assestava os arietes da sua lógica irretorquível contra a escravidão, até a ultima campanha da Bahia, em que parece haver esgottado as derradeiras forças do seu cerebro pujante, que trajectoria brilhante de glorioso esplendor a dessa Aguiá sublime a librar-se sempre no olympico azul das alturas!

Em Haya,—apostolo da igualdade dos povos; em Buenos Aires,—cruzado da Liberdade e do Direito; em S. Paulo,—chefe de um dos mais lidimos movimentos nacionaes, qual o civilismo de 1910; no Rio, o conselheiro de todas as situações; o parlamentar inexcedível; o jornalista que derrocou o Imperio e escapellou os erros da Republica, com a mesma penna elegante, attica e classica, no mais acesso das refregas; o jurista que sempre disse a ultima palavra nas questões mais intrincadas; o politico que se não aviltava aos manejos da politica e por isso não foi por ella comprehendido; o literato, emfim, o escriptor, o orador que rivalisaria com Demosthenes, fallando, e com Cícero, escrevendo. Tudo isso elle o foi e muito mais do que isso. Delle póde-se dizer o que Junqueiro disse de Victor Hugo, em 1885, quando succumbiu o grande poeta e républico notavel que encarna a França do seculo XIX: "Ninguem como tu, numa planicie tão vasta, rasgou um sulco tão profundo. E que a charrúa era de bronze, guiada por Hercules e tirada triumphalmente a cem paréllas de leões".

E a tanta grandeza retribuiu-lhe a ingratição dos contemporaneos com o exilio de Londres, com as insidias politicas de 1910 e 1919, com as torpes pasquinadas de orgãos sem responsabilidade que procuraram em vão marear-lhe o brilho e escurecer-lhe a irradiação astral... Elle, porém, na magnitude moral de sua alma, só comparavel á amplidão oceanica do seu talento, a tudo perdou, de tudo esqueceu e nunca descreu da Patria e do seu futuro.

Na extraordinaria peroração do seu discurso aos bacharelados de S. Paulo, em 1920, vê-se como que a previsão serena do nosso porvir, atravez de um espirito de crente e de patriota. E elle quem o diz, di-

rigindo-se aos moços: "Ainda vos podereis salvar a vós mesmo. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não me fechem os olhos, antes de lhe vêr os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus".

Teria Ruy visto esses indícios que o seu patriotismo sonhava? Quem o sabe? Atravessamos uma phase tumultuaria, agitada, em que só aos predestinados é dado entrevêr, nas brumas do presente, a luz radiosa do porvir.

A sua carta ao presidente Epitacio, nas festas centenarias, carta que foi o seu "canto de cysne" tem algo da intuição prophetica dos grandes visionarios biblicos. Essas palavras, já muito conhecidas, resumem o ideal do momento tragico que a Humanidade atravessa, entre convulsões e abalos consideraveis.

Não foi dado a Ruy assistir neste mundo o desfêcho do grande Drama politico-social que desde 1914 vimos presenciando e que muitas surpresas, talvez, ainda nos reserva.

Perdemos assim, quando mais nos era necessario, um guia seguro, um arguto conselheiro, um timoneiro experimentado.

Depois da morte de Rio Branco, em 1912, nenhum gólfe igual a este soffrêra o Beasil. Que Deus se amerceie do paiz orphão e faça repousar no seu seio misericordioso a bella alma do grande extinto.

Março 1932.

IV

Corrêa de Oliveira

Não serão muitos os que nesta cidade terão conhecido Corrêa de Oliveira. Creio até que bem pou-

cos. Não me refiro, é claro, ao grande lyrico português da "Ara" e do "Elogio dos Sentidos" em quem vibra, talvez, a mais apurada sensibilidade esthetica da poesia portugueza contemporanea.

O Corrêa de Oliveira a que pretendo render nesta chronica a homenagem espiritual de minha saudade era tambem poeta, posto assaz distanciado do outro, na quantidade e qualidade das producções.

Nem por isso ireis supor se trate de um poeta de agua doce, de um tosco versejador desses que ahi andam em connubio compromettedor com musas mais ou menos suspeitas e bebendo de Castalias e Hyppocrennes tão impuras como a lama dejecta das ruas... Não. Corrêa de Oliveira era poeta como quem mais o fosse e tinha, a par da inspiração elevada, a technica perfeita.

Conheci-o vai por seis ou sete annos. Andava elle a procurar na justiça do Estado a sua reintegração na judicatura de que fôra, por acto arbitrario, afastado.

Modesto, de menos falar, algo retrahido, pouco se fez conhecer entre nós, sobretudo por essa face de intellectual.

Foi para mim, portanto, agradavel imprevisto topar-lhe o nome, a biographia e alguns versos na excellente obra de propaganda que sob o titulo "Terra das Alagôas" escreveu Adolpho Marroquim, editada em 1922, em custosa e artistica tiragem de luxo feita por Maglione e Strini, de Roma.

Manoel Bezerra Corrêa de Oliveira—era o seu nome por inteiro—nasceu em União (Alagôas) a 26 de Dezembro de 1881, tendo assim menos de 40 annos quando morreu em Campo-Grande, a 24 de Março de 1920.

Deixou poucos versos que Marroquim considera "uma verdadeira revelação".

Vou transmittir aos amigos de Corrêa de Oliveira—que, certo, os terá deixado por aqui—a doce emoção de conhecer-lhe os versos, cheios de melancolica sensitividade e como que já nublados pelo vago sentimento do proximo desfêcho da sua vida.

EXTRANHO DESEJO

Na luminosa paz dumã tarde de Agosto
Quero morrer contente e baixar satisfeito
A's entranhas da terra—esse macio leito
Que me espera. E ninguem notará no meu rosto

Nem por sombras siquer a sombra dum desgosto,
Nem a magua cruel d'algum sonho desfeito,
E descerei assim ao meu sepulchro estreito
Quando a tarde tombar ás horas do sol posto.

Depois por sobre mim a escuridão da noite
Ha de cahir, eu sei, e a musica sagrada
Nos cyprestes terei dos ventos pelo açoite:

Ou então lá do azul muito longe e sem cumulos
A lua prateará minha santa morada
Illuminando a terra e a brancura dos tumulos.

Ha, de Corrêa, ainda duas producções que igualmente o honram como poeta, dois formosos sonetos que, não fôra o justo temor de converter esta secção em uma pagina literaria, transcreveria na integra para gaudio dos que apreciam a Poesia.

Um delles é de fundo philosophico e repleto de pessimismo a Quental ou a Antonio Nobre.

Termina com esta amarga sentença:

“Homem, sê forte, espera
A morte, essa não é nenhuma van chimera
E não queiras saber donde vens e aonde vaes”

O outro é uma “Carta aberta” a uma Miss Mabel, cuja partida deixou a alma do poeta coberta “de mais sombra talvez do que o céu da Inglaterra” e a quem, no fecho, invôca, nesta ansiosa imprecação:

“E vivo desse amor que me encheu toda a vida,
Embora seja a Miss a Terra Promettida
Onde eu—novo Moysés—nunca possa chegar”

Quem seria, e onde andaria, quando Corrêa escreveu esses lindos versos, a loura deliciosa, de grandes olhos garços, que lhe despertou tão sentido lyrismo, cheio de estos de febre e de casta renuncia? Talvez ao ler-lhe os versos se fizesse a mesma pergunta da “mysteriosa” de Avers ou talvez—e é isto mais provavel—nunca lhe houvesse lido os versos que teve a fortuna de inspirar...

V

P. Madureira

Já não existe o P. Madureira. Curta, incisiva noticia telegraphica, vinda na ultima semana, nos trouxe a par desse dorido evento. Pouco ha que, por divino mimo do P. Du Dréneuf, me foi dado conhecer o seu monumental trabalho A “Liberdade dos Indios—A Campanha de Jesus—Sua Pedagogia e seus resultados” longo, erudito e valiosissimo ensaio monografico, apresentado ao Congresso Internacional da America, cujo I volume foi publicado no Rio de Janeiro, como obra commemorativa do primeiro centenario da Independencia do Brasil.

Não lhe conheço muita coisa da vida, mas, através da obra, aprendi a admirar o auctor. Admirar é pouco: a estimar tambem. O valor desse livro diz bem o seu alto objectivo, a nobre finalidade que lhe determinou o apparecimento. É um trabalho de reparação historica, uma obra de justiça postera, segura, inde-

fectivel e serena. Guia-a esse espirito de verdade e imparcialismo, que é dever precipuo dos historiadores e em que, no dizer do emerito prefaciador do livro, Dr. Pandiá Calógeras, reside "a fôrma superior da honestidade no pensar e escrever".

Os jesuitas, a cuja illustre progenie espiritual pertenceu Madureira, soffreram, no passado, as mais graves e tremendas accusações. A animosidade de Pom- bal proscreeu-lhes o campo em que vinham, desde o olvorecer da nossa historia, exercitando a sua actividade fecunda. Entre nós, nestes rincões da extrema occidental brasileira, tambem tiveram o seu theatro de glorias e trabalhos, de que apenas ficou, testemunha solitaria em meio dos êrmos campesinos da Chapada, aquelle cruzeiro merencorio da Aldeia Velha.

Proscriptos, não se satisfez a malignidade com expulsal-os da messe apostolica que vinham cultivando: infamou-os e detrahio-os, pela penna do Chronista, nessa pagina dos Annaes, que é um triste indice da subserviencia do historiador e ennodôa a memoria, por outros titulos veneranda, de Barbosa de Sá.

Mas as injustiças do Passado redimem-se nas appellações do Porvir. Este livro do P. Madureira traz ao tribunal da opinião sensata, claramente desvendado, o aggravado soffrido pelos filhos de Ignacio de Loyola, expondo, de uma parte, os seus serviços á causa da civilização e da liberdade e, de outra, os gravames que lhes infligiram, com desmarcada injustiça, os seus perseguidores. A causa fica preparada - ella agora pôde sêr serenamente julgada pelos areopagitas da posteridade. Os odios se calaram, as affeições já não ha por que sopital-as, e os jesuitas exsurgem á luz dessa obra, que vem enfeixar e completar os depoimentos insuspeitos dos protestantes Southey, Boehwer e Manod, redimidos de coimas e assacadilhas levianas de historiadores unilateraes.

O livro do Pe. Madureira basta a consagral-o um erudito, um philosopho, um sabio. O seu estylo é claro, persuasivo, ás vezes eloquente. Para os que se norteam no apreciar as obras pelo seu volume, direi que tem 675 paginas, in 4.

Para os que antes vêm nas produções mentaes o seu merito intrinseco—nada mais preciso dizer do que ficou dito. O velho mestre de Philosophia da Gregoriana demonstrou, sobejamente, conhecer a fundo o mais difficil ramo dessa incomparavel sciencia, scientia scientiarum: a Philosophia da Historia. Quem, ao morrer, deixa um livro, já não morre de todo. E quem deixa um livro como este, viverá emquanto viver o pensamento humano.

Por isso, rectifico o que disse a principio: existe ainda e existirá sempre o P. Madureira.

Cuyabá, X de 1928

VI

Ezequiel Ramos Junior

Acabo de ler no "O Estado de S. Paulo" a noticia do fallecimento de Ezequiel Ramos Junior, occorrido a 18 de Dezembro ultimo, na cidade de Jundiaby. Quem foi—perguntar-me-á o leitor—Ezequiel Ramos Junior? Natural é que o não conheçam, pois não me consta haja sido o emerito morto deputado, governador de Estado, chefe politico ou jornalista — titulos que sagram á popularidade ou á impopularidade, que para o caso é a mesma cousa.

Elle foi apenas poeta e musico. Compôs lindas harmonias—na pauta de cinco linhas da Musica e nessoutra immensa gamma do coração, que é a Poesia. Bacharel em direito, não se immortaliza através de massudas razões e pareceres eruditos. Filho de um velho politico, senador e membro da Constituinte paulista, não grangeou fama por meio de manifestos ou artigos de polemica.

Outras as directrizes do seu espirito, bem diversos os pendores do seu coração affectivo. Por isso, em vez de acabar no Senado, no Palacio dos Campos Elyseos ou no Tribunal de Justiça — morre, quasi obscuro, em Jundiahy, a linda cidade que, desde a sua pittoresca estação, encanta os seus visitantes. Lá se achava havia tempo em tratamento de longa enfermidade — adianta a varia necrologica. E lá succumbiu, nas vespas alegres de Natal, nesses evocativos dias de fim de anno, que para elle, como para Bilac, para Raul Pompéa e outros, foi mais que fim de anno, o fim da vida, o acordar do sonho breve e illusorio da existencia.

* * *

O nome de Ezequiel Ramos Junior entremesclase ds lembranças do meu periodo academico e faz surgir, na nitidez das evocações, todo um scenario extinto, com personagens que, em parte, já se vão tambem diluindo.

Era na "republica" da rua Visconde do Rio Branco, ahi por volta de 1910. Brenno Silveira, que dali deveria sahir já enfermo e tocado do beijo glacial da morte, foi quem me deu a conhecer o delicioso poeta da "Morte de Orpheu". Brenno era um bello talento, mas, acima disso, um immenso coração. Ouvi-lhe recitar, com que enternecimento — elle era noivo — o Sonho de uma noite de verão, a mais linda poesia lyrica de Ezequiel Ramos Junior. Data dahi o meu preito de veneração e carinho pelo poeta. E é por isso que hoje, ao ler-lhe o fallecimento, nas inexpressivas columnas de um diario, algo se choca, se desmorona, se desaggrega em mim: é como um pedaço do meu passado, da minha juventude, que se esfaz, na amarga desillusão da vida. E apraz-me repetir, ao fechar esta leve chroniqueta, os versos maviosos do poeta-musico, ao celebrar, na sua lyra de ouro, o tragico fim do adorador de Eurydice":

"E ó prodigio! aterrando ás Menadas hediondas,
Sua lyra, ao rolar para o seio das ondas,

Começou a gemer, começou a vibrar..
O instrumento rompeu num cantico sombrio
E foi carpindo, foi chorando pelo rio,
Até se submergir na immensidão do mar”.

Assim, ficara, posto desaparecido o vate, a sua alma dolente e humana cantando e chorando a grande dôr que só a Musica e a Poesia conseguem interpretar...

(Janeiro 1929)

VII

Amadeu Amaral

Foi Mello Moraes Filho quem disse, certa vez, que, aos quarenta annos, a vida é um requiem. Estou em que mesmo antes de lá chegar, em se abeirando apenas essa idade, já começamos a sentir aquella impressão de solidude, em que os dias se tornam como as folhas do outono — tal qual se afigurou a Byron, no seu ultimo anniversario, passado em Missolonghi... No deflúvio das horas, raro o grato prazer da surpresa feliz; frequentes, entretanto, os imprevistos pungidores. Um desses me salteou na ultima semana de outubro com a noticia da morte inopinada de Amadeu Amaral. Amadeu era uma das mais delicadas impressões de minha carreira nas letras. Menino e moço, ao dealbar dos meus 16 annos, com que secreto prazer lhe li aquelles versos enternecidos do Nevoa, que tanto me falavam á alma romantica e sentimentall Com uma nota velada de ternura e uma sensação de amarga philosophia diante da vida — era bem aquelle o livro que, mais que a vibração bilaqueana ou o colorido for-

te das marinhas vicentinas, deveria falar ao meu coração adolescente, que tinha então os seus primeiros contactos rudes com os homens. Participando da vaga e suave arte de Samain, em que mais tarde eu iria vêr uma alma affim, Amadeu como que escreveu para minha alma aquelles lindos sonetos—Contemplação, Jamais e Saudades das saudades... Essa a impressão subjectiva, atravez da obra. Mais tarde, deveria incorporar-se ó mesma a cutra, objectiva, quando, pela fidalga opresentação de Xavier Marques, me foi dado, em 1923, conhecer o poeta, na Academia. Da sua acolhida, gentilissima e lhana, ficou-me a melhor lembrança. Commigo discorreu, sem aplomb, sobre arte e sobre letras. Ao sahir, disse-me que o procurasse na Gazeta de Noticias, que elle então dirigia, ao lado de Waldemir Bernardes. Lá o fui ver, uma noite, já quasi ao regressar. Lêra-me uns trabalhos, que, generosamente, encomiou, publicando um delles naquella folha, pouco após a minha partida. Não mais o deveria ver. Parti para Matto Grosso e elle para S. Paulo, a doce terra da nevoa, que lhe foi berço e tumba amoravel. E agora me vem, de repellão, a noticia da sua morte. Meu pobre Amadeu! Dahi quem sabe? Elle, ultimamente, se enveredara pela politica, de que deveria guardar delusora impressão, desde a eleição de Ca-pivary. A politica iria, talvez, roubar-o ás letras — ella é absorvente e cruel. Veio antes a morte e o levou... Quem sabe lá si não foi melhor. E, ao evocar-lhe a figura esguia, pallida, tal como o vi pela ultima vez, no seu luxuoso gabinete de jornalista, ao meditar no destino dos que, como elle, passaram a ephemera vida semeando flores de belleza e de bondade, repito, para mim mesmo, só para mim, aquelle humanissimo, doloridissimo terceto final do Jamais:

“E este immenso thesouro de ternura
será como um regato num abysmo,
rolando occulto as crystalinas aguas”.

2—11 1929.

VIII

Augusto Dorchain

Paris annunciou há pouco a morte de Augusto Dorchain. Que ha ahí mais commum que morrer um escriptor, na França, onde elles proliferam e crescem com a fecunda e natural belleza dos trigaes e dos vinhêdos? A morte de Dorchain, entretanto, vale um registo especial e merece conslgnada nesta modesta meia columna em que se diz de assumptos literarios.

O célebre auctor do "L, art des vers", poeta e theatrologo, dono de cinco obras laurizadas pela Academia Francesa, entre as quaes sobrelevam os ensaios sobre Cornelle e Lamartine — morreu como vice-presidente da Societé des hommes de Lettres, e membro da Societé des Auteurs Dramatiques, ambas de Paris. Nascido na celebre Cambrai — duplamente notavel pelo seu emerito Arcebispo e pelas suas lindas rendas e tecidos afamados — Dorchain possuia essa alma do francês do Norte, sempre ardente e vibrante ao contacto da fronteira, sagrada na resistencia heroica ao invasor. Desde "La jeunesse pensive" e "Vers la lumière", até o "Hymne sur les Cloches de Pâques" — descreveu o seu estro uma formosa espiral de rythmos e conceitos altos e profundos, que nos forçam a reconhecer nelle um verdadeiro poeta, uma dessas manifestações "do claro genio francês" na sua mais bella expressividade. Elle bem demonstrou conhecer a fundo essa arte divina que ensinca, desmentindo a regra geral que faz dos philologos pessimos escriptores, dos theoristas detestaveis homens de acção.

Dorchain planava, como poeta, nas altura dos Banvilles e dos Coppées.. Conheceu e mostrou aos outros essa nobre noção de que o verso, a Poesia "faz a paz no coração do homem e no mundo" no expressivo dizer de Pindaro.

O grande escriptor succumbiu aos 73 annos de idade, e — coincidencia curiosa — victimado por um desastre de automovel, tendo se chocado o seu carro com outro em que viajava o conhecido belletrista Jean Tha-

raud. Donde concluirá, com malicia, algum leitor desta chroniqueta, que não é só nos livros e nos jornaes que os homens de letras atropélam uns aos outros, cedendo á inflexivel lei cosmica da lucta pela vida...

Não deixa de ser interessante tol circumstancia que aki vae narrada sob responsabilidade d' "O Jornal", que, nisto de noticias de imprensa, eu pôkho muita reserva e ando com bastante cuidado, desde que deitam para «matar», por simples diversão, gente que continua bem viva e com saude, para vêr, talvez, ainda, desaparecerem os seus "assassinos jornalisticos"...

Abril 1920

IX

Dollfus

*Em todas as scenas do drama humano, cuja re-
presentação tem dois actos—um, ephemero, que se cos-
tuma chamar vida e outro, eterno, que chamamos mor-
te, mas que é, de facto, a vida—em todas os episodi-
os desse desconcertante palco de imprevistos, o que mais
me attrahe e seduz e fascina é o «angulo do sentimen-
to».*

*Mais que todos os esplendores da Intelligencia
e da propria Belleza, muito mais que as laureas olym-
picas da Gloria e da Fortuna, o meu espirito se in-
clina (questão de formação ou de nascença...) para um
pequenino traço de sensibilidade, que a muitos passaria
despercebido. Sou um coração—acima de tudo. Es-
se órgão, em que se convencionou alojar o que ha de
mais nobre no sêr humano, me empolga e dicta as
directrizes da minha vida. Ainda agora, lendo numa*

revista francesa os curiosos pormenores da tragica morte do grande chanteller Dollfus, que tombou em Vienna victimado pelos inimigos da Ordem, o que mais me tocou a fundo a sensibilidade foi a narrativa da dôr immensa da senhora Dollfus, que, contando aos filhinhos recém-orphanados, a sua incomparavel desdita, teve esta phrase pungente, que só um coração de pae pôde comprehender: «Nunca mais o papae brincará com vocês...»

* * *

Dollfus foi pae carinhosissimo. Deixou duas crianças, dois mimosos renvos do seu amor, alem de um terceiro, que veio a nascer posthumo. Apesar do seu estado desaconselhar uma viagem, a senhora Dollfus, apenas soube, na «villa» Riccioni, do assassinio do seu esposo, transportou-se, no primeiro avião da linha Italia-Vienna, para a capital danubiana. Ha muito lhe dizia secreto presentimento que o seu marido seria morto pelos anarchistas.

Numa entrevista que deu á jornalista espanhola Maria Juana Viel, ella confessara qual vinha sendo a sua vida de intimas torturas, ao lado de Dollfus, «com a certeza de que vão matal-o um dia.» E evocava, com saudade, a vida do pastor dos Alpes, numa casinha distante, entregue apenas ao seu amor e dos seus filhinhos, com quem Dollfus gostava tanto de brincar.

E' doloroso. Mas que fôra a vida, de resto, sem esses altos e baixos, em que apenas a ternura constitue o unico, o verdadeiro encanto?

X e XI

Coelho Netto e Humberto de Campos

Uma semana apenas de intervallo entre dois formidaveis golpes desferidos sobre as boas letras do Bra-

sil: — a morte de Coelho Netto e a de Humberto de Campos. Na lugubre sequencia com que se vai assignando o anno, estes dois ultimos fallecimentos vêm, culminando sobre os demais, dar-nos a impressão de um raio que abatesse, quasi a um só tempo, dois pujantes robles da floresta augusta do nosso pensamento. Varias affinidades os ligaram na vida, para, igualmente, os aproximar no fim. Filhos ambos da gloriosa Athenas do Norte, desse Maranhão que nos deu das maiorissimas figuras de nossa intellectualidade, tiveram um e outro a sua vida dominada pelo signo do jornalismo e da literatura, tornando-se, com o interregno de uma geração, os idolos da popularidade e os rectores do nosso movimento mental.

Ligeiro incurso pela politica não os conseguiu desenfitejar dos amavios da Circe das letras, que lhes empolgou a actividade. De passo, porém, que Coelho Netto succumbe como sol que percorreu toda a luminosa trajectoria, Humberto desaparece no pleno meridio tropical da sua vida, eclipsado inopinadamente quando no seu mais lucido fastigio. Trago ainda viva a reminiscencia do meu primeiro contacto com esses dois altos espiritos:—Coelho Netto, a quem fui apresentado na Academia por Augusto de Lima (como vão depressa, os mortos!) e Humberto de Campos, de quem me aproximou Palmyro Pimenta, em 1914, na redacção d'«O Imparcial», Um, solemne, hieratico, pomposo, como o seu proprio estylo oriental, ficou toda a vida para mim a mais antiga impressão da adolescencia, dos meus primeiros amores literarios, através das Baladilhas, que eu recitava, commovido, aos quinze annos em flôr; outro, simples, accessivel, lhano, como um velho camarada, deu-me a impressão de um espirito amavel, aberto para todas as communicatividades, como a sua linguagem singela e, ao mesmo tempo, encantadora.

E eis-os que se vão, deixando-nos aturdidos e tristes, neste rochedo que Humberto descreveu com tanta expressão, onde «um bando de trinta-réis se debate» em busca da "conquista momentanea de um pouso" no meio do Oceano da Eternidade...

XII

Ronald de Carvalho

As Eumenides parecem haver desencadeado as suas iras contra a intelligencia e a arte, neste país. Em pouco tempo, quantos luminares se apagaram, dando-nos a impressão de que, no oceano da vulgaridade, dentro em pouco extinctos os mais lucidos pharoes, ficaremos á mercê das trevas ou das meias-luzes, que, no seu bruxoleio, pouco ou quasi nada illuminam.

O ultimo, por emquanto, até a hora em que escrevo esta chronica, a tomar o caminho sombrio, a curva do Mystério, foi Ronald de Carvalho, o poeta glorioso dos "Epigrammas ironicos e sentimentaes, e o ensaista admiravel do «Rabelais et le rire de la Renoissance.»

Morreu tragicamente, em consequencia de um choque de automoveis. Como Felipe de Oliveira, seu irmão no sonho e na poesia, com a differença, apenas, que emquanto este fechou os olhos em terra estrangeira, (será mesmo extrngeira a França para um artista?) o outro, Ronald, morreu na sua querida terra carioca, cercado dos seres mais caros, sua mulher, seus filhos e seus amigos. A nota dramatica do desfecho da sua vida torna mais doloroso pelo imprevisto, essa perda irreparavel. Uma fatalidade, por certo, persegue essa geração de pensadores e esthetas, arrebatando-nos assim, de fôrma inopinada, os seus mais bellos nomes representativos.

Assim foi com Jackson—morto numa pescaria,

Consolemo-nos com o pensamento em que elle mesmo vasou, no "Amavel Epitaphio" a sua noção do ephemero da vida e das suas alegrias:

«Não chores, não, viajor. Sorri, viajor!

Não vês os passaros nos ramos?

Não vês as rosas nos hastis?

A vida é assim. Um minuto que dansamos, um minuto, dois...

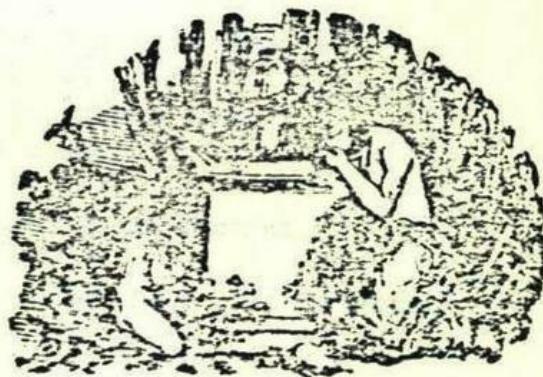
Depois...»

Voltando de Petropolis, por uma tarde de belleza, sob o fulgor incomparavel do verão carioca, uma cilada do destino, no cruzamento de duas ruas centraes, prostrou no leito, donde não mais se ergueria, o grande escriptor.

Certo, elle não esperava por esse epilogo tão breve. Mas, «a vida é assim», infelizmente.

Ou felizmente — quem póde saber?

José de Mesquita



Da leitura da Escriptura Santa

(*Pierre Corneille*)

Busca a verdade só na sagrada Escriptura;
deves lel-a, de resto,
com espirito igual ao da doutrina pura,
tal como o vês no texto.

Não se lhe exija nunca o enfeite da linguagem,
nem subtileza futil.
nem cousa que nos prenda á mais bella passagem,
mas sómente o que é util.

Um livro que é devoto e chão, sem eloquencia,
deve-te ser tão grato
como aquelle que engendra a presumpção da sciencia,
no seu grande aparato.

Não indagues se o autor é grande no saber
e nas lides do estudo;
mas, se diz a verdade e te ensina a viver,
lê seu escripto a miudo.

Se por elle é explicada a boa e san doutrina,
presta-lhe toda fé;
pensa no que ella encerra, e quanto a quem t'a ensina,
não indagues quem é.

A nossa autoridade é de pouca valia
e nada consistente;
a verdade, porém, que o céu nos annuncia
persiste eternamente.

Qualquer que seja o autor, comnosco Deus se explica
de differentes modos,
e pelo que lhe apraz é que elle communica
altas lições a todos.

Seu verbo, muita vez, sublime no sentido,
é tão mysterioso
que se alguém o aprofunda, ha de se ver perdido
o senso do curioso.

Elle muita vez quer que a verdade resista
ao que a razão reclame,
e perde-se quem pára onde devera a vista
apreciar sem exame.

A esse thesouro aberto aos olhares do crente,
e de eterno deleite,
leva o teu coração simples, humilde, ardente,
para que te aproveite.

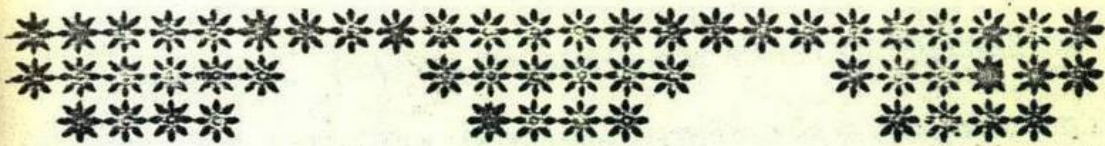
Não pretendas passar nesse estudo sagrado
por um grande erudito,
ou o fructo de um labor tão rude e prolongado
não fôra mais que um mytho.

Sobre mysterios tæes ouve de bõa mente
os melhores juizos,
escuta com respeito o que o papa somente
disser nos seus avisos.

Sobretudo, que não te desgoste a parabola,
em seu vario objectivo,
nem a tomes jamais por uma qualquer fabula
que se faz sem motivo.

Augusto Cavalcanti





A greve no Pretorio

Ali, no bairro do Andarahy, na fascinante Sebastianopolis, não havia quem não julgasse Lucio e Marina os noivos mais felizes sobre a terra.

Quanta dedicação, quanta ternura de parte a parte não fizeram estremecer de inveja a muitos corações apaixonados!

Elle, alto, moreno, vigoroso, bello typo de *sportman*, cursando o ultimo anno de Engenharia — um partidão. Ella, figura estonteante de Clara Bow, deliciosa criaturinha de 18 primaveras, affavel, meiga para com todos, o que maior realce emprestava a sua belleza, afinava as maravilhas com o "principe encantado" dos seus amores, desde a linha impecavel da elegancia até os sentimentos de authentica piedade christã que os tornaram idolo da estima e veneração da pobreza toda daquelle bairro.

Lucio e Marina eram, assim, o padrão da felicidade, da verdadeira felicidade do coração.

Em todo o Andarahy, na opinião sempre exigente das mães, o rapaz que se apresentasse sem a fidalguia de maneiras de Lucio Cavalcanti era um grosseirão, e, da mesma sorte, a menina que não soubesse affectar a graça communicativa de Marina — uma estouvada.

Posto que filha de um simples funcionario municipal, o sr. Euzebio Feitosa de Vasconcellos, Marina tinha para seus "alfinetes" quem lhe sustentasse a nota de distincção e elegancia: o seu caro padrinho sr. commendador José Pereira Nunes Fernandes.

O "dindinho Fernandes", como ella o chamava, era um portuguez rico, solteirão, que por ella tinha uma afeição verdadeiramente paternal.

Queria a todo transe vel-a casada, e, por isso, facilitando o carinhoso objectivo, fez inscrever em testamento uma clausula attribuindo-lhe 200:000\$ dês que, ao dia do fallecimento do testador, estivesse a afilhada casada.

E elle mesmo, com as suas boas relações no mundo commercial, foi quem se encarregou, á surdina, de promover a aproximação de Lucio e Marina.

Por isso babava-se de gozo ao ver o "parzinho de pombos" a arrulhar pelo jardim da sua opulenta e magnifica vivenda da Tijuca, onde, aos domingos, costumavam os noivos ir fazer-lhe companhia.

A' noite, em sua linda *limousine* "Pacard", trazia a Andarahy o casalsinho feliz sempre recebido pela familia do "cumpadre Uzebio" com as mais positivas mostras de respeito e veneração.

Nessas horas, á presença do carro luxuosissimo, Lucio e Marina assamiam, aos olhos da gente do bairro, verdadeiras proporções de predestinados. E as ternuras de Lucio exacerbavam-se. Tinha na voz melodias de velludos; o olhar elanguescente derretia lentamente como torrão de assucar posto no sereno.

* *
*

Chegou, afinal, o "dia venturoso" de Marina e Lucio.

Desde cêdo, Andarahy era um formigueiro de agitação, de curiosidade pela festa nupcial do casal bem fadado.

A' hora aprazada, os automoveis em fila, reluzentes e macios, rolavam rumo á Pretoria.

Os noivos eram a attenção de todos os olhares, sumidos no *coupé* de luxo entre flores e perfumes.

Os commentarios fervilhavam de louvor á belleza de Marina, de enthusiasmo pelo *aplomb* de Lucio.

Na pretoria, entretanto, aguardava o cortejo uma decepção: havia greve dos escrivães empenhados em obter melhorias dos seus vencimentos, e, pois, o casamento se não realizaria naquele dia.

Dindinho Fernandes, solícito, tratou de indagar ao certo do que havia e, dentro de alguns minutos, voltava tranqüilizador e sereno:

— Não ha de ser nada, m'nhos. Deus sabe o que faz; amanhã cá estaremos de novo para fazeire o que hoje não se fez.

Lucio consolou Marina com um longo beijo na testa e, irreprochavel como de costume, não deu a mais leve demonstração de aborrecimento ou de protesto pela attitude irreverente dos serventuários da justiça.

O facto, porém, não deixou de provocar commentos pouco lisonjeiros das velhotas do bairro: não era de bom presagio voltar a noiva sem ter dito a que foi.

E não faltou quem não soubesse de casos assim e que sempre acabavam com morte.

Mas como em casa do sr. Euzebio havia muito que comer e beber, o agouro foi posto á margem para dar logar ás alegrias tanto mais necessarias naquella conjunctura para amenizar a nuvem de tristeza que toldava o céu da felicidade de Marina.

* * *

Fatalidade! No dia seguinte, muito cedo, no seu apartamento do "Souza Dantas", recebia Lucio um telephonema afflicto de Marina, communicando-lhe a morte repentina de dindinho Fernandes.

Lucio largou o phone friamente, sem um gesto de surpresa ou de dôr, e, tomando do lapis, dirigiu á Marina o seguinte recado:

Marina:

Estou sciente de haver fallecido esta noite o fiador da nossa felicidade.

Sempre desconfiei daquelle portugua a quem tu chamavas, tolamente, teu "dindinho".

A azemola arrebenta justamente á hora em que nos podia ser util.

Esquece, pois, de mim e trata de criar juizo para poderes accomodar os teus gastos dentro dos vencimentos municipaes do teu pae, o sr. Euzebio de tal, a quem Deus guarde.

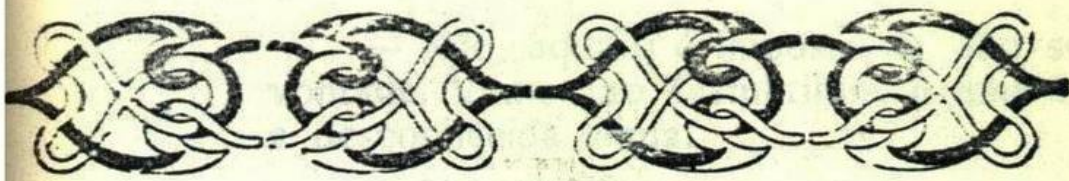
Do ex teu

Lucio

(Caecildo Tabajara)

Amarillo Novis

Paginas dos Mestres



Um trecho d' "A Conquista"

O encontro de Coelho Netto e Bilac

Foi nessa noite que, por intermedio do Freitas, um satyrico bahiano, elle conheceu Octavio Bivar. Desciam a rua do Ouvidor quando encontraram o poeta diante de uma vitrina admirando os braceletes que faiscavam nos escriptorios de velludo. O Freitas atirou-lhe uma palmada ao hombro. O poeta voltou-se repentinamente, espantado, dando, porém, com o amigo, tranquillizou-se.

— Que fazes ahi?

— Admiro. E tu, como vaes?

— Bem. Conheces aqui o Anselmo?

— De nome.

— Este é o Bivar, o homem que ouve estrellas.

Vamos tomar alguma coisa.

— Podemos ir.

— No Deroche.

— Não, aquillo é impossível; não se póde estar á vontade. Vamos ao Gambrinus, é uma bodega honesta e desconhecida ainda.

— Na rua 7?

— Sim. Dirigiram-se pausadamente para a cervejaria e, logo que se abancaram, o Freitas atirou-se aos tremoços pedindo ao poeta que recitasse alguma coisa. Bivar desculpou-se: andava atropellado, não tinha tempo para escrever um verso, uma vida de cão, perseguido por um senhorio inclemente.

Podia recitar qualquer coisa antiga...

— Pois sim. O Julgamento de Phrynéa, por exemplo, Conheces, Anselmo?

— Não.

— Uma coisinha, disse o poeta, pigarreando. Voltou a cadeira, fincou o cotovello na mesa, lançou um olhar pela casa e, com os dedos enfeixados, disse solenemente, em tom profundo, balançando o corpo:

Mnezarete — a divina e pallida Phrinéa
Comparece ante a austera e rigida assembléa
Do Areópago supremo. A Grecia inteira admira
Aquella formosura original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,
De Hiperides á voz e á palheta de Apelles.

.....

Os olhos immensos do poeta saltavam á flôr do rosto e rolavam num extases divino. Soerguia-se, como que uma força mysteriosa o levantava, por vezes, e a sua voz, cava e lenta, tinha um quer que fosse de prophetica como se viesse dum adyto oracular. O Freitas, embevecido, dava com a cabeça, cerrava os olhos e mastigava tremoços. Anselmo fitava o poeta com admi-

ração. Ao fundo da casa dois homens, em mangas de camisa, falavam alto. O Freitas não se continha, voltou-se com um "psio!" e os homens começaram a sussurrar — só a voz do poeta rolava, profunda e grave, num turbilhão de rimas sonoras.

— Admiravel! exclamou o Freitas quando o poeta, com um gesto largo, repetiu as palavras de Hiperides, arrancando dos hombros da hetaira a tunica que lhe encobria o maravilhoso corpo:

«Pois condennai-a agora!»

Não ficaram, por certo, mais maravilhados que os dois rapazes, os velhos austeros do Areópago.

— Soberbo! exclamou o Freitas reclamando mais cerveja. Anselmo ficou algum tempo a olhar o poeta, sem dizer palavra, arroubado.

— Agóra, o senhor: recite-nos alguma coisa.

— Isto não faz versos, disse, com desprezo, o Freitas. E' só prosa chilra.

— Faz muito bem. A prosa, se não tem a nobreza do verso, é mais ampla; o pensamento move-se livremente no periodo sem os apertos da metrica, sem a preocupação monotona da rima. A prosa! a excelsa prosa! Não imagina como eu amo a prosa, acho-a até mais difficil do que o verso.

A prosa marmorea de um Flaubert, de um Saint-Victor... oh!

— Preferes, então a prosa ao verso?

— Prefiro.

— E porque não fazes de preferencia a prosa?

— Hei de fazel-a.

Ora, qual!

— Has de vêr.

— Tu és poeta e has de ser sempre poeta, quer queiras quer não.

— De accordo, mas poesia não quer dizer rima, poeta não é o que faz estrophes. Ha por ahi muito animal que faz versos impeccaveis e que tem tanto de poeta como eu tenho de cantor de arias. A estrophe é um excipiente, é um meio de expressão, é a plastica. O sentimento é tudo.

— A proposito de poetas: disseram-me que assassinaste aquelle poeta que andava contigo?

— Que assassinei...!?

— Sim...

— Perdão... Eu conto o caso, Esse poeta, que era o meu algoz, foi jantar commigo e comeu desbragadamente. Só havia um prato, mas abundante: bacalhau.

O homem empanturrrou-se e, á sobremesa, que constou de uma penca de bananas, recitou-me o famoso soneto: Dor! que termina por um terceto abracadabrante:

Africana sem fim a marchar sem chapéu
Cheia de magua e dor a mãe tonitruosa
Uiva como uma cobra a través do escarceu.

Quando ouvi taes coisas tive impetos de o esganar, confesso, mas contive-me, fui prudente. O homem, porém, depois do jantar, acompanhou-me e quiz dormir commigo. Foi. A's duas da manhan acordou avido pedindo agua. Eu, que estava morto de somno, disse-lhe que não tinha agua no quarto. Elle uivou: "Que morria!" Para livrar-me da monstro disse-lhe, então: Vai ao banheiro, abre-o e bebe ao chuveiro... Disse e voltei-me para a parede recahindo no somno. De manhan o homenzinho estava a estourar: arfava, urrava, vociferava:

Africana sem fim a marchar sem chapéu...

Foi transportado para a casa da familia em carro e curou-se. Ainda, depois disso, ouvi o soneto tremendo.

Elle morreu, depois de uma febre.

Era hediondo! Levantaram-se.

A noite negra ameaçava.

— Parece que vem muita chuva.

— Parece.

— Vou já para casa, adeus! Vocês ficam por aqui não?

— Ficamos, disse Anselmo. Com uma noite destas não me atrevo a ir a Cascadura.

— Está em Cascadura?

— Estou mas desço amanhã.

Não posso morar tão longe trabalhando em um jornal da tarde.

Entrei para a Gazeta.

Ah!

— Bem, adeus, rapazes! disse o Freitas.

— Adeus! e nós?

— Vamos dar uma volta por ahi. Adoro esta cidade, á noite.

Seguiram lentamente. Fulvos relampagos fremiam encandecendo o céu. Raros transeuntes, presentindo a tempestade, apressavam o andar. De espaço a espaço uma rija lufada levantava columnas de poeira; batiam janellas e rumores longinquos de trovões rolavam surdamente.

— Em que jornal trabalha? perguntou Anselmo rompendo o silencio.

— Eu? não trabalho em jornaes. Considero a imprensa uma industria intellectual!. Entra a gente para o jornalismo com um bando de idéas originaes e retalha-as para o varejo do dia a dia. Quando vejo um poeta ou um prosador a fazer noticias tenho piedade. Que diria você se encontrasse o Dalou, o grande Dalou em

casa de um marmorista da rua da Ajuda, com um gorro de papel á cabeça, talhando, no marmore industrial, anjos funereos para as sepulturas de Catumby? E' ignobil! O jornalismo está para a Arte como um desses anjos bojudos de cemiterios estão para o Laocoonte. Eu, se me metesse a fazer noticias, enlouquecia. Sinto-me incapaz, a local aterra-me. Tentei, uma vez, redigir a mais simples das noticias: um caso banal de policia. Pois, meu amigo, sahiu-me um substancioso artigo politico. Quem póde compor um periodo perfeito numa sala de redacção, interrompendo-se, de instante a instante, para acudir á reclamação dum sujeito que pede providencias contra a falta d'agua? E' hediondo!

— Pois eu vou trabalhar na Gazeta.

— Vai escrever chronicas...?

— Não sei ainda.

— Não faça noticias; a noticia embota. Ataque as instituições, desmantele a sociedade, conflagre o paiz, excite os poderes publicos, revolva o commercio, assa-nhe as industrias, enfureça as classes operarias, suble-ve os escravos, mas não escreva uma linha, uma pala-vra sobre notas policiaes, nem faça reclamos. Mantenha-se artis'a: nem escriba nem camelote. Havemos de vencer, mas, para isto, é necessario que não façamos concessões.

O redactor não quer saber se temos ideaes ou não: quer espremer. Quanto mais succo melhor. O prelo é a moenda e lá se vai o cerebro, aos bocados, para re-pasto do burguez imbecil e, no dia em que o grande in-dustrial comprehende que nada mais póde extrahir do-desgraçado que lhe cahiu nas mãos, sonhando com a gloria litteraria, despede-o e lá vai o infeliz bagaço aca-bar esquecidamente, minado pela tuberculose.

Um homem de talento que se mette em jornaes suicida-se. Já se vê que não me refiro aos agitadores

da opinião, aos que fazem o fluxo e o refluxo das marés sociaes, esses não têm outro campo senão o jornal. Os politicos que escrevem sobre a emoção ephemera do momento não devem fazer livros. O livro fica, o jornal passa e raramente deixa vestigio. O artigo do dia mata o artigo da vespera, a opinião de hoje prevalece e a de hontem morre, mas com o artista consciencioso, não.

Demais, meu amigo, egoismo antes de tudo; o jornal é o redactor politico, o mais... que vale? Fica-se sempre á sombra, por mais que se faça. Não vale a pena. O trabalho de um anno no jornal não vale uma pagina requintada de um livro d'Arte.

— Mas que se ha de fazer?

— Escreva livros.

— Para que, se não ha quem os edite?

— Escreva contos, fantasias, chronicas.

— Não pagam. Fazem ainda grande favor quando os publicam.

— Pois, meu amigo, que me venham pedir versos ou prosa de graça, Quer saber? os culpados da depreciação litteraria são os proprios litteratos. Alencar vendia os seus romances ao Garnier por quatrocentos mil réis. Quantas edições tem O Guarany? Está ainda na primeira e conhecido em todo o Brasil. O editor fez com o romance o milagre de Tiberiade: multiplicou-o.

Se houvesse fiscalisação a coisa seria outra.

Chegaram ao largo do Rocio justamente quando cahiam as primeiras gottas grossas da chuva. O povo corria, mettendo-se pelas casas.

Tilburys passavam á disparada e a chuva ruflava tocada pelo vento aspero que atirava bátegas aos vidros das lojas.

Que tempo! exclamou Bivar levantando a gola do casaco.

Para onde vamos nós? Se fossemos á Maison? Estamos encharcados.

— Queres affrontar a rafale?

— Vamos.

— Então vamos. Encolhidos, rente das casas, saltando sobre os jorros das gargulas, foram apressadamente até a rua da Carioca e detiveram-se na esquina, indecisos, sem animo de atravessar a rua. Já pelas sargetas rolavam corregos grugulhando nos ralos dos escoadores. Relampagos flammejavam e os trovões, mais proximos, reboavam num canhoneio incessante.

— Um! dois! . . . e Bivar atirou-se, a grandes pernas, atravessando a rua seguido de Anselmo.

A Maison transbordava. Os dois, escorrendo, relanceavam olhares pesquisadores quando ouviram um »psio» e logo descobriram Patrocínio, num grupo, a uma das mesas do centro.

— Eh! Cheguem-se ao Ararat.

— Ora! apanhemos esta carga de agua nas costas. Eram do grupo o Lins, o Neiva,, Ruy Vaz, o Duarte e um rapaz alto e claro, de olhos miudos e espessos bigodes negros, muito reluzentes; largo feltro desabado escondia-lhe a fronte.

— Conhecem o Luiz Moraes? o grande poeta republicano? Anselmo Ribas, Octavio Bivar. O poeta dos bigodes estendeu a mão aos rapazes resmungou uma amabilidade. Sentaram-se. Os caixeiros substituíram os copos e garrafas. Patrocínio estava com a palavra.

— Falavamos do jornal . . .

— Novos planos?

— Novos e verdadeiros. Dizia eu que se pudesse contar com todos vocês faria o primeiro jornal da America do Sul. Com dois annos de trabalho estavamos todos ricos, fretavamos um vapor e partiamos para a Europa.

— E a abolição, José ...?

— A abolição está feita. E' questão para mais uns mezes.

— Pois sim!

— Pois sim? Mas que ha de fazer o governo, constrangido, como está, pela opinião publica?

O Norte já se manifestou e o Sul ha de acompanhá-lo. Demais, meu amigo, o escravo já não é um submisso, é um revoltado. Nas fazendas cada negro é um combatente e o exodo ahi vem. Quando começar o abandono da terra, não um a um, mas aos bandos, ostensivamente, em face dos senhores que não hão de querer jogar a vida, que ha de fazer o governo? mandar contra as que defendem um direito sagrado a tropa armada? não! E ainda que mande: conheço o exercito, sei que nenhum soldado se prestará a exercer o officio miseravel de capitão de matto. A abolição é uma questão vencida.

— Deus queira!

— Depois da abolição, a republica, rosnou Moraes.

— A republica! exclamou o Lins com assombro.

— E porque não? A republica, sim! affirmou o poeta assomado! Quer você que continuemos com uma freira melomaniaca? Está enganado ...! Pego em armas, se fôr preciso....!

— Ora, Luiz ... ia a dizer o Neiva, contrariando o poeta, elle, porém, atirou um murro á mesa e, erguendo-se, com os bigodes arripiados, os olhos fuzilantes, bufou:

— Pego em armas e em você também, pelos cós das calças, está ouvindo?... Em você mesmo.

Ruy Vaz interveiu:

— Que é isto? Já vocês começam.

O Neiva levantou-se, distribuiu apertos de mão:

— Bôa noite . . . bôa noite . . . E encaminhou-se para a porta.

— Pois não! Este senhor entende que ha de sempre impor a sua opinião. Onde elle está ninguem mais fala. Pego em armas . . . ! Que tem elle com isso? E se apparece pela frente, quando eu estiver defendendo os direitos do Homem, prego-lhe uma bala no figado.

— Mas, Luiz . . .

— No figado, já disse. Em politica e em Arte sou intransigente. Mas o Neiva não voltou:

— Se não estivesse chovendo tanto, eu mostrava . . .
Sentou-se.

— Mostrava . . . mostrava o que?

Homem, você não me aborreça . . .

— Mas que é isto gente . . . ?

— O' Luiz, pelo amor de Deus, deixa-me em paz . . .

— Pois é isto! Não me contrarie. Tome a sua cerveja muito quieto e deixe-me cá com as minhas idéas. Eu sou peor que Cimourdain. Estendeu o braço sobre a mesa e, com uma voz cavernosa, disse: Prestigio á lei! Mas esta gente não estuda. Fala-se em evolução e ficam todos embasbacados. Leam Spencer . . . Mas o Patrocínio conseguiu desviar a conversa para a litteratura e, á meia noite, tendo cessado a chuva, quando se levantaram, o Neiva, muito mysterioso, de braço com o Moraes, offerencia-se para levantar uma barricada na rua do Ouvidor, esquina do largo de S. Francisco e o poeta respondia:

— E lá me has de achar com as armas na mão.

— Correcto! Então está feito?

— Está feito, porque não? E poz-se cuspinhar.

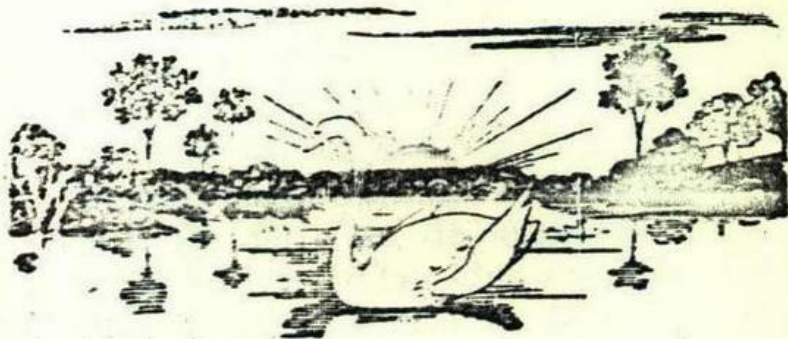
— Para a vida e para a morte!

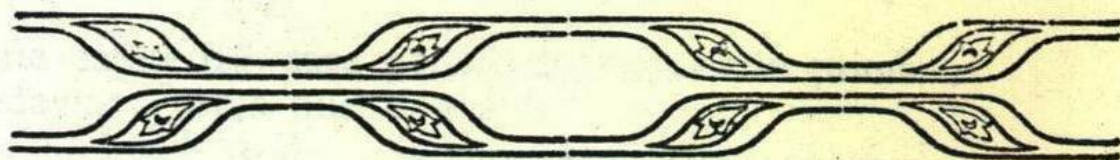
— Para a vida e para a morte!

E despediram-se. Anselmo seguiu só para o hotel, pensando nas palavras de Bivar: «Não faça notícias, a notícia embota»:

Uma lua sinistra rolava entre grossas nuvens e as gotteiras pingavam lentamente

Coelho Netto





"O Vareiro"

O transporte de cargas, no Parnaíba, é feito em barcas de grande largura e pequena profundidade. Embarcações para os rios de pouca água, chamam estas a atenção do viajante para a solução que os armadores fluviais encontraram, com elas, para o seu problema comercial. De ferro ou de madeira, fabricadas nos estaleiros ingleses ou saídas das oficinas caboclas, nas cidades ribeirinhas dão elas a idéia de "icebergs" escuros, descendo, ou subindo, a correnteza morena. Para compensar a falta de espaço no bôjo raso, exageram os proprietários o seu carregamento no sentido da altura. As bôrdas da barca não saem d'agua sinão uns quatro dedos, no centro, e apenas uns trinta centímetros na pôpa e na prôa. Mas a montanha de couros, de sacas de algodão, de cêra de carnaúba e de outros produtos da região, eleva-se quatro, cinco, às vezes seis metros, acima do nível do rio. A embarcação desaparece quasi, dando a impressão de que a sua carga viaja sozinha, rumo do litoral. E o mesmo acontece quando sóbe, levando os produtos da industria civilizada para o confôrto precário dos homens do alto sertão.

O que caracteriza esse genero do transporte primitivo é, todavia, a força que o aciona.

Força humana. Braço caboclo. Musculo de negro. Energia de homem branco embrutecido pela pobreza. Mas, é preciso contemplar estes heróis obscuros e anônimos na sua faina para admira-los. De um lado e de outro da barca, orlando a montanha de carga, estende-se um pequeno caminho de dois palmos de largura, e que vae do convés da prôa ao da pôpa. E' o caminho do "vareiro." E' a passagem dos tripulantes de bronze ou de onix, que com a robustez hercúlea do seu peito, levam aquelas toneladas de carga, no valôr de centenas de contos, de Floriano a Parnaíba, rio a baixo, ou de Parnaíba a Floriano, rio a cima, através centenas de leguas, vencidas penosamente.

Semi — nós, tendo apenas, entre a cintura e a côxa, um calção de zuarte ou de estôpa, molambo que os mendigos recusariam, resto de uma calça ou de um saco, a musculatura á mostra, o "vareiro" é o pária soturno e heróico daquelas paragens. Dante não imaginou, jamais, para os seus réprobos, um circulo do Inferno em que se registasse a pena daquele suplicio calado. Três, quatro, de cada lado da barca, munido cada um de uma vara que méde seis ou sete metros, e tão solida que o seu peso é, já, suficiente carga para um homem, os "vareiros" vão, lentamente, passo a passo, um distante do outro, até á tolda da prôa, e firmam a vara no fundo do rio. Fixam, em seguida, a parte superior, no musculo do peito, acolchoado de carne calejada pela constancia do exercicio. E, firmando-se aí, vergados para a frente, apoiados na vara, cuja maior parte mergulha na água, começam a caminhar vagarosamente, o passo medido, pela borda da barca, no rumo da pôpa. Eles caminham para trás, como quem volta para o lugar de onde veio. A embarcação caminha para a frente, avançando sempre. Cada passo que eles dão, regressando, a barca, na sua ascensão pesada, rio a cima, conquista ou-

tro, para diante. Chegando á pôpa, retiram da profundidade a vara em que se apoiavam. Dirigem-se, de novo, para a prôa. E, de novo, repetem a caminhada vagarosa e monotona, fazendo sempre o mesmo passo, naqueles quinze ou vinte metros de convês estreito. E a embarcação sóbe o Parnaíba, de modo quasi imperceptível. A água, na sua viagem para o oceano, chia docemente na prôa de madeira ou de ferro, que a corta com preguiça.

Cada palmo de caminho fluvial vencido, custa o esforço de seis ou oito peitos musculosos e nús, em que se fixam as várás, entrando pela carne.

O trabalho do "vareiro" não póde ser mais triste, mais monotono.

As táboas, ou o ferro, em que pisa, são sempre os mesmos. E' sempre o mesmo caminho que faz, movendo os seus passos vagarosos e medidos. A margem do rio modifica-se: é verdade. Mas, além de ser o rio sempre o mesmo, para vencer um "estirão" são necessárias duas horas. Ele sóbe, assim, o Parnaíba, caminhando para trás. O rio todo, de Amarração ao último ponto navegavel, quatrocentos quilometros acima, é medido, dêsse modo, dezenas de vezes, pelo seu passo. E' êsse, no mundo, o seu castigo. Foi essa, no bêrço, por ter nascido nas proximidades do rio, a sua condenação.

E essa fáina não é apenas diúrna. Sendo longa a viagem, que demora ás vezes um mez, é preciso empurrar a embarcação dia e noite. E, assim, o "vareiro" lá está no seu posto, fazendo o seu pequeno caminho sôbre o estreito passadiço de táboas ou de ferro, á chuva e ao sól, sob a tempestade, tiritando de frio ou sob a canícula, o dôrso estalando as chicotadas de fôgo do céu. O dia morre. Surgem as estrellas. E o "vareiro", curvado sôbre a vara cravada no rio, marcha, vagaroso, fazendo, solitario, viagens de centenas de léguas, naquele caminho que não méde uma centena de passos.

A's vezes canta baixinho em toada triste, uma cantiga saudosa e dorida, que trouxe do seu povoado ribeirinho. Quasi sempre, porém, a sua canção é apenas um gemido, um lamento longo, a expressão de um esforço dos seus músculos. Atira a vâra ao rio. Finca-a na areia. Firma o peito na outra extremidade. E grita, soturno e maguado :

— U-u-u-u-ô ô ô ôi. . .

E continúa a caminhar em silêncio, no rumo da pôpa.

Na descida, com as águas baixas, o trabalho é quasi o mesmo.

A água não tem fôrça para carregar a barca, e é preciso que o "vareiro" a auxilie, pelo canal estreito e traiçoeiro. No inverno, porém, é menor o trabalho, mas é maior o perigo. A água, impetuosa e vermelha, trazendo na viagem o barro de todas as ribanceiras lambidas e desmoronadas na passagem, tem a velocidade das torrentes. Carregada pelo rio, a barca se precipita, como se quisesse chegar mais depressa que êle. O "vareiro" não tem o trabalho de empurrá-la, de impeli-la; mas tem o de defendê-la. Na velocidade com que desce os estirões, a embarcação vem, nas curvas do rio, de encontro ás margens. E, então, é a vez do "vareiro" impedir o choque: lança a vara de encontro á ribanceira, ou ao fundo da água. A vara curva-se, estala. As vezes quebra-se, atirando o homem á correnteza; ás vezes, porém, o ergue no ar, suspende-o, atirando-o, como um boneco esfarrapado e sujo, sôbre a montanha de carga. O "vareiro" vomita sangue. Faz mais uma ou duas viagens. Emagrece. A febre, que o visitava cada ano, torna-se a sua companheira de cada dia. Desembarca, para curar-se. Toma um ou dois remédios caseiros. Sustenta-se com as esmólas que lhe dão, no povoado em que agonisa. E morre, indo fecundar com a sua carne mortificada, ou com os seus óssos, as ribanceiras do rio,

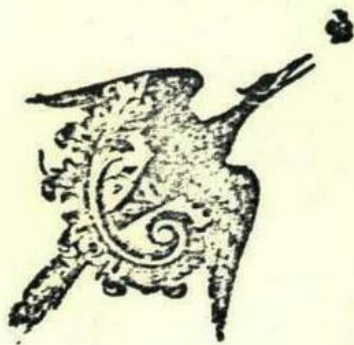
que as águas avolumadas cobrirão nas enchentes do próximo inverno.

Assim vive, preso á sua vara, empurrando a sua barca, rio acima, ou defendendo-a, rio abaixo, o “vareiro” do Parnaíba. E assim morre.

Assim vivo eu preso á minha pena. E assim morrei.

— U-u-u-u ô ô ô ô i...

Humberto de Campos



Paginas Contemporaneas



A Paz do Chaco

Discurso proferido na sessão comemorativa da pacificação, a 23 de junho de 1935, em nome da Academia Mattogrossense de Letras, pelo academico Olegario de Barros.

Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal:

Exmas. Senhoras: Meus Senhores:

Não era possível que a Academia Mattogrossense de Letras, em face das suas finalidades culturaes, se negasse de collaborar nesta significativa solemnidade em que se commemora, com o maior brilhantismo possível, a assignatura do Protocollo de Paz no Chaco, firmado a 9 do corrente, na culta e bella capital portenha.

O restabelecimento da cordialidade, interrompida por 3 annos, entre esses paizes visinhos e amigos do nosso,

e a nós presos não só pelos laços de sympathia e estima, como pela interdependencia de interesses os mais variados, justifica, plenamente, a alta e espontanea alegria que avassala dominadoramente a terra brasileira, num ritmo exacto e eloquentissimo com os nobres sentimentos que, nesta hora intraduzivel, empolgam as demais nações do continente americano por esse feliz evento.

Grande, digamos, mesmo, tentando configurar a sua amplitude magestosa, immensa, é a commoção que o episodio dessa paz tão ansiosamente esperada despertou em todos nós que vivemos sob o céu constellado da America do Sul; a circumstancia extraordinaria, porém, da interferencia decisiva do nosso eminente Ministro Macedo Soares, que, sem s. excia. não a teriamos talvez tão prompta, mais a avultou e cresceu aos olhos de todos os brasileiros.

Dupla e justissima razão, portanto, abona a expansão d'alma a que se entrega, neste memoravel momento historico, o nosso estremecido Brasil. Não lhe bastava a ventura da cessação da lucta, fecunda, de si mesma, em consequencias salutaes, mas, quizeram ainda os bons fados, que sellasse a concordia, unindo as heroicas bandeiras paraguaya e boliviana, a nossa diplomacia.

Senhores:

A paz do Chaco, que estamos festejando como o advento de uma nova auróra, parece confirmar a tendencia de emancipação crescente dos dois mundos, o velho e o novo, senão no tocante á sua evolução, ao menos na extincção dos litigios que os agitam. Realmente. Não conseguiu nas varias tentativas que fez para solucionar o problema do Chaco, não conseguiu a Liga das Nações uma só vez, propor uma formula que bem conciliasse os interesses divergentes dos contendores.

Baldados e repetidos foram os seus esforços. Uma só vez, sequer, a diplomacia de Genebra logrou fixar o ponto nervalgico da questão; e emquanto os representantes das Nações a examinavam, no Chaco Boreal o odio, cada vez mais entumecido, escoava em caudal de sangue e as metralhadoras estomeadas semeavam a desolação, a miseria e a morte.

Dir-se-ia, em face do fracasso de Genebra, ficou bem patente que o encerramento do drama sanguinolento exigia a interferencia de elementos outros, dotados de psicologia diversa da do pomposo scenario da Sociedade das Nações.

Talvez fosse porque o debate se ferisse entre representantes de paizes, cujos interesses são diminutos em referencia aos luctadores, ou porque, na realidade, não foram habilmente encaminhadas, o certo é que todas essas tentativas resultaram improficuas.

Com a brilhante conclusão attingida, isoladamente, pela diplomacia sulamericana, porém, tenho a impressão de que só, a ella, competia suggerir proposições accetaveis, como elemento integrado no mesmo ambiente economico em que luctaram bravamente paraguayos e bolivianos, presa, portanto, ao problema da paz, pela interdependencia dos negocios de vulto que ligam todos os membros da comunidade continental.

Bastou por isso, que essa diplomacia, utilisando-se do instante opportuno, em que descortinava ao mundo um alto conceito de nacionalismo, como espirito de coordenação economica, crystallizado em tratados de commercio e interpenetração de cultura, se dispusesse a intervir, amistosamente, ainda uma vez na pendencia, para que annuissem bolivianos e paraguayos, esclarecidos nas razões de ordem pratica expostas naturalmente com necessaria nitidez pela patriotica commissão medadora da Paz.

Devia, por certo, em face da actualidade continental, politica e economicamente considerada, caber a nós,

deste lado do Atlantico, a excelsa gloria dessa conquista, porque choramos tambem grandes perdas moraes e materiaes. Ligam-nos, ao heroico Paraguay e á leal Bolivia, grandes interesses, cuja assistencia e desenvolvimento dependem irrecusavelmente da paciticação.

Foi, sem duvida, esse o angulo de visão, o unico evidentemente capaz de solucionar definitivamente as questões internacionaes, que prevalecem na composição da harmonia paraguay-boliviano. E nem deve ser outro. Vai passando o cyclo metaphysico em que preponderaram os argumentos do coração e as exhortações sentimentaes de todo inuteis nos conflictos entre nações.

Encaremos, meus senhores, a guerra, como deve ser ella encarada, dentro do quadro de uma realidade cujos componentes se explicam na decorrença logica de factores estrictamente economicos. Nem o odio de raças, nem a suggestão das massas, nem o patriotismo exaltado lhe são o *abstractum*, mas, simples revestimento exterior do phenomeno monstruoso, indumentaria tecida pelos dirigentes das collectividades com o fim de occultar o germen que sacóde até os seus fundamentos as nações.

O testemunho da historia offerece-nos exemplos que merecem meditados nos quaes, mesmo as religiões, que são repositorios de alevantadas idéas moraes, legadas pela tradição, não raro dominadoras soberanas dos sentimentos humanos, foram impotentes para extinguil-a.

Se pois o refinamento ethico, que tanto a condemna, não a suffoca na face do planeta, menos ainda o pavor do aperfeiçoamento tecnico da arte de matar, hoje, attingido ao mais alto gráo de eficiencia.

Desoladora, confessamos, pungentissima verdade, a revolução espiritual não lhe tem refreado os impetos tragicos, pois se fôra exacto que a ascensão das idéas e dos sentimentos, na espiral encantadoramente descripta por Hegel, traduzisse um afastamento, cada vez maior, da possibilidade da guerra, não veriamos a angustia e

a opressão alanceando o coração da humanidade, na hora presente, ante a expectativa de uma tragedia, diante da qual a conflagração de 1914 não passará de scena mesquinha e irrisoria.

Mister se faz buscar nova therapeutica, não resta duvida. Consignemos a dolorosa verdade, affirmando, em parte, com L'Abbè Edouard, quando desgraçadamente declara «A guerra é inherente á humanidade e deve durar tanto quanto ella».

Como o incendio que se não detem senão quando lhe faltam alimentos, como a vida, que se não extingue senão pela privação do ar, a guerra se agrava em proporção ao desenvolvimento religioso, philosophico, politico e industrial; ella durará tanto quanto os amores proprios e o conflicto das pessôas estiverem em perigo.

Consequentemente, haverá sempre guerra entre os individuos, guerra entre familias, guerra entre nações.

Não nos levemos, porém, ao sopro desse pessimismo amargo, até o extremo a que chegou o virtuoso prelado francez. Melhor avisados seremos, acompanhado, tambem até certo ponto, o ~~ansio~~ ansio nobre do sabio Nicolai, traçado na sua "Biologia da guerra", que antevê, como divulga Romain Rolland, bem proxima, a extinção radical desssa enormissima calamidade, sem, contudo, adoptarmos a conclusão do notavel pensador de que o agigantamento desmesurado de suas proporções é o symptoma precursor da decadencia do monstro insaciavel — a lei da giganthanasia.

Creio firmemente, meus senhores, que estamos prestes a chegar ao inicio da gloriosa etapa de um pacifismo organizado na America do Sul. Tudo parece está indicando que caberá a esta parte do mundo o grande ensaio, de onde surgirão as leis fundamentaes de uma nova economia continental, razão precipua e unica que será capaz de manter o equilibrio das nações, consoan-

te a opinião de argutos observadores. E a presumpção do que vos affirmo está na marcha, ainda incerta, hesitante ainda, é verdade, que vão tomando as collectividades americanas, no processo de uma coordenação economica, orientada nos tratados assignados, plasma o riginario em que se vai modelar no futuro um novo ritmo da vida internacional do novo mundo.

Do mesmo passo, como cooperador da mais alta eficiencia, nessa construcção admiravel, enche o ambiente brasileiro o pensamento sadio de um nacionalismo rejuvenescido que abre, de par em par, as nossas almas aos povos visinhos, agasalhando nas suas dobras todos os esforços bem dirigidos com que o estrangeiro contribua para enriquecer o nosso patrimonio material e cultural.

Que deite, minhas senhoras e senhores, as suas raizes profundas, penetrando e embebendo o coração das nossas elites dirigentes, essa aspiração entresonhada em que se reconciliam, de mãos dadas, o progresso e a harmonia, a abundancia e a paz, e possam, assim, todos os paizes que vivem sob a bençãam do Cruzeiro do sul, em união fraternal, forjar a grandeza dos seus destinos na terra americana.





A marca da terra

(A proposito do "Samam'cia" de Roquette Pinto)

POR mais de um aspecto, o volume derradeiro, em que Roquette Pinto enfeixou escriptos de varias tonalidades, constitue uma obra indispensavel á sua bibliographia. Não pela gravidade dos themas explanados, que, de preferencia, se encontrarão nos outros, por meio dos quaes consolidou a sua nomeada de ethnographo.

Mas, justamente, pela mobilidade e leveza de assumptos, que lhe espelham a formação goetheana, capaz de interessar-se pelos menores phenomenos, com a mais agil attenção desperta para tudo quanto seja manifestação de vida.

Não foi por simples coincidência que, ao comemorar-se o centenario de Goethe, á sua palavra autorizada confiou a Academia a missão de evocar os traba-

ihos do naturalista, cuja fama se esbateu, sombreada pela do poeta, avassaladora do mundo.

Era-lhe do gosto a incumbencia, que iria dar relevo á affinidade intellectual, entre o criador do "Fausto" e o conferencista, dedicado especialmente ás sciencias naturaes, a que tambem se applicava a curiosidade insaciavel do seu grande inspirador.

Por isso, constituiu uma das mais expressivas homenagens da cultura brasileira, isenta dos excessos da apologetica, mas impregnada de pontual compreensão do dynanismo intellectual daquelle em quem Napoleão, triumphante, reconheceu o estofo inconfundivel de representante genuino da humanidade.

Tão a preceito desenvolveu a sua allocução, que foi logo emprazado para nos dar, em vernaculo, a verdadeira interpretação dos mysterios do segundo Fausto, que têm resistido a mais de uma tentativa de decifração.

Acceitasse, ou não, o encargo, bastaria a indicação do seu nome para empreza tamanha, como indicio de que, em verdade, não lhe destoaria das aptidões multi-formes.

Certo, o campo de suas actividades predilectas não se avizinha dos laboratorios do Dr. Fausto, a que só vae nas escapadas de affazeres prementes, abrazado nos mesmos anseios de aprender os segredos da vida.

Para supreendel-os, em qualquer das suas manifestações, tanto enverga o simples avental, de que se reveste na labuta diaria do Museu, que dirige, como a vestimenta do explorador, prompto a valer-se de todas as oportunidades para esquadrinhar algum rincão promissor de colheitas scientificas.

De uma feita, foi ter a Matto-Grosso, que lhe proporcionou o maior thesouro com que poderia sonhar a sua ambição de pesquisador.

Era a terra virgem, de olhos profanos ainda poupada, que se lhe offerecia á observação investigadora,

com todos os seus habitantes, mergulhados em plena -
éra pre-cabraliana.

Teve, então, ao seu dispor a multidão de remanescentes medievaes, para quem a humanidade se resumia em suas tribus e as vizinhas, fossem alliadas, ou inimigas.

Se Vaz Caminha os tivesse observado julgal-os-ia, sem duvida, mais atrazados que os litoraneos, conhecedores da navegação e de relativo conforto.

Como se, de repente, desse magico salto para traz, na cadeia dos seculos, para desandar quatro, ou cinco, achou-se em meio de verdadeiros autochtones, não contaminados ainda por nenhuma influencia civilisadora.

Examinou-os attentamente. Mediu-os quanto pode. E ao cabo, enfeixou as suas observações em RONDONIA, que lhe alicerçou o renome.

E os nhambiquaras penetraram, destarte, pelas mãos de um douto, nos gremios dos sabedores, de cujas cogitações não mais desertariam.

Constituiam, de facto, uma das poucas reservas, que o mundo poderá conter, de vida primitiva, em sua mais curiosa apresentação.

Igual fortuna Von Stein desfructara, ainda no crepusculo da monarchia, quando empreendera a exploração do Xingú, onde pareciam morar os derradeiros indigenas desconhecidos.

Algumas de suas tribus ribeirinhas, de facto, não tinham ainda posto os seus olhos em nenhum civilizado, que outras conheciam embora não lhe frequentassem os povcados.

Lá pelo noroeste matogrossense, máior se dilataria o dominio ignorado, que jazia á margem da civilização, impenetravel ás correntes colonizadoras, que iam de Cuiabá, à sombra dos seringaes, como das que roteavam o Guaporé e Madeira, pelo Occidente e Norte.

... Não se vae, porém, impunemente a Mato-Grosso desvendar-lhe os segredos mais indevassaveis, sem lhe sentir os sortilegios inevitaveis.

Roquette Pinto não seria o primeiro. Nem porventura o derradeiro da coorte de passeantes, que regressaram com a marca indelevel insculpida em seu subconsciente.

Outros evidenciaram analogo effeito em proporções mais exaltadas.

A' maneira de Lindmann, naturalista sueco, em excursões scientificas pela America do Sul, que entrou na sympathia de Cuiabá, a ponto de lá deixar amigos, com quem se correspondia até se despedir do mundo.

De escriptores, como Taunay, que de uma tragica expedição por terras mattogrossenses, armazenaria impressões, que lhe repontariam em toda a esplendida bagagem literaria, a denunciar, até a ultima hora da vida, a intensidade de influencia causada por aquellas paragens, quando não tambem pela gente com quem tratou.

No tempo em que permanecia na Capital um Arsenal de Marinha, com a respectiva guarnição naval, ca sos sem conta se enumeram de officiaes, que, deixando a carreira movimentada, ancoravam naquelle porto, mais assignalados pelo cunho regional do que os viajores de attenção voltada par a sua apressada commissão.

Alves de Barros, que trazia fama de lutador experimentado, Wanderley, que airosamente defendia a fama de intelligencia, commum aos apparentados a Cotegipe, Novis, tambem engalhado na Bahia, para irradiar o nome, em digna descendencia, pela terra adoptiva, Soido, e tantos outros, eram testemunhas espontaneas do poder assimilador da terra longinqua,

E, maior que todos, Leverger, um desgarrado do litoral da Bretanha, a quem se abriam promissoras possibilidades de attingir o mais alto posto na carreira, em

que lograra a amizade de companheiros do porte de Barroso, com quem se correspondia, para não esquecer os tempos idos, de quando não suspeitára pudesse jamais encontrar em Cuiabá a sua razão de existir, que lhe imprimiu differente finalidade á acção, garantindo-lhe a gratidão da Posteridade por motivos estranhos á actividade do marujo.

Não chegou Roquette Pinto a extremos taes, na breve peregrinação pelo recesso dos sertões matogrossenses.

Mas de lá tornou sob analogo influxo, que não se restringiu a transparecer apenas na obra magistral da "Rondonia", elaborada pelo naturalista sagaz. Aflora, a espaços, em outros escriptos, a que imprime feição pintoresca, pelo ambiente peculiar e figuras inconfundiveis.

Assim, nesta collectanea, composta por desfastio, nos vagares que lhe permite a vida intensa de pesquisas scientificas, mais de uma vez evoca scenas e quadros, que lhe feriram a retentiva em Matto-Grosso.

Em "Mata devoradora", associou o drama regional dos destemerosos, que se internavam, seringaes a dentro, em procura de ouro negro, que lhes proporcionasse recursos, facilitadores da realização das suas aspirações sentimentaes, com a interferencia perturbadora de forasteiros, no esquecimento dos juramentos de amor.

Emquanto o seringueiro, estonteado pelo impaldismo, exaltava-se nos paroxismos do delirio, que o transviou, á procura do prometido mimo á sua bem amada, o substituto, em progressiva intimidade, lhe tomava o lugar na affeição, até a scena final em que o maleitoso, agonizante, mal chega a tempo de presenciar a sua completa desventura.

Em outras circumstancias vingar-se-ia por ventura, da injuria inflingida ao seu brio de caboclo. Agora, reduzido, pelo soffrimento, a phantasma do que fôra, mal pode articular sumido som, em lembrança da perdida esperança. E tombou desfallecido.

A vingança, que o abatimento impediu, neste lance, armou a mão de outro enamorado, responsável pelo fim trágico do patrão, que lhe castigára cruelmente a audácia de cortejar a sua filha. Lanharam-lhe o rosto a chicote.

Mas, em breve prazo, pereceu, nos braços constrictores da sucury, a cujo bote o perseguidor offercera o corpo inerte do offensor, que despertára da sesta, á sombra de acolhedora figueira, quando sentiu em torno de si a fita pegajosa da repellente frequentadora dos brejaes traiçoeiros.

Emquadrara-se a tragedia em panorama adequado, que o escriptor esboça ao vivo.

“O rio Sipotuba morre no alto Paraguay, em Mato Grosso, depois de um curso accidentado e bonito.

Não é muito largo, mas cavou um leito fundo nas terras baixas do valle e corre apressado, na maior parte do seu trajecto, apertando-se nos sulcos que traçou na diabase dos primeiros andaimes da serra dos Parecis.

Nenhum rio se adorna de matas mais viçosas. E como é quasi sem praias e quasi occulto pelo arvoredo, parece um immenso igapó numa clareira da floresta”.

Nesse meio, tudo se caracterizava por movimento e luta.

“A vida tumultua nas matas do Sipotuba.

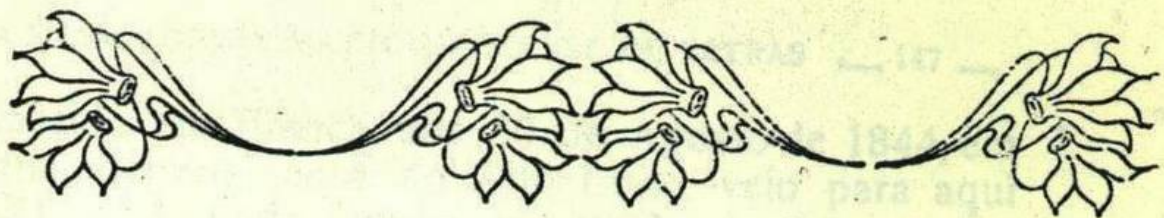
Os sitiantes vivem lutando. A terra é fertil demais. A onça, o sucury, o jacaré são ousados ladrões da criação domestica”.

E assim continua a narrativa, attribuida ao caboclo observador, que testemunhara parte da scena tragica desenvolvida no bojo de uma canôa, posta a rodar pela vingança.

E' das mais impressionantes do volume, em que, aliás, o naturalista comprova excellentemente os seus dons de escriptor correcto sem pedantismo de linguagem, e douto, mas isento da soberbia da sua cultura admiravel.

V. Corrêa Filho





3 de abril

A data que epigrapha estas linhas é uma das que não podem ficar no olvido, sem que a Justiça clame contra esse crime, porque não é senão crime, e crime imperdoavel, não se perpetuar devidamente a memoria daquelle que foi benemerito á collectividade, fóra do circulo da sua familia e amigos, dos seus interesses individuaes, sem alarde e sem ostentação, não visando glorias, nem as honras terrenas que sempre despresou.

3 de abril lembra o dia em que, aos 81 annos de idade, finalizando uma vida laboriosa, util e benemerita, entregou ao Creador a sua bella alma João Pedro Gardés, o decano dos nossos professores secundarios, a mais bella e de mais duradouro brilho, das estrellas que fulguraram nessa época no céo intellectual da nossa terra.

Nascido em França, aos 30 de Agosto de 1844, em Lausanne, departamento do Alto Loire, veio para aqui em 1871, contituindo familia em 1883.

Bacharel em Lettras pela Academia de Grenoble, foi um dos espiritos mais lucidos que tenho conhecido.

Mostrando-se profundo conhecedor das linguas e sciencias, não havia assumpto que ignorasse, antes se mostrava de cada materia portador de sãos conhecimentos, tendo noções uteis, agradaveis e proveitosas em todos os ramos da sciencia humana.

Não seria demais lembrar-me aqui de factos da minha infancia e juventude, em grande parte estão elle integrados á vida do mestre querido, que foi como que o meu guia durante muitos lustros, até a sua morte.

Quando se deu a equiparação do Lyceu Cuiabano ao Gynnasio Pedro II ouvimos dizer que deveriamos estudar o grego.

Surgiam commentarios sobre o professor, qual fôra essa uma grande novidade.

Surpreza e contentamento quando appareceu Gardés, na sua modestia e bondade, para nos dar a aula daquella lingua morta, com a mesma simplicidade e maestria que faziam as suas aulas tão queridas.

O que sobretudo deixou bem marcados os traços caracteristicos do velho mestre, como bem fez notar o Desembargador Mesquita no seu "Elogio Funebre" em uma Sessão do Instituto Historico, foram a franqueza e a pontualidade que não transgredia, por preceito nenhum.

Não era segredo a grande predilecção que tinha elle por mim no Lyceu.

Um examinador, então estranho no estabelecimento, o Snr. Hans Stibich, que foi mais tarde meu professor, deu-me um 10 ao examinar-me o Inglez no 3º anno do curso.

Gardés secundou-o dando-me 8.

Admirado, aquelle Professor perguntou-lhe: “Não a julgaes optima? —” Eh! Ora pois! Eu que sou seu professor não sou optimo em inglez!”

Até aqui a franqueza. Vamos estudal-o na pontualidade.

Eu era a unica alumna que devia ir a uma aula sua a 10 de Agosto de 1907.

Data natalicia do meu pae, ia, com os da minha Familia, passar fóra da cidade. Pedi-lhe uma dispensa, a primeira que eu lhe pedia no 6º anno, cujas aulas cursava no Lyceu.

Gardés negou-m’a.

—Então eu lhe dispenso, disse-lhe brincando. A aula era só para mim, eu não venho.

—Eu virei para verificar que a Snra. não veio!

E assim tratava o Professor aquella alumna a quem dedicava um desvelo paternal.

Não é só do professor que eu devo fallar. Foi um grande amigo da pobreza, um cuiabano digno da maior veneração.

A actual Praça Moreira Cabral, em cujas immediações fixou residencia, encontrou nelle um dos mais esforçados trabalhadores, quer promovendo construcções, quer procurando levar aos moradores o conforto necessario

Foi nesse nobre intento que se empenhou, doando o terreno ao Estado, para construir em 1898, mais ou menos, nesse bairro, a casa onde funciona a “Escola Publica Pedro Gardés”, um dos melhores e mais adaptaveis dos predios escolares de então.

Pena é que sómente este estabelecimento guarde em Cuiabá o seu nome por tanto e tão justos motivos benemerito.

Nós, as da “A Violeta”, reconhecendo o seu grande valor, para exemplo dos vindouros, deixamos-lhe aqui consignado o tributo da nossa veneração.

É uma homenagem que prestamos ao saber e á virtude.

“A felicidade (diz um excerto que guardo com a sua propria lettra como preciosa reliquia) a felicidade na terra, como no céu, ha de ser a consequencia logica e positiva duma cousa: a educação do nosso espirito determinando uma razão esclarecida, uma bondade firme e um coração puro.”

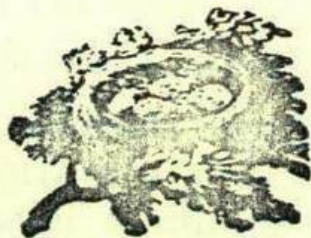
Estas tres virtudes foram o apanagio do grande Mestre.

Deve ser feliz no Céu, como foi bom na terra.

Á sua memoria, as flôres da nossa gratidão.

(D“A Violeta” orgão do “Gremio Literario Julia Lopes”, de 3 de abril de 1935).

Maria Dimpina





Trovões

A' minha irmã Macerate

Quão differentes são os que roncam aqui, nas nossas varzeas e grotas viridentes, e os que ribombam nas extensas e chatas planicies das paragens por onde andei . . .

Só os pode confundir quem não os conhece de perto, como eu os conheço, ha longos annos.

Aquelles falam-me á alma . . . estes á algibeira . . .

Aquelles dizem-me dos regatos cantantes, em tempo de verão, que recortam o sitio rustico, para mim encantador, onde passei a minha meninice . . .

Trazem-me, em suas azas, a doce e carinhosa voz de minha mãe e os prudentes conselhos de meu pae . . .

Falam-me das scenas diuturnas da vida campestre, na intimidade do lar feliz do velho casal que vê crescer e prosperar a sua numerosa prole . . .

Falam-me do açude cheio e reprezado, onde dezenas de aves aquáticas buscam o alimento diário: eram a donairoza garça imperial, o assustadiço café, o impavido tuiuiú, o alviçareiro quero-quero, as faceiras marrequinhas, as matraqueadoras curicácas e o tristonho carão-viuvo eterno, a chorar sua solidão...

Lembra-me o nostálgico e ermo cantar do urutáo, ave feia e repugnante, a quem eu cantaria com ardor, si fôra poeta, por sentir em mim alguma cousa de commum com ella—talvez o desejo de viver no seio da mata virgem, fugindo ás confusões e mentiras da sociedade...

Segredam-me as vozes dos irmãos desaparecidos: do mais velho que depois me serviu de pae e do outro, o amigo incomparavel, o companheiro de todos os momentos... e da irmã bondosa que, acolhendo as minhas travessuras, me-livrava dos eventuaes castigos.

Falam-me, em fim, de Deus, recordando me os doces momentos em que a minha santa mãe, na sua profunda fê nas doutrinas de Christo, me ensinava a recitar o Pae Nosso.

Emquanto tudo isto me segredam aquelles trovões primeiros, trovões que gosto de ouvir e que me não amedrontam, estes, os das planicies, falam-me da materialidade da vida...

Gritam-me a lucta pela existencia...

Dizem-me do progresso da humanidade, do conforto e do luxo da vida moderna, das avenidas, dos theatros, dos dancings, dos banhos à beira mar...

Falam-me das ambições, da porfia em adquirir e exhibir riquezas, montões de oiro com que se compram corações e consciencias...

Falam-me do automovel, dos aviões, do commercio, das industrias...

• Fazem referencias a Montevideo, Havre, Chicago, Hamburgo, terras que nunca vi, mas que bem as conheço...

Falam-me de tudo que é moderno, de tudo o que é bello, de bellezas materiaes, mas nunca me falaram á alma...

Oh! trovões queridos, trovões da minha humilde terra natal, quantas lembranças me trazeis...

Ribombai trovões, ribombai, quero vos escutar, no vos prolongardes p r essas mattas e grotas que por ahi vão, tão minhas conhecidas e amigas...

Ribombai trovões, ribombai, quero experimentar o agri-doce das saudades que o vosso ecoar me traz.,

Ribombai trovões, que já sinto um aperto na garganta e mais não vos posso falar...

Livramento, Setembro 1934

A. Leite de Barros



Paginas Esquecidas

Soneto

Bem longe, nas encostas d'um outeiro
Avista-se uma casa; mais adiante,
A' sombra d'um frondoso cajueiro,
Destaca-se um grammado verdejante.

Por entre um mattagal passa um ribeiro
Que sussurra nas pedras mansamente;
E, pousado nas palmas d'um coqueiro,
Gorgeia um sabiá sonoramente.

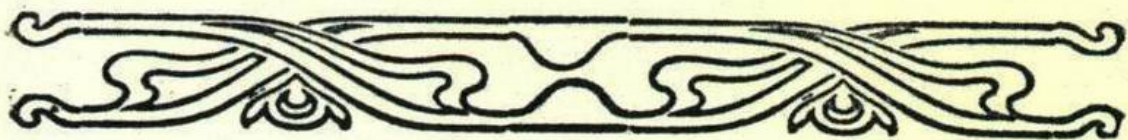
Alem um bando alegre de meninas
Garrulas, graciosas e traquinas,
Percorrem a virente campina, onde

De leve sopra a brisa mensageira.
E o sól que já trilhou sua carreira
Atraz de nuvens rubidas se esconde...

1903

Fabio M. de Lima

(Sócio correspondente do A. M. L. no Rio)



Paizagem

E' de manhãzinha.

A esta hora festiva do nascer do dia, a natureza inteira se expande alegremente: as flôres campesinas deixam pender os seus calices rociados pelo orvalho matutino e exalam perfumes doces, suaves, inebriantes; os passarinhos, contentes, saltitam pelas ramadas, desferindo modulações nos seus trinados; a brisa da manhã cicia brandamente, e tudo, tudo, se ostenta magestosamente com o romper de um dia de sól scintillante e rubro, emquanto entre margens verdurosas deslisa um rio de aguas claras, muito claras, vindas de longinquas cabeceiras sobre serranias azues.

Um carro, um pesado carro, vem rangendo pela estrada em fóra, caminho da roça; vem carregado de amarellecidas espigas que formaram a colheita da vespera, e o velho carreiro, com voz pousada, entôa uma canção serrana, ao avistar, á beira do matto, a sua casinha colmada de sapê, onde creanças sadias e garrulas divertem-se em folguedos infantis.

E a natureza inteira se expande alegremente...

O sól mais rubro, mais ardente e mais scintillante vai se elevando pouco a pouco, emquanto deslisa, e deslisa sempre, o rio de margens verdurosas e de aguas claras, muito claras, vindas de longinquas cabeceiras sobre serranias azues...

Joaquim A. de Siqueira

Paginas dos Novos

Destino do Poeta Desconhecido

Eu sou o poeta desconhecido. . .

Andei de cidade em cidade;
caminhei por vilas, grutas e montanhas;
atravessei riachos, pantanaes imensos;
venci, afinal, todas as distancias
com o mesmo heroismo selvagem
da minha tribu forte e guerreira. . .

A ilusão é a minha amiga e meu consôlo.

Trago comigo o grito aterrorizante
de um povo oprimido dentro de si mesmo. . .
A coragem dos homens rudes de minha terra
lateja em mim,
palpita no meu sangue,
e vibra, voluptuosa, em todo o meu ser.

A vida me embriaga e me aborrece. . .

Trago comigo todas as lendas boróras.
A grandeza de minha raça
Fala nos meus cinco sentidos,
dança no circulo de ouro das minhas emoções
e canta no ritmo tumultoso dos meus versos.

A felicidade me ilude, a mulher me desilude. . .

Trago comigo, á minha alma presa,
a inutil esperança da vitoria.
A bondade de minha gente
fulgura, cintilante, nos meus feitos,
rola, estuante de harmonia, nos meus gestos
e floresce, orvalhada de luz, nas minhas atitudes.

Busco sem cessar, dia e noite,
numa luta generosa e bça,
luz para a Razão, pasto para a Inteligencia.

Eu sou o poeta desconhecido.
Não sei o destino que me espera,
porque sou o proprio destino.

LOBIVAR MATTOS

(Do Arêotorare," poemas bororos)

SAUDADE

Clodomiro Bastos

Minha amiga, você me disse um dia que a saudade sintetiza muita coisa boa.

Também eu creio que a saudade é alma da gente. Quem tem alma jazigo, nunca tem saudade. Lembrança, é coisa diferente por que na lembrança não está sentimento.

Ter saudade é fazer reviver o coração. É também alegria ou tristeza, conforme seja a saudade que se sente muitas vezes, numa lembrança sentimento de horas vividas; horas dos dias que passam, porém, que não são como as outras horas, indiferentes, frias, monotonas, sempre iguais, na amplidão remota dos tempos.

Horas de saudade é coisa que não se explica.

Saudade, é palavra que não se traduz em outras línguas.

Saudade... é oração. Saudade é prece. Saudade é uma coisa... é uma coisa que não se esquece.

É essa coisa é saudade quando a gente diz: S-A-U-D-A-D-E.

Relatorio

DA

Academia Mattogrossense

de Letras

referente ao periodo social

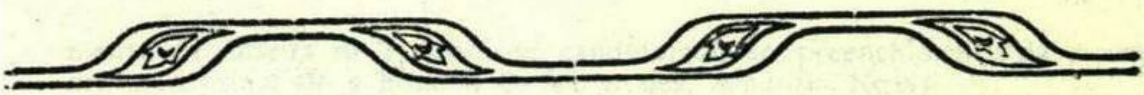
1932-1934

apresentado em sessão de 7 de

Setembro de 1934

PELO

presidente des. José de Mesquita



SENHORES ACADEMICOS:

Pela primeira vez, como presidente de Academia Mattogrossense de Letras, me incumbe dar-vos conta da actividade desse solidalicio, no periodo de sua vida social que hoje se encerra.

Quero, desde logo, significar-vos a minha gratidão pelo vosso gesto conservando-me, por expressiva unanimidade, á testa dos trabalhos da corporação, gesto a que não posso emprestar outra significação sinão a de que pretendeis a continuidade de acção desenvolvida pela Mesa, que é, com pequenas variantes, a mesma que, 13 annos atrás, investistes na direcção do "Centro" de que á "Academia" é sucessora e herdeira.

De mim, o que vos posso afirmar é que procurarei corresponder á vossa confiança, trabalhando pela nossa querida sociedade, com o mesmo afinco e dedicação com que busco supprir a falta de attributos outros que talvez a vossa generosidade cuidasse ver em mim.

E estou certo que, contando, hoje como sempre, com a vossa leal e decidida cooperação, proseguiremos, sem vacillações, no cumprimento integral do nosso programma, que outro não é, como já bastas vezes tenho dito, senão o da grandeza de nossa terra, pelo desenvolvimento da sua intellectualidade, pela propaganda da sua cultura, pela expansão cada vez maior da sua vida mental.

Cadeira n. 7

Antes de um anno da sua installação, soffreu a Academia o rude golpe de perder um dos seus prestantes membros, João Cunha, fundador da Cadeira nº 7 e que vinha exercendo as funcções de membro da Comissão de Contas e Orçamento!

Logo que teve conhecimento do seu infausto passamento, occorrido a 13 de junho do anno passado, resolveu a Academia tomar lucto por 8 dias, tendo a presidencia nomeado, para represental-a nos funeraes, uma commissão composta de academicos Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos e Franklin Cassiano falando, á beira do tumulo, o presidente em nome da mesma Academia.

Não é aqui o momento para dizer do pezar que nos trouxe a perda de tão querido companheiro, acerca de quem já, pela palavra do presidente e dos academicos Oscarino Ramos e Amarilio Novis, esta casa externou os conceitos a que fazia jus a sua nobre individualidade.

Por edital de 16 de agosto de 1935, foi aberto o concurso para provi-

cientó da cadeira nº 7, tendo-se candidatado ao preenchimento da mesma o brilhante jornalista e homem de letras des. Amarilio Novis.

Eleito unanimemente, a 16 de dezembro do anno transacto, tomou posse solemne da sua cadeira a 16 de junho deste anno, em memoravel sessão, sendo recebido pela Academia, através da palavra cálida do academico Olegario de Barros.

É assim o primeiro que nos traz o concurso da sua intelligencia e da sua cultura, após a fundação da Academia e cuidou exprimir o pensamento da casa augurando que, de futuro, nas vagas que tivermos de preencher, predomine o mesmo acertado criterio que presidiu, em bôa hora, a escôlha do digno substituto do inesquecível João Cunha.

Galeria de Patronos

Feliz iniciativa e que vai tendo auspiciosa acolhida, foi, por sem duvida, a da organização, no salão nobre da Academia, da galeria dos retratos dos seus patronos.

Teve a primazia nesse gesto, digno de applausos, o nosso illustrado confrade, academico Nilo Póvoas, offerecendo o retrato do seu patrono P. Ernesto Camillo Barreto, da cadeira n. 5, que foi inaugurado a 5 de março de 1933, proferindo o occupante da poltrona uma bella oração allusiva áquelle significativo evento.

Posteriormente, em datas de 14 de maio de 1933, 4 de fevereiro e 22 de julho do fluente anno, respectivamente, fôram inaugurados os retratos dos patronos das cadeiras nº 4 — Couto de Magalhães, — nº 3 — Barão de Melgaço — e nº 18 — Manoel Esperidião.

Os quadros, em bella e severa moldura, padronizada, são trabalhos artisticos do Photo Standart de S. Paulo, companhia muito conhecida e conceituada pela perfeição e acabamento das suas obras photographicas.

Hora literaria

Constitue justo titulo de desvanecimento para a Academia o facto de já haverem entrado nos habitos sociaes de nossa terra as "horas literarias" destinadas á leitura de trabalhos dos academicos.

As ultimas realizadas têm sido tão concorridas que o salão da casa onde funciona a Academia já se torua exiguo para conter a numerosa e selecta assistencia.

Fôram realizadas 6 horas literarias, no ultimo periodo social: a 4 de dezembro de 1932, 5 de março, 21 de maio e 5 de novembro de 1933 e 4 de fevereiro e 22 de julho deste anno, sendo a de 5 de novembro de 1933 offerecida aos academicos correspondentes Arnaldo Serra e Carlos Castro Brasil, então em visita á nossa séde social.

Revista

Por medida de ordem economica, a Revista continua a ser publicada uma vez por anno, em vez de semestralmente, sahindo com maior numero

de paginas.

O nº 2, correspondente ao corrente anno, acha-se no prelo, devendo circular por todo este mês. Continúa a impressão a ser feita nas conceituadas Officinas Profissionaes Salesianas desta Capital.

Bibliotheca

Vai progredindo, embora lentamente, a nossa bibliotheca, que accusa um augmento de mais de uma centena de obras, no ultimo periodo social, como se póde vêr da seguinte demonstração:

Em 7 de setembro de 1932:

obras: 1.045

volumes: 1.444

Em 7 de setembro de 1934:

obras: 1.181

volumes: 1.583

Accrescimo havido

obras: 136

volumes 139

Séda social

A "Casa Barão de Melgaço" de propriedade da Academia, conjuntamente com o Instituto Historico, por doação do Governo do Estado, em virtude do decreto nº 1 de 23 de novembro de 1931, confirmada por escriptura publica, precisa de grandes e inadiaveis obras de remodelação, já se tornando insufficiente para comportar as installações das duas sociedades.

É de absoluta necessidade a construcção de um salão para conferencias e festas, pois o actual já não comporta mesmo a assistencia que accorre ás nossas "horas literarias".

Afim de prover os elementos a esse fim consentaneos, nomeei uma commissão de academicos, composta dos nossos illustres confrades — Amarello Novis, Olegario de Barros e Nilo Póvoas, de cuja diligencia e carinho para as cousas da Academia temos o direito de esperar feliz encaminhamento desse importante problema.

O cargo de zelador da séda continua a ser exercido pelo snr. J. A. M. de Mendonça, com o ordenado mensal de 40\$000.

Intercambio intellectual

Vai tendo, felizmente, um surto animador, o desejado intercambio intellectual entre o nosso Estado e outras unidades federativas, graças á feliz escôlha de representantes nossos em outros Estados, que se veem esforçando pelo melhor e mutuo entendimento entre os escriptores.

Assim é que mantemos presentemente assidua troca de publicações e trabalhos com varias sociedades, merecendo destaque o Instituto Riogranden-

se de Letras, de Porto Alegre, o Circulo dos Amigos de Marden, do Espirito Santo (Muqui) a Academia de Sciencias e Letras, de S. Paulo, o Centro de Cultura Intellectual, de Campinas e outros.

Membros correspondentes

Foi enriquecido o quadro dos correspondentes da Academia com os senrs. Peri Alves de Campos, em Campo Grande, D. Martins de Oliveira, no Rio de Janeiro, Ari Martins, em Porto Alegre, nomes esses que dispensam maiores recommendações pelas credenciaes que já trazem: o primeiro é o director da Revista CIVILIZAÇÃO, publicação que nasceu victoriosa no seio da nossa imprensa e que espelha ao vivo a hodierna cultura mattogrosense; o segundo é o brilhante jornalista e escriptor, cuja obra *No pais das Carúbas* recebeu merecida laurea academica; o terceiro é o infatigavel propugnador do intercambio gaúcho — mattogrosense, poeta primoroso e jornalista de reaes meritos, a cuja operosa propaganda no glorioso Estado extremo muito já devem as letras mattogrosenses.

Relações officiaes

Continuam a ser mantidas as mesmas relações de cortezia entre o nosso gremio e os altos poderes do Estado, bem assim as demais autoridades, cujo prestígio não nos tem faltado, nas festas e actos officiaes promovidos pela Academia.

O auxilio orçamentario que vinha sendo prestado a razão de 2:400\$000 annuaes foi elevado, no exercicio de 1933, a 3:000\$000, sendo de lamentar, entretanto, que no presente exercicio, e apesar de ordenado pelo Secretario Geral seu pagamento desde varios meses, não o tenha effectuado até a presente data o Thesouro do Estado, o que não deixa de criar embaraços á vida financeira da sociedade.

Finanças

A ausencia, no momento, do nosso digno Thesoureiro, academico Franklin Cassiano da Silva, priva esta presidencia de apresentar a demonstração do estado financeiro da Academia, consubstanciado no balanço da respectiva receita e despesa, o que será feito tão logo regresse do Rio aquelle nosso illustrado confrade, a cujo encargo se encontra a escripta social.

Posso, entretanto, afirmar-vos que a Academia não tem divida alguma a saldar e conquanto, em razão da crise que afflige a todos presentemente, haja sido muito irregular a arrecadação de mensalidades e assignaturas da revista — segundo informa o nosso esforçado procurador snr. B. A. Lodom — a situação não offerece perspectivas desanimadoras.

Conclusão

Com estas informações, encerro, senrs. Academicos, o breve relato das occurencias sociaes do ultimo biennio e aproveito o ensejo para mais uma vez reafirmar-vos a véra confiança que nutro no futuro da nossa sociedade, que encontrará sempre a amparal-a os bons mattogrossenses, empenhados no desenvolvimento cultural da nossa querida terra.

Nesta hora historica em que o nosso país, retornado ao regime da lei, enceta uma nova phase da sua vida, devemos, mais do que nunca, cheics de coragem civica e de ardor patriotico, professar aquelle *credo* que pela palavra do nosso Presidente de honra ficou sendo, por assim dizer, a nossa norma de acção, desde o dia da fundação do "Centro", ha precisamente 13 annos:

"Seja, pois, a Esperança a decima Musa do nosso Parnaso.

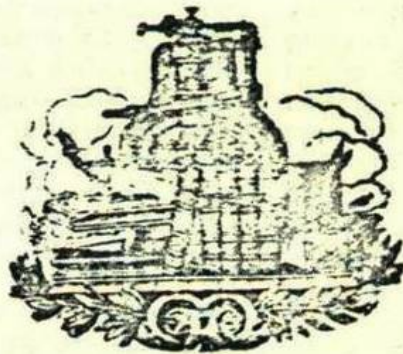
País novo, Estado novissimo, vivemos de esperanças.

Façamos a litteratura da esperança."

Senhores academicos: esperemos, porquê o que já se tem feito, nos autorisa a esperar no futuro, sem que nos caiba a pecha de visionarios.

Continuemos a trabalhar, indifferentes á chacota dos frivolos, ás investidas dos perversos e á grita dos despeitados.

Trabalhemos, porque estamos construindo não para nós, mas para os nossos porvindouros, para a grandeza de nossa terra, para o bem do Brasil.





BIBLIOGRAPHIA

O ARTISTA DA FÓRMA E DA BELESA — DE OS-
CAR DE HOLANDA CAVALCANTI — PORTO —
ALEGRE — 1925

Bilac foi, é e será, ainda por muito tempo, uma figura de extraordinária projecção na vida mental do Brasil. A par dos seus versos admiráveis, da sua actuação social e politica, na Abolição, na Republica e na Liga de Defesa Nacional, o seu espirito olympico, sereno, equilibrado resalta no meio de uma geração torturada, como qualquer cousa de apolineo e perfeito. Por outro lado, o mysterio romantico da sua vida continúa a agucar a curiosidade dos radiologistas de almas que tentam, em vão, perceber, por trás da trama das suas poesias, o motivo secreto que lh'as inspirou. Por isso, e por muitas outras causas que fôra longo enumerar, a bilaqueana avulta, dia a dia, em nossas letras, e raro o auctor, critico de profissão ou apenas chronista, que não haja procurado interpretar a esphinge que foi o poeta do "Caçador de esmeraldas"

Tentou-o, em apreciavel conferencia, o jornalista e escriptor gaúcho Oscar Holanda Cavalcanti, que subordinou o seu estudo á epigraphie "O Artista da Fôrma e da Belêsa" sub-intitulando-o — *Critica á vida e obra de Olavo Bilac.*

Logo no anteloquio, porém, elle

mesmo é quem nos esclarece tratar-se apenas do elogio de Bilac, ou «uma homenagem votada á sua memoria».

O trabalho é todo vasado num tom de constante vibração, podendo se dizer antes um hymno de louvor ao grande vate carioca que propriamente uma analyse percuciente e minuciosa da sua technica e do seu estre.

O auctor como que procurou impregnar-se dessa profunda sympathia recommendada pelo philosopho e critico dos "Herões", para melhor e mais a fundo penetrar a obra do seu artista. E poudé assim dizer, sem exagero, antes com rara precisão: «Em geral, os mais notaveis homens de letras teem ás veses tropeços, nem sempre conseguindo agradar em tudo que escrevem.

Bilac não está nesse meio. Tudo que escreveu é admiravel em perfeição. Por isso, êle foi infinitamente amado.

Foi um poeta essencialmente poeta.

Epicurista na alvorada do seu sonho, e filosofo e apostolo na calma vespertina da sua idade.

Ahi, todo o segrêdo do encanto bilaqueano.

Faz pouco, outro grande estudioso

da arte de Bilac, Affonso de Carva-
lho, no seu livro encantador «A Poe-
tica de Ulavo Bilac» nos fazia sentir,
evocando conceito de Pelletan, que,
seja nas «Poemas», como *un être
sentant*, quer no «Tarde» como *un
être pensant*, se observa a mesma
synietria, geralmente polimorfos e po-
licromicas que da ao conjuuncto
da obra de Bilac essa belleza «onde
tudo se completa, tudo se conjuga,
se harmoniza, na perfeição extrema
de um finissimo cristal.»
Efectivamente, o que mais impres-
siona na obra do poeta das «Via-
gens» é a unidade, a urdidura mara-
vilhosa dos seus versos, que, além
da perfeição da forma, souberam casar
essas notas do sentimento e do pen-
samento sem a menor dissonancia.
O Bilac da «Via lactea» é o mesmo
dos ultimos sonetos do «Tarde»,
com a differença apenas que vai da
flôr desabrochante para o fructo opi-
mo e madurecido. O jovem adoléscent-
te que, em lyrismo casto e elevado,
canta a ignota creatura cuja belleza
original lhe parece

mo as montanhas, nos espaços francos
quer os altos picarros, a altura
fazem da nave que hez sobre os flancos»
(Via lactea, VIII)

é o mesmo que, ao declinar lento do
dia, proclama, delicadamente, que

«O verdadeiro amor, hora, ou desgraca
Gozo ou supplicio, no intimo lecho-
Kanca o entrequet ao publico recreio,
humano e expuz indiscreto ao sol da praça»
(Penetralla)

Esse pudor moral, que muitos cri-
ticos superficiaes nao souberam ver
na sua obra, Holanda Cavalcanti sor-
prehendeu-lhe quando no seu ensaio
assim se exprime, revelando feliz ob-
servação: «Vivendo embora neste en-

Junho MCMXXV
Ano de Mesquita

Posso estar errado. Será talvez, dos
meus quarenta annos, do muito de-
sencanto que a vida, ao passar, vai
deixando em nós. . . . Pretiro ao Bilac
ardente que o seu apologeta gauchão
nos descreve como um egipian no me-
io das nymphas, esse grande pensa-
dor, melancolico e profundo, que,
prestes a fechar os olhos para o
Mysterio eterno, deu a sua terra «u-
ma obra de bondade quasi biblica».
Porque si a belleza é o melhor dom
do alto a Bondade é a maior das
Bellezas — porque é a Belleza que
nao passa.

nalidade vitoriosa.»
mo enfermo do Brasil, para uma fi-
torrente da sua oratoria, o organis-
floração da grandeza, e levanta, na
novas o ardor do heroismo, para a
tria, quando «prega ás multidões
acedo sublime da redempção da Pa-
altares venusinos, transformara-se no
ta que tanto incenso queimara nos
florida de Holanda Cavalcanti, o poc-
E vemos, por entre a linguagem
luarada da saudade.
manhan radiosa do sonho a noite en-
e todo esse cyclo epico que vai da
lebrou a Patria, a Natureza, a Morte
plendor durado do seu outono, ce-
Mnezarete e de Lais — que, no es-
soutro Bilac — maior que o cantor de
abengoando tudo e tudo amando» es-
luminoso, «aparece perdando tudo,
lac que, na gloria do seu entardecer
victorioso.» Não esquece, porém, o Bi-
reiros, a homenagem do seu canto
deuses e symbolos, filiosos e guer-
e os herois de Esparta, e tecu a
e glorificou os marmores de Athenas
cedemonia o azul da sua inspiração»
hellenico que «deben do céu da La-
Hollanda Cavalcanti exalta o Bilac
nho e da esperança.»
batario e só entre os mitos do so-
por nem uma mulher, acabando celli-
guerras fadas, o vate se não definiu
cantado paz de verdes selvas e tri-



ITAMONTE

-- Almeida Cousin -- Victoria

-- 1931

As pessoas que não conhecem o grande poeta Almeida Cousin na intimidade não sabem avaliar o valor da sua personalidade intellectual. Tive o grande prazer de passar algumas horas na sua residencia em Jucutu-guara, arrabalde de Victoria, e lá o querido vate leu, para eu ouvir, o seu proximo livro "O Amor de D. João", poemeto lyrico. Foi durante aquellas apraziveis horas que fiquei conhecendo melhor o verdadeiro Cousin da intimidade.

Falando a respeito dos destinos do Brasil notei que o poeta é um grande idealista. Verificar-se-á melhor quando eu estiver fallando com o autor de Itamonte. Porque elle ama mais do que ninguem este céu brasileiro onde vemos scintillar com tanto brilho o "Cruzeiro do Sul"—sentinella avarçada dos filhos que nasceram no rincão sul-americano.

Almeida Cousin publicou em 1931, o seu grande livro "Itamonte" que é uma verdadeira Epopéa Brasilista.

Desnecessario se faz a apresentação do autor de "Itamonte".

Quem não o conhece através dos seus abalisados escriptos distribuidos pela conceituada Agencia "Lux-Jornal"?

Naturalmente que ninguem. No seu livro, onde o autor procurou focalizar, baseado em documentos, os prin-

cipaes factos historicos da nossa nacionalidade, vê-se o seu devotamento por aquelles nossos irmãos que pagaram com a vida o bem que fizeram pela formação da nossa Patria e pelo aperfeçoamento da nossa raça.

Cousin realça com grande facilidade as figuras tradicionaes de Tiradentes, Claudio Manoel da Costa, Anchieta, Cunhãbebe, Caramurú, Marcos de Azeredo, Zumbi, Paschoal da Silva Guimarães, José Joaquim Maria, Francisco de Paulo, Alvarenga Peixoto, Gonzaga e outros que, directa ou indirectamente, contribuíram na formação da Historia Patria.

O autor do "Itamonte" descreve minuciosamente os principaes episodios historicos da gloriosa e altiva Minas Geraes, o coração amantissimo da Patria.

Na primeira parte vejo uma bella descripção sobre a tradicional e historica cidade de Ouro Preto, onde "vio os dramas cruéis de sangue e assassinato—ante o sombrio horror do olhar virgem do matto..."

E já no fim do seu poema, com os olhos fitos no futuro da nossa Patria, destaco um pequeno trecho que é uma forte advertencia aos actuaes responsáveis pelos nossos desatinos administrativos.

Vejam os:

*É o resto? O resto é nada! É a canaleta da rua;
É o Jéca do sertão, trabalhador que súa
No cubo de uma enxada, entregue ás verminoses;
É a chlorotica moça ao tear, que as bissioses
Hão de levar ... É o povo, — uns quasi irrationaes ...*

*Ha doenças? O descaso as chama tropicaes ...
E vaguem nos sertões em catervas ascosas
Os bandos da morphéa, abrindo a carne em rosas
De corolas de sangue e gyreccus de puz!
Como és solida e forte, ó Nau de Santa Cruz!
Que nem pôdem quebrar-te os pilotos portentos
Que o estomago, em Vichy curam ... dos orçamentos!*

Na segunda parte de "Itimonte" ha um pequeno estudo sobre a origem da nossa raça, n. s. povo primitivo, os seus costumes e a sua indole. Um estudo psychologico do homem selvagem.

Na terceira parte vem o hymno de brasilidade, nascido nas campinas verdejantes de Minas Geraes, onde o autor procurou estudar com eficiencia o episodio do nosso descobrimento e da primeira missa celebrada em terras brasileiras. E' dahi que nasce a figura inesquecivel do grande apostolo que foi Anchieta, que tem hoje o seu nome ligado ao Espirito Santo como um dos seus mais devotados

filhos.

O perfil do Anchieta, traçado pela intelligencia fulgurante de Almeida Cousin, é o mais real que tenho lido em todos os compedios de Historia de Civilização.

De facto a figura veneravel daquele Apostolo de Christo, não poderá desaparecer da nossa imaginação; elle foi um justo para Deus e um grande bemfeitor da Humanidade.

Onde quer que fosse preciso o seu conforto espiritual ali estava o velho padre, conso'ando e confortando os que necessitavam da sua palavra de mestre.

ANCHIETA!

*Renegaste, abnegado apostolo, a familia,
O mundo, a sociedade, a civilização.
Não tiveste o carinho ingenuo de uma filha,
Nem um beijo de esposa ou um abraço de irmão.*

*Olhos fitos no céu — a corôa que brilha
Na fronte do Martyrio em tua Religião.
— Empreendeste na terra a estranha maravilhosa,
De, homem só, conquistar os indios e o Sertão! ...*

*Chocam-se Quinas, Leão da Hollanda e Leão iberica;
Negros, indios, saxões, vestes, tangas, enduapes;
Roma e Reforma — porque, ó Terra, mais te empapes
De sangue — ante o sol e a natureza feérica!*

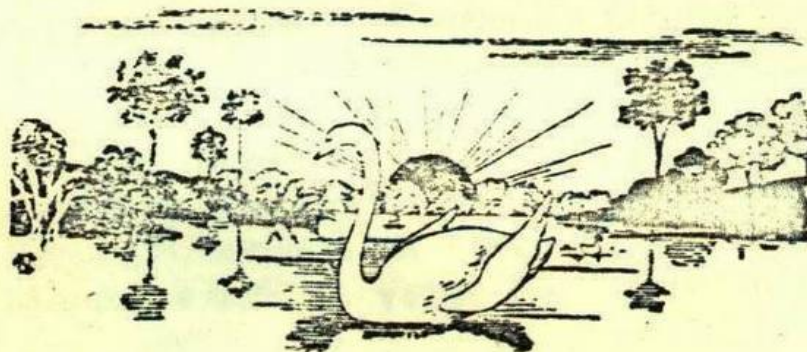
*E, enquanto o indio, o negro, o batavo e o latino,
— Heyns, Valduezas, Potys, Albuquerque, Henriques, —
Batem-se, em torvelins, aos sabores da guerra;*

*Só — contra generaes, escravos e caciques,
— O crioulo Calabar decide-lhe o destino,
Como a sentir-se o dono e o que dispõe da terra! . . .*

As melhores poesias da lavra do insigne poeta Almeida Cousin são estas: "Ouro Preto," "Atlantida," "O Descobrimenfo," "A Primeira Missa," "Anchieta," "Caramurú" "Cunnãbebe", "A Primeira Metropole," "O Rio de Janeiro" "O Sul," "O Banzo," "Norte a Sul," "Luar e Sol," "O Canto do Gigante," "O Poema do Rio Doce," "Antonio Dias," "O Ouro do Tribuhy," "Sabará," "O Rio das Mortes," "Francisco," "O Tejuco," "Araxá," "Baependy," "Encantamento," "Terra Opprimida" "O Halito das Minas", Terra Sonhadora," "Angustia Dourada," "Os confurados," "Agonia," "Os Degredados," "Tiradentes," "Apocalipse," "Credo", "Os Prophetas nas lrevas," "Os Lobos" "Muito Longe," "America," e "Ultimo Canto."

José Victorino

(Presidente do Circulo dos A ig de Marden e correspondente do A. Mattogrossense)



Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

I

Livros e folhetos

D. Aquino Corrêa — Elevação da Mulher (discurso paranympthal)

B. Nicoláo dos Santos — Sonometria e Musica

Roberto Simonsen — Ordem economica

Gustaro Dale — Homem novo

Lobivar Mattos — Arêotorare (poema bororos)

Fernando Albino — Sonhar

Pery de Castro — Coisas do meu pago

Argeu Veiga — ESCRINIO de amor e de ternura, Amor e dever e Canta, meu coração!

Araaldo Nunes — A Escalada e Relampagos

Pedro de Medeiros — 13 de Junho (poêma)

Veiga Miranda — A successão de Coelho Netto

Manoel Viotti — Veiga Filho (esboço bio-bibliographico)

João Carminati — Casa pobre

Salles Filho — Tres annos de administração (Imprensa Nacional)

Fundação Pandiá Calogeras — Calogeras na opinião dos seus contemporaneos.

II

Revistas

Revista da Academia Brasileira de Letras — nº 148
a 162

Revista do Professor — de S. Paulo

Civilização e Folha da Serra e Cruzeiro do Sul — de
Campo-Grande

Ouro Verde — de Baurú

Boletim de Nhecolandia — de Corumbá

Revista da Academia de Letras da Bahia

*Revista do Instituto Historico e Geographico do R. G.
do Sul*

Revista da Academia Sergipana de Letras

Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo

Revista Nacional de Educa ão — do M.º E. e S. P.

Revista do Instituto Historico de M-Grosso

Boletim de Hygiene Ocular — C. Grande

A Violeta — Órgam do Gremio J. Lopes — Cuiabá

III

Jornaes

Gazeta official

A Cruz

O Matto Grosso

O Evolucionista

A Penna Evangelica

O Jornal do Commercio

Vida Escolar

A Rozão

A Fronteira

A Gazeta do Commercio

O Tres Lagôas

O Clarim

Rio das Garças — de Lageado

Correio de Mathias — de Mathias Barbosa (Minas)

} de Cuiabá

{ de C. Grande

{ de Cáceres

{ de T. Lagôas

FUNDAÇÃO
FUNDAÇÃO GERAL
BIBLIOTECA
BIBLIOTECA
Reg. n.º 177631
Rev.
Data 18-05-18